

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

CURSO PARA FORMAÇÃO DE ANALISTA

LUIS FERNANDO NIERI DE TOLEDO SOARES

**JUNG, FREUD, O AMOR, O PAI,
A RELIGIÃO E A SEXUALIDADE**

SÃO PAULO

2011

LUIS FERNANDO NIERI DE TOLEDO SOARES

**JUNG, FREUD, O AMOR, O PAI,
A RELIGIÃO E A SEXUALIDADE**

Monografia apresentada no curso de formação para analista à Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Curso de formação para analista para a sua conclusão.

Orientação: Dr. Tito R. de Albuquerque Cavalcanti

SÃO PAULO

2011

LUIS FERNANDO NIERI DE TOLEDO SOARES

**JUNG, FREUD, O AMOR, O PAI,
A RELIGIÃO E A SEXUALIDADE**

Monografia apresentada no curso de formação para analista à Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Curso de formação para analista para a sua conclusão.

Data da defesa:

BANCA EXAMINADORA

Renata Barboza Ferraz

Brenda Gottlieb

Raquel Maria Porto Montellano

Ao meu pai, cuja falta ainda é dolorosa. Homem íntegro, amoroso, correto e justo. Que tanto carinho me deu, de quem herdei minha sensibilidade e habilidade musical. Ensinou-me a ser honesto comigo mesmo. Que mesmo em seu silêncio discreto deixou marca profunda em minha personalidade e tocou a vida de incontáveis almas. Saudades meu pai, saudades...

Agradecimentos

Mais do que agradecer eu gostaria de homenagear algumas pessoas que simplesmente foram vitais em meu processo. Não apenas para a realização desse trabalho, mas para essa passagem que estou realizando em minha vida. Começo meu agradecimento pela oportunidade que tive de participar desse processo de formação na Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Foi caro, foi duro, mas valeu cada centavo e cada gota de suor gastos. Embora agradecer nosso orientador já esteja implícito na manufatura de qualquer trabalho, quero agradecer ao Títo, por sua paciência em esperar que meu processo se realizasse e pela confiança de que eu conseguiria fazer essa travessia. Agradeço a meu analista Roberto Gambini pela amizade, pelo carinho com que trata minhas questões e por me ajudar a encontrar coragem para que eu cumprisse meus desígnios. Por ter acreditado em meu pensamento e ter me ensinado a amar minha imperfeição. Agradeço também aos meus irmãos/amigos Glauco, Luis Paulo e Fernando que agüentaram tanta ausência nestes últimos anos e continuam amigos.

Agradeço ainda aos meus irmãos, Júlio e Ana Paula, por serem modelos, por serem amigos, pelo amor que, apesar da distância física, trocamos sempre. A minha mãe, pela personalidade forte, pela perseverança, pelo carinho e pelo amor que sempre nos dedicou.

Agradeço do fundo de meu coração à minha mulher Iara Patarra de Toledo Soares, porque sem você esse trabalho não existiria. Por tua generosidade em compartilhar, em escutar, em contar comigo, em ser minha namorada, companheira e amiga. E por tua delicadeza feminina que tanto me ensinou e ainda por amar a minha imperfeição. Agradeço a meus filhos Henrique e Rodrigo, cujos abraços, os beijos, as brincadeiras e mal-criações me trouxeram tantas vezes de volta ao mundo real. Cujo amor me traz eixo e sentido, quando estes se perdem.

"... Ninguém pode fazer história se não quiser arriscar a própria pele, levando até o fim a experiência de sua própria vida, e deixar bem claro que sua vida não é uma continuação do passado, mas um novo começo. Continuar é uma tarefa que até os animais são capazes de fazer; mas começar, inovar é a única prerrogativa do homem que o coloca acima dos animais." (JUNG, 1927 A, par. 268)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo o entendimento da relação de Jung com o tema sexualidade. Baseado na impressão de que este foi negligenciado em sua obra e de que tal fato poderia ter suas razões ligadas a seu relacionamento com Freud. Lanço luz sobre a correspondência completa entre Freud e Jung, e sobre tudo o que Jung escreveu sobre sexualidade, para, dessa forma, examinar este relacionamento tanto do ponto de vista do amor que se desenvolveu entre nossos queridos mestres como da relação fraternal que ali se constelou. Esse dois caminhos desembocam no rompimento da relação que deixa suas conseqüências na obra de Jung, que são examinadas explorando-se aquilo que Jung escreve sobre o tema sexualidade antes e depois deste evento.

PALAVRAS CHAVE: Jung; Freud; Sexualidade; Correspondência; Pai; Amor; Paixão.

Abstract

This paper aims at understanding the relation between Jung and sexuality, based upon the impression that such topic was neglected in his work due to his relationship with Freud. Their full correspondence is examined, as well as everything Jung wrote about sexuality, so as to analyze this relationship both in terms of the love that arose between these masters, and the fraternal bond therein established. Both paths led to the breakup of this relationship, whose consequences were reflected in Jung's production and are studied here through the exploration of his writings on sexuality before and after such event.

Keywords: Jung; Freud; Sexuality; Correspondence; Father, Love, Passion

Sumário

Introdução	9
1. Jung, Freud e o Amor	14
2. Jung, Freud e o Pai	27
3. A Discórdia e a Separação	54
4. A sexualidade e a Religião	87
5. Considerações Finais	105
Referências Bibliográficas	107

Introdução

"... devemos alegrar-nos pelo fato de haver pessoas que têm a coragem do exagero e da unilateralidade. É a estas pessoas que devemos as descobertas científicas. Lamentamos apenas que cada um defenda apaixonadamente sua unilateralidade. As teorias científicas são apenas sugestões de como se poderiam considerar as coisas." (JUNG, 1912, par. 241)

Não há como negar a importância psicológica da sexualidade. De qualquer ângulo que olhemos, ela se mostra presente em nosso cotidiano. Difícil passar um dia inteiro sem que ela cruze nosso pensamento. Seja porque somos bombardeados com informações e estímulos nesse sentido, seja porque nossos hormônios não nos deixam em paz. Fato é que vivemos numa sociedade que valoriza a sexualidade, se preocupa com a mesma e lhe dá um grande valor. Livros e mais livros foram escritos a respeito dela, peças de teatro foram encenadas, filmes foram produzidos, teorias psicológicas, baseadas exclusivamente nela, foram criadas. Entretanto, o assunto parece nunca se esgotar. É como se a sexualidade se recusasse a ser encarcerada, como se ela não coubesse em nenhuma das caixas onde tentamos pô-la.

Segundo Timothy Taylor, um arqueólogo evolucionista britânico, tornamo-nos humanos, como hoje nos conhecemos, através do que ele chama de seleção sexual. Essa teoria diz que não foi a sobrevivência do mais apto, ou do mais forte, que selecionou as características que hoje possuímos, pois isso não faria sentido do ponto de vista evolucionário. Temos uma cabeça muito grande e um canal de parto muito pequeno para sermos viáveis do ponto de vista biológico. Ainda por cima, nascemos muito imaturos e necessitamos de um tempo demasiadamente grande de cuidados pós parto. Ele defende a teoria de que essa escolha se deu por atração e desejo sexuais. Através daquilo que se tornou belo aos olhos de nossos ancestrais mais longínquos. Nesse mesmo texto ele traça nosso passado sexual, desde os tempos mais remotos, até o aparecimento do homo sapiens e nossa cultura. Mostra, através de fartos exemplos, o quanto somos influenciados pela sexualidade, cujas manifestações remontam aos primórdios do aparecimento da cultura, juntamente com a religião.

Como também sou humano, interesse-me pela sexualidade. Dessa forma, queria escrever sobre o assunto, pois percebia que muito poderia ser dito sobre a sexualidade,

cruzando-a com todos os conceitos psicológicos desenvolvidos por Jung. Conforme fui pensando no assunto e vivendo coisas em minha vida, fui percebendo, por exemplo, o quanto o Animus e a Anima interferem no relacionamento sexual. Por vezes atrapalhando, impedindo o mesmo, e em outras ajudando o encontro. Percebi que a sombra também pode se manifestar através da sexualidade assim como também podemos vivenciar nossa religiosidade através dela. Entretanto, essas eram apenas conjecturas a respeito desse vasto assunto. Eu precisava saber, inicialmente, o que Jung havia escrito sobre esse tema. Dessa forma, comecei a pesquisar tudo o que Jung havia escrito sobre sexualidade e organizei esses escritos por data de publicação. Conforme fui lendo o que encontrava em sua obra, fui ficando bastante intrigado com o fato de o próprio Jung não haver explorado esse rico material em profundidade. Encontrei reflexões muito interessantes em seus escritos, mas o material era escasso e sensivelmente menos explorado do que outros temas sobre os quais Jung se debruçou. Isso me animou a dar continuidade a meu trabalho, pois percebi o quanto este poderia ser inédito. Entretanto, precisava começar por algum lugar e verifiquei que o volume do que me propus a fazer era demasiado grande. Decidi que eu deveria encontrar um fundamento histórico para falar sobre sexualidade, sem enveredar pela psicanálise, pois isso não era o que eu desejava. Foi assim que entrei em contato com o supracitado trabalho de Timothy Taylor.

Para mim era muito fácil ter intuições e ideias, essas me vinham facilmente e eu as tinha da mesma maneira como as esquecia. Meu grande desafio era conseguir usar minha criatividade a serviço de minha vontade de produzir algo concreto. Quando comecei a escrever encontrei muitas dificuldades. Fui percebendo que a tarefa que tinha pela frente era mais complicada do que eu poderia imaginar. Não conseguia passar aquilo que surgia em mim para o papel. Fui anotando, a partir de então, todas as minhas intuições e pensamentos num caderno, mas mesmo assim não conseguia escrever uma linha sequer de meu trabalho. Num determinado momento, lendo o livro de Taylor, comecei a escrever, como se algo se tivesse destravado e, assim, um capítulo inteiro sobre a história da sexualidade surgiu diante de meus olhos. Entretanto, não conseguia ficar feliz com meu trabalho, e tudo me parecia muito pouco interessante ou mal escrito.

Este foi um momento delicado, pois tive a impressão de que aquilo que já era difícil antes, ficou ainda pior. Como se minha criatividade houvesse desaparecido, me abandonado e eu não consegui escrever mais nada. Estava sendo demasiadamente crítico comigo mesmo, sabia desse fato, mas nada podia fazer a respeito a não ser ficar com essa dificuldade,

trabalhando-a em mim, tanto em minha análise pessoal como nos momento em que me dedicava à monografia. Fui gradativamente percebendo que havia encontrado um muro, parecia que minha criatividade havia se esgotado e que ali era o "fim da linha". Em um exercício de imaginação ativa vi que, atrás do muro, existia um jardim, um jardim cheio de canteiros onde se podia ver vários "amores perfeitos". Essa flor, em italiano também é conhecida como "viola del pensiero", ou "viola do pensamento" em português. Claro que, naquele momento, eu ainda não tinha conhecimento desse fato. Entretanto, o mais interessante de tudo isso era que meu maior receio em relação ao meu processo criativo era o de sucumbir ao desejo de abandoná-lo.

Vou contar-lhes o porquê de meu receio. Quando "decidi" ser psicólogo, aos 16 anos de idade, também me apaixonei pelo piano. Não que essas duas paixões estivessem ligadas, muito ao contrário, eram, naquele momento, paixões muito distintas em minha alma. Comecei a me dedicar com muito afinco ao estudo do piano, pois já sabia que era "velho" caso quisesse seguir como pianista profissional. Percebi, dessa forma, que tinha muita facilidade para o piano e era considerado como alguém com uma musicalidade e sensibilidade acima da média. Entretanto, em meu primeiro recital público, percebi que estava muito nervoso e com muito medo de errar. Ali já se manifestava uma autocrítica bastante severa. No momento em que eu executava uma linda valsa de Chopin, conhecida como "Valsa do Adeus", fui acometido por uma falta de memória completa, não conseguindo completar a música, por mais que tentasse recomeçá-la. Dessa maneira, por uma absoluta falta de consciência do que estava fazendo, abandonei a possibilidade de me apresentar em público tocando piano. Não queria ter que passar por aquela experiência novamente. Mas, como nada é gratuito no processo da vida, acabei por desenvolver uma aversão às aparições públicas de qualquer espécie, embora eu tenha até me aventurado a dar algumas poucas aulas sobre psicologia. Não era um lugar confortável para mim. Por isso eu sabia que corria o mesmo risco com esse trabalho, pois escrever uma monografia não deixa de ser uma exposição de nossa criatividade e sensibilidade. Assim, apresentava-se um grande desafio à minha frente, o de ser capaz de reparar meu passado ao mesmo tempo de escrever um trabalho que tinha a ver comigo e com meu processo psíquico mais profundo. Era como se eu tivesse que cumprir a tarefa do pensamento, tocar o instrumento do pensamento em público para depois poder fazer outras coisas com minha sensibilidade/criatividade. Para juntar todos os símbolos aqui apresentados, minha tarefa consistia em conseguir ser capaz de amar a imperfeição de meu pensamento, "amor perfeito"="viola do pensamento".

Neste momento, entretanto, eu ainda não fazia idéia do que estava por vir. Pois eu ainda não havia entrado, de fato, em contato com as dificuldades e com as tormentas que são peculiares dos processos psíquicos profundos. Foi-me sugerido que lesse as cartas entre Freud e Jung, pois a hipótese que me surgiu, neste momento, foi a de que Jung não havia escrito sobre sexualidade por conta de seu relacionamento com Freud. Li a correspondência completa em poucas semanas, pois o material ali presente me fazia um enorme sentido, e era como se eu estivesse penetrando no psiquismo de Jung. Eu torcia, ficava bravo com Freud, com Bleuler, até com o próprio Jung, enfim, lia a correspondência como se fosse um romance muito apaixonante. Emocionando-me e me entregando à minha sensibilidade. Apesar de já ter uma idéia do que escrever, ainda não conseguia fazê-lo. Foi neste momento que tive um sonho, ao acordar me lembrava apenas de uma voz de mulher que me dizia as seguintes palavras: "Jung e Freud, o amor, o pai, a religião e a sexualidade". Percebi, arrepiado, que a Anima me havia soprado os capítulos de minha monografia. Alguém do lado de lá, finalmente, me ajudava.

Comecei a escrever e resolvi, também, não ler nada a respeito da correspondência, pois queria estar livre para deixar que minhas impressões a respeito da mesma pudessem surgir. Em dois meses consegui escrever o texto completo. Mas foi neste ponto que as aflições do processo verdadeiramente começaram, pois junto com o processo de escrita ocorreu um mergulho em minhas questões que ali estavam sendo trabalhadas. Após uma revisão do texto realizada por três pessoas distintas, no sentido de me ajudarem com questões de ordem prática, como erros de digitação, de português, etc, percebi numa segunda leitura de meu texto, algum tempo depois, que havia julgamentos a respeito de Jung que agora já me pareciam absolutamente excessivos. Era como se um pai terrível houvesse despertado dentro de mim e, no exato momento em que o vi atuando sobre Jung, ele voltou-se contra mim. Bem verdade que, olhando para trás, ele estava o tempo todo me acompanhando de perto, pois sob seu olhar vigilante, severo e crítico eu já havia desistido do piano por conta do evento que comentei há pouco. Também havia quase desistido de terminar a monografia. O mais interessante é que, mesmo sob o ataque desse pai terrível, outro lado de minha personalidade veio à tona com muita força. A música veio cobrar seu lugar em minha vida. Vi-me com uma disposição de retomar o estudo do piano, que já há alguns anos não era levado a sério. Assim se deu meu encontro com a viola do pensamento, quando consegui tocá-la com um mínimo de destreza, minha relação com meu amado piano fora libertada. O mais interessante é que eu tinha muita dificuldade em ler partituras, coisa que também está vagarosamente se

transformando. Assim consegui nessa segunda leitura de meu trabalho ser mais condescendente em meus julgamentos para com Jung, pois percebi que todos nós temos nossos processos, e que Jung não deixava de ser também um ser humano, com tudo de bom e ruim que isso encerra.

Meu processo de elaboração do complexo paterno ainda não acabou, assim como a integração da anima também vem sendo trabalhada e assim será, provavelmente, para o resto de minha vida. De qualquer forma sinto-me mais próximo do caminho que me levará para onde tenho de ir. O processo psíquico é interminável e estou disposto a vivê-lo até o fim, de minha vida, é claro!

Vou agora falar um pouco a respeito do texto que nos espera. Como ele é fruto desse profundo processo de reflexão, ele tem todas as características que lhe são peculiares. Trabalho meu texto com duas vertentes paralelas que desembocam num determinado lugar. Vou trabalhando através da correspondência tanto a paixão/amor que acontece entre Freud e Jung, como a relação parental que ali se constrói. De forma que, nos capítulos denominados "Jung, Freud e o amor" e "Jung Freud e o pai", encontraremos diversas citações repetidas. Isso é proposital, no sentido de que olharemos para aquilo que foi escrito através desses dois ângulos distintos. Dessa maneira construo um caminho duplo que nos levará até o rompimento entre ambos, que é o terceiro capítulo. Nesse momento faço uma amarração entre os dois primeiros capítulos, mostrando como tanto a relação parental como o apaixonamento desembocaram no rompimento da relação. E, assim, no último capítulo, discorro sobre aquilo que acredito serem as conseqüências dessa relação na obra de Jung.

Dessa maneira, estou agora a descobrir meu jardim repleto de "violas do pensamento" e estou imensamente grato à obrigação de escrever esse trabalho, apesar de todo o desconforto psíquico e até físico que me causou. Sinto que estou agora mais inteiro e mais próximo de meu Eu maior do que antes. Gostaria de ter sido capaz de realizar todo esse processo num espaço de tempo mais curto, mas percebi, na pele, que os processos psíquicos levam o tempo que lhes é necessário. Minha intenção, agora, é a de me por ao trabalho de cultivar minhas flores desse jardim e ser capaz de compartilhá-las com todos vocês, seja na música ou no pensamento.

1. Jung, Freud e o Amor

"A ausência diminui as paixões pequenas e aumenta as grandes, porque o vento apaga velas e ventila um incêndio." (François de La Rochefoucauld)

Neste primeiro capítulo vou falar da relação apaixonada que aconteceu entre Freud e Jung, e da importância dessa na vida de Jung. Para tanto será necessário um mergulho profundo na troca de cartas realizadas pelos dois gênios da psicologia. Essa correspondência dura aproximadamente 7 anos. Entretanto, a primeira carta de 11 de abril de 1906, é endereçada a Jung em agradecimento ao envio de seus trabalhos para que Freud os apreciasse, e a última, de 20 de abril de 1914, é a carta de comunicação do desligamento de Jung da presidência da sociedade de psicanálise. Embora o espaço temporal entre a primeira e a última carta seja de oito anos, vou considerar que essa correspondência termina em 6 de janeiro de 1913 quando Jung aceita o desejo de Freud de abandonar suas relações pessoais.

Mas, entre o fim e o começo muita história se passou. Vamos então ver, do ponto de vista amoroso, como aconteceu essa trágica história entre os dois. Sim, houve amor entre eles, muito amor. Amor fraterno e amor parental, o qual será abordado com mais profundidade no próximo capítulo, e doses maciças de apaixonamento e suas perigosas e respectivas projeções.

Chamo de perigosas as projeções, pois o apaixonamento causa uma cegueira psicológica em quem por ela está afetado. Cegueira essa que faz com que o apaixonado veja aquilo que deseja ou que precisa ver em seu objeto de paixão. Essas coisas vistas são o que chamamos de projeção. A projeção, no caso da paixão, é perigosa porque ela pode iludir os parceiros de um relacionamento, não permitindo que estes se percebam mutuamente como humanos. Isso é perigoso, pois invariavelmente acaba em uma desilusão na qual necessariamente ocorrerá um processo de confronto com a realidade do outro, o que nem sempre é belo e lisonjeiro. Quanto maior a idealização tanto maior será a decepção decorrente do confronto com a realidade. Por outro lado, há também o aspecto positivo da paixão, pois é exatamente em sua mais ardente manifestação que encontramos, ao menos em potencial, a possibilidade do relacionamento mais rico em termos de aquisição de consciência. Essa

paixão, que funciona como aquela palha, ou aqueles galhos finos que colocamos na base de uma fogueira, tem a função de acender um fogo, que apesar de parecer mais quente no início é tão mais eficaz quanto o tempo que conseguimos mantê-lo aceso. Não estou, de forma alguma, fazendo apologia da paixão como o expoente máximo do amor, ao contrário, ela é apenas e exclusivamente a ignição de algo muito trabalhoso, arduo e imensamente recompensador que é o amor. Transformar uma ardente paixão em amor é, entretanto, uma das mais complicadas e exigentes tarefas psíquicas de que já tive a oportunidade de vivenciar. Esse processo é, provavelmente, eterno e requer doses maciças de humildade e capacidade de reflexão. Isso sem falar em uma, muito desejável, dose de consciência de si próprio.

Ao se ler a correspondência entre eles, uma das coisas que salta aos olhos é exatamente o que eu estava falando agora pouco. Ou seja, que eles se apaixonaram um pelo outro, perdidamente. Pode ser que a paixão por eles vivida não tenha sido erótica no sentido de uma relação de cunho sexual, embora o tema mais abordado pelos dois naquele momento de suas vidas tenha sido o da sexualidade. O grau de idealização que os dois nutriram um pelo outro levou a uma trágica e, naquelas condições, inevitável separação.

Mas o apaixonamento entre eles não aconteceu de imediato. Freud já gozava de certa fama quando Jung entra em contato com seu trabalho. Parece-me natural que o jovem médico idealizasse alguém da envergadura de Freud, um homem 19 anos mais velho do que ele, já com uma clínica sólida e que, embora rejeitado pela comunidade científica, tinha ideias que Jung julgava geniais. Embora o movimento psicanalítico ainda engatinhasse nessa época, Freud já havia publicado alguns livros e o que mais chamou a atenção de Jung foi “*A Interpretação dos Sonhos*” com o qual entrara em contato já em 1900, segundo consta em sua tão polêmica “autobiografia” “*Memórias, Sonhos e Reflexões*”.

É apenas em 1906 que os dois começam efetivamente um contato mais estreito. Essa troca de cartas se inicia por iniciativa de Jung que mandou para Freud seus “*Estudos de Diagnóstico de Associação*” escrito em 1903. Este trabalho já fazia uso das ideias da psicanálise de forma consistente, e com alusão à fonte de onde saíram. Neste primeiro contato com Jung, Freud parece ter percebido a genialidade do mesmo, e parece ter se interessado em começar uma troca mais estreita com Jung. Seis meses depois desse primeiro contato, Freud manda para Jung uma coletânea de estudos breves a qual Jung agradece com o envio de uma carta para Freud.

As confissões desse amor começam vagarosamente, tendo início com um desejo de Freud de que Jung seja seu sucessor. Isto aparece explicitamente escrito pela primeira vez em uma carta de Freud de 14 de abril de 1907, curiosamente quase exatamente um ano após o início oficial da correspondência entre eles. Nesta carta diz Freud: “...*A propósito do outro assunto, devo igualmente saudá-lo como meu sucessor...*” (20F, p. 70)¹. Nas cartas subseqüentes Jung vai fazendo uma série de perguntas sobre a teoria de Freud, e os dois vão discutindo seus pontos de concordância e discordância. Até que, com o nascimento da paixão, as discordâncias vão dando lugar a uma parceria irrefletida, onde os dois se complementam perfeitamente como engrenagens numa máquina de propaganda da psicanálise.

Aqui vai um exemplo de como foram se dissipando as diferenças entre eles e do quanto Jung foi se apagando para se tornar o querido de Freud. Em 24 de maio de 1907 Jung escreve à Freud:

"...Não raro tenho de me transportar ao tempo anterior à reforma de meu pensamento psicológico para reexperimentar as acusações feitas então contra o senhor. Simplesmente não as posso compreender mais. Meu pensamento de outrora parece-me não só intelectualmente incompleto e errôneo, como também, o que é pior, moralmente inferior; já que agora deixa a impressão de ser uma imensa desonestidade em relação a mim mesmo..." (26J, p. 84)

Neste trecho Jung parece estar completamente fascinado por Freud e sua teoria e isso vai se tornar cada vez mais evidente com o passar do tempo. Em minha opinião eles entram num relacionamento narcisista complementar, se é que precisamos dar um nome para isso. Mas os dois acreditam serem os mais inteligentes e interessantes seres que habitam a terra, cercados por bestas e ignorantes completos.

Mas ainda, antes disso, o apaixonamento entre eles vai crescendo e Freud vai seduzindo Jung com a "terra prometida". Em sua resposta de 26 de maio de 1907 à carta de Jung do dia 24, Freud escreve o seguinte: "*...É verdade que para nós nada do que ele (seu livro "Grádiva" a que Jung rasga elogios desmesurados a respeito) diz é novo, mas acredito que nos habilite a desfrutar de **nossas riquezas...***" (27F, p. 87). Se por um lado vemos nessa passagem certa sedução por parte de Freud, ao final da mesma vem uma honesta declaração onde Freud escreve: "*...Espero que seu chefe se restabeleça logo e seu trabalho então diminua. Quando os intervalos se prolongam, sinto muita a falta de suas cartas...*" (idem).

¹ Adotei este método de referência para facilitar o acesso à íntegra das cartas aqui transcritas, entre parênteses, com o número da carta e o número da página onde ela se encontra na tradução para o português.

Jung por um lado sente a sedução e responde a altura, e nesta próxima seqüência os dois entram numa declarada rasgação de seda mútua. Jung escreve a 4 de junho de 1907: "*...É admirável, em sua última carta, a observação de que podemos "desfrutar de nossas riquezas. Delicio-me diariamente com suas riquezas e vivo das migalhas que caem da mesa do homem rico...*" (29J, p. 91). Ao que Freud responde dois dias depois:

"...Muito me surpreende saber que sou o homem rico de cuja mesa o senhor recolhe as migalhas. Essa observação há de se referir a coisas que não são mencionadas em sua carta. Quem me dera que o fosse! Sua obra sobre Dem. Pr²., em especial, faz com que eu me sinta muito empobrecido..." (30F, p. 93).

Se nessas passagens podemos observar certa pieguice de ambas as partes com pitadas de sedução mútua, podemos também observar o que estava se processando no psiquismo de ambos. Os dois estavam se apaixonando um pelo outro. Jung estava realmente fascinado com a grandeza do sábio Freud, como um filho que olha para seu pai e vê um Deus perfeito encarnado na terra. Freud por sua vez, também fascinado com a inteligência e a perspicácia de Jung, olha para ele como um pai olha para seu filho que mesmo que fosse manco, caolho e terrivelmente feio, lhe parece um lindo herói que um dia será um guerreiro fantástico. Ou seja, podemos observar claramente que eles estão mergulhados em projeções arquetípicas, uma característica bastante peculiar ao apaixonamento.

Algum tempo depois vem a primeira declaração mais escancarada do amor de Freud por Jung. Em 10 de julho de 1907 Freud escreve:

"...Não gostaria de ficar todo esse tempo sem notícias suas - não estarei de volta antes do fim de setembro - pois suas cartas já se tornaram uma necessidade. Hei de, assim, mantê-lo a par de minhas andanças. Quando o senhor estiver lendo sua conferência em Amsterdam, espero estar na Sicília. A despeito de todas as distrações, uma parte de meu pensamento estará voltada para lá. Espero que o senhor conquiste o reconhecimento que deseja e merece; para mim, também, isso significa muito...Aceite a estima de sempre. E não se esqueça, durante a longa ausência, deste que muito o preza, DR FREUD." (36F, p. 107)

E essa declaração de Freud continua ainda em sua próxima carta a Jung. É interessante ver que mesmo os dois estando apaixonados um pelo outro, é Freud quem primeiro declara esse amor. Mas o amor de Jung está latente, prestes a ser exposto da maneira mais

2 Abreviação de Demência Precoce, como usada por Jung e Freud em sua correspondência

interessante. Segue um trecho da carta de Freud a que me referi acima, de 18 de agosto de 1907:

"...Minha personalidade se empobreceu com a interrupção de nossa correspondência. ainda bem que essa interrupção chega ao fim... Sua palestra em Amsterdam será um marco na história e é para história, afinal, que em grande parte trabalhamos. O que o senhor chama de o elemento histérico de sua personalidade, sua necessidade de impressionar e influenciar pessoas, esse próprio atributo que tão bem o apresta para ser um mestre e um guia há de vir às claras mesmo que o senhor não faça concessões às tendências de opinião em moda. E desde que tenha injetado seu fermento pessoal, em doses ainda mais generosas, na massa efervescente de minhas ideias, já não mais haverá diferença entre os seus feitos e os meus..." (38F, p. 109)

Estou falando essencialmente de um amor fraterno, mas como podemos verificar nessas passagens não está isento, nem imune a doses maciças de projeções de ambos os lados. E no dia seguinte Jung responde começando suas primeiras declarações de amor à Freud. *"...minha devoção incondicional à defesa de suas ideias, bem como minha veneração igualmente incondicional de sua personalidade..." (39J, p. 110)* Julgo interessante que Jung tenha usado a palavra veneração, pois esta palavra dá uma dica de que ele tinha algum nível de consciência a respeito de seu amor por Freud, o que ficará claro mais tarde em uma outra passagem. Mas nesta mesma carta ele continua a se declarar e diz: *"...sobre o Dr. Abraham. Devo admitir que ele me deixa "enciado" por se corresponder com o senhor. (perdoe-me a franqueza, por mas que isso pareça de mau gosto!)" (idem)* Entretanto o mais belo está por vir, como eu disse acima. O amor latente de Jung por Freud toma formas bastante confusas em sua cabeça. Ele tem por Freud uma espécie de adoração, como um menino tem por seu pai, que, para o filho, sempre é o mais forte, o mais velho, o mais poderoso de todos os homens. Embora nessa próxima passagem ele ainda não fale abertamente da maneira como sente seu amor por Freud, o que virá um pouco mais adiante, aqui ele se mostra quase desnudo. Jung diz em 11 de setembro de 1907: *"...Desejo externar o agradecimento mais sincero por sua carta, que veio na hora exata; fez-me um grande bem sentir que eu não lutava apenas por uma descoberta importante, mas também por um homem eminente e honrado..." (44J, p. 119).* As projeções estão claramente consteladas e são de importância fundamental para os dois. Como a pouco comentado, quanto maior o grau de idealização, maior a decepção ao nos confrontarmos com a realidade das coisas. Mas nesta mesma carta Jung continua, e aqui vem a mais ingênua, e até por isso uma das mais belas declarações de amor de Jung para Freud:

"...Devo aproveitar a oportunidade para externar um desejo de há muito acalentado e constantemente reprimido: eu gostaria imensamente de possuir uma fotografia sua, não com a aparência de antes, mas tal qual era na ocasião em que o conheci em pessoa. Exprimi esse desejo à sua mulher, quando estivemos em Viena, mas ao que parece ele foi esquecido. Poderia o senhor atendê-lo agora? Ficaria-lhe-ia para sempre grato, pois volto repetidamente a sentir que seu retrato me faz falta..." (Idem)

Freud que não era nem um pouco ingênuo, percebeu a transferência maciça de Jung e diz em sua carta seguinte: "...Mas não me superestime, por favor. Sou humano demais para merecê-lo..." (45F, p. 123). Entretanto, sabemos muito bem o quão saboroso é ser recipiente de tais projeções, pois algo em nós se delicia com esse mel que nos é dado em oferenda. Sabemos também o quão perigoso isso é. Mas, de qualquer maneira, Freud acedeu ao desejo de Jung e também pediu uma fotografia dele para por em sua mesa. Neste momento é impressionante ver como os dois realmente estão apaixonados um pelo outro. Assim que Jung recebeu o tal retrato, respondeu imediatamente, o que aconteceu a 10 de outubro de 1907: "...Meu mais sincero obrigado pela excelente fotografia e a esplêndida medalha. Gostei imensamente de ambas. Mandar-lhe-ei de imediato um retrato meu, embora essa troca pareça quase absurda..." (48J, p. 126) Jung não consegue entender o que é que Freud vê nele, tamanha é sua embriaguês apaixonada. Mas nessa próxima carta, da qual uma parte agora transcreverei, vem à tona toda a projeção de Jung para Freud. Jung faz uma revelação arrebatadora de seu amor, e de suas confusões internas em relação à figura de Freud. A carta é de 28 de outubro de 1907 e diz o seguinte:

"... Na verdade - e é preciso um grande esforço para confessar isso - tenho pelo senhor uma admiração ilimitada, quer como homem, quer como estudioso, e não lhe voto o menor rancor consciente. Decerto não é aqui que reside a origem do meu complexo de auto-preservação (referindo-se a sua demora em responder à Freud, que por vezes incomodava este último); mas dá-se que a maneira como o venero tem algo do caráter de um embevecimento "religioso". Se bem que a coisa realmente não me aflija, ainda a considero repulsiva e ridícula devido a seu inegável fundo erótico. Esse sentimento abominável provém do fato de eu ter sido vítima, quando garoto, de um assalto sexual praticado por um homem a quem adorara antes. Mesmo em Viena as observações das senhoras ("enfin Seuls" etc.) me deixavam doente, embora a razão disso, na época, não me fosse clara.

Esse sentimento do qual ainda não me livrei por completo, molesta-me consideravelmente. Outra de suas manifestações é que acho que o discernimento psicológico torna absolutamente desagradáveis as relações com colegas com uma forte transferência para mim. **Tenho portanto medo de sua confiança.** E também tenho medo de que o senhor reaja de igual moto quando lhe falo de meus problemas íntimos... Penso que lhe devo essa explicação, embora preferisse não dá-la..." (49J, p. 129)

A resposta de Freud é quase como um balde de água fria nessas questões tão intensas e confusas às quais tanto atormentavam Jung. Talvez não pudesse ser diferente, afinal como lidar com um colega que nos escreve uma carta com tal conteúdo? Podemos olhar para a questão de Jung achar que seu sentimento tinha inegável um fundo erótico sob outra perspectiva. Em minha opinião esse sentimento tem uma profunda relação com o complexo paterno. Ao amor do filho pelo pai, que passa por uma grande confusão de desejos e sentimentos. Se observarmos do ponto de vista desse amor parental, aí sim podemos falar de um fundo erótico no entendimento que hoje temos do que é erótico, ou seja, daquilo que está relacionado com Eros, com o amor. Assim, não poderia nem deveria ser motivo de vergonha ou repulsa. Aqui, o que vou considerar é a imensa carga de idealizações que existe na relação dos dois, tanto de Jung para Freud como o reverso. A resposta de Freud endereçada à Jung a 15 de novembro de 1907 diz o seguinte a respeito de toda essa dramática confissão:

"...O que diz de seus progressos interiores é tranquilizador; uma transferência de base religiosa, a meu ver, seria absolutamente funesta e só poderia terminar em apostasia, graças à universal tendência humana de se ater a sucessivas reimpressões dos clichês que nós trazemos no íntimo. Farei o possível para lhe mostrar que não estou talhado para ser um objeto de adoração..." (52F, p. 132)

A título de curiosidade, o que será que Freud queria dizer com *"...clichês que nós trazemos no íntimo."* Me parece que o conceito de arquétipo estava brotando na consciência daqueles que estudavam psicologia. De qualquer forma, a resposta de Freud para Jung, como disse acima é esse balde de água fria no calor entusiasmado de Jung. A transferência de base religiosa é inerente à relação que está se construindo entre os dois e sem dúvida uma das grandes evidências da maciça projeção necessária para tanto. Uma vez que apostasia é o abandono de uma fé religiosa ou culto institucionalizado, parece-me que Freud está sendo um pouco radical quando afirma que essa projeção só poderia terminar dessa forma. Só terminaria em apostasia caso ele tratasse sua teoria como se fosse uma doutrina religiosa e seus discípulos como se fossem crentes. Entretanto, como veremos, não parece ser à toa a acusação de Jung neste sentido, ou mesmo o temor de Freud em relação à apostasia.

Em alguns momentos eles se comportavam de maneira que seria possível entender a confusão de Jung em relação à seus sentimento. Neste próximo trecho Jung comporta-se como uma menina apaixonada por seu professor de ginástica. Ele diz:

"...Tenho um pecado a confessar: mandei ampliar sua fotografia. Ficou maravilhosa. E alguns de nossos amigos adquiriram cópias. O senhor já fez assim sem ingresso, queira ou não queira, em muitos gabinetes tranqüilos!..." (65J, p. 147)

Uma vez que esse amor/paixão constelou-se, temos que a relação dos dois foi sendo recheada daquilo que as relações apaixonadas o são: mal entendidos, um desespero mútuo em fazer a relação "dar certo", ou seja, que ela não se desequilibre e sofra quebras muito profundas. Como sabemos, esse é um esforço vão, pois não há ainda humano que pise ou tenha pisado na terra que tenha sido bem sucedido em manter um relacionamento apaixonado. Mas, todos tentamos não nos decepcionar. Dessa maneira, vou mostrar a seguir trechos das cartas onde esses "mal entendidos" vão acontecendo e quantas chances eles tiveram de transformar o relacionamento numa relação mais verdadeira e não conseguiram, o que a meu ver culminou no rompimento desastroso entre eles. Freud escreve em 14 de abril de 1908:

"...Tenho na mesa três de seus estudos. O primeiro, o que fez em colaboração com Bleuler, desagrada-me pelas hesitações que contém, a importância que dá à opinião de E. Meyer; o segundo você me proibiu de falar, é a palestra de Amsterdam, de há muito esperada; o terceiro, que vem a ser o terceiro número de meus *Artigos de Psicologia Aplicada*, é de fato um prodígio, com a resolução, a clareza que o caracterizam e uma linguagem que, como convém a esse pensar tão límpido, é deliciosamente bela e provocante. Com a audácia o senhor aqui proclama a etiologia psíquica das *desordens psíquicas*, da qual, nos outros trabalhos, se retrái!..." (82F, p. 167-68)

Jung, que parece um pouco susceptível a críticas, recebe essa carta de Freud com relutância. Ele mesmo admite que pode ter feito inferências a respeito do que Freud escreveu. Ele diz: "...Sua última carta me deixou intranqüilo. Li muito nas entrelinhas. Estou certo de que chegaríamos a um entendimento básico, se pelo menos eu pudesse conversar com o senhor. A escrita é um pobre substituto da fala..." (83J, p. 168) E em seguida ele dá explicações a respeito de seus três artigos, até que na palestra de Amsterdam Jung mostra novamente seu espírito inovador e corajoso, contrapondo-se em relação ao pensamento de Freud. Jung escreve:

"...A histeria infantil deve escapar à formula que se aplica aos adultos, para os quais a puberdade tem um papel de realce. É forçoso que, para a histeria infantil se estabeleça uma formula especificamente modificada. Tudo o mais que escrevi me foi ditado pela consciência. Não sou de fato um propagandista; apenas detesto todas as formas de supressão e injustiça. Estou ansioso para saber de meus erros, espero aprender com eles..." (83J, p. 168)

Quando digo que eles queriam se manter como amigos e correspondentes, a quase qualquer custo, o faço baseado em algumas cartas por eles trocadas, dentre estas podemos incluir a resposta de Freud a essa carta de Jung. Seja pelo apaixonamento declarado dos dois, seja porque eles se necessitavam mutuamente. O fato é que eles faziam um enorme esforço, ao menos até certo ponto da relação, em manterem-se alinhados. Freud escreve em 19 de abril de 1908:

"...O sentimento, quando é áspero, não deve ser alimentado. Se fui impertinente, e o demonstrei, é muito provável que a etiologia - no caso - seja somática e não psicogênica... devo ressaltar que não estou em absoluto zangado com o senhor... o contraste entre ele (Content os the Psychoses - de Jung) e um manuscrito de seu rival berlinense (A.) (Abraham) que há de constituir meu quarto número, firme no apoio, é verdade, mas com a grande falha de não ter exatamente aquela centelha a mais... Apenas sua opinião sobre a histeria infantil me pareceu incorreta... Meu hábito afinal nunca foi reprovar suas discordâncias parciais, mas sim extrair contentamento do que de aprovação me concede... Até agora, como sabe, ninguém viu essa outra histeria, essa outra Dem. Pr., etc. Se um caso não é fiel ao tipo, nada se sabe sobre ele. Estou certo de que fundamentalmente o senhor concorda comigo. Pronto. Agora já confessei a amplitude do meu fanatismo e ousou ter a esperança de que a injúria a seus sentimentos não sobreviva ao intervalo que nos separa de nosso encontro em Salzburg (primeiro congresso de psicanálise)..." (84F, p. 170)

Freud claramente recuou, em parte, vendo o quanto Jung se melindrou com seus comentários. Vários exemplos como esse podem ser recolhidos da correspondência, e ilustram maravilhosamente o padrão da relação que foi se estabelecendo entre os dois. Embora Freud tenha recuado em suas críticas, quando pede perdão por sua impertinência, ele acaba declarando para Jung o quanto sua teoria é preciosa para ele. Não é a toa que Jung fica com a impressão de que Freud lidava com sua teoria como se fosse um dogma, afinal o próprio Freud quase chega a declarar isso textualmente quando diz da amplitude de seu fanatismo..

Parece-me que a rugas iam aparecendo entre os dois com o passar do tempo e com os caminhos dos estudos dos dois. Mas esses desentendimentos acabavam se dissipando completamente quando eles se encontravam pessoalmente. Ao menos nos dois primeiros encontros, que tinham para ambos uma aura numinosa. Dessa maneira, a paixão se reforçava com o encontro. Neste sentido parece mesmo um relacionamento amoroso conjugal à distância. Neste tipo de relacionamento o calor da paixão se mantém por muito mais tempo do que naqueles onde a rotina do dia a dia tende a apagar qualquer fogo que exista entre o casal. Vejam, digo "tende", pois não é impossível manter o fogo aceso, ao menos o sexual, mas para se manter um casamento aquecido há de se trabalhar muito contra a maré da vida.

Assim os dois mantiveram sua paixão por quase seis anos. Entretanto, as rachaduras começaram a ser percebidas muito tempo antes disso. Mas, para ilustrar o que os encontros deles causavam em ambos, vou citar trechos de suas cartas trocadas após esses encontros. Como vínhamos falando, eles haviam se desentendido sobre questões teóricas, Jung havia se magoado com a crítica de Freud. Vejam essa carta de Jung de 30 de abril, um dia após o término do congresso de psicanálise. Ele diz, numa provável alusão à primeira frase da carta de Freud de 19 de abril supracitada:

"... No que tange aos sentimentos, eis que ainda estou sob o resplandecente impacto de sua palestra, a meus olhos a própria perfeição. Tudo o mais foi só para encher o tempo, não passou de uma palavreado estéril nas trevas da inanidade..." (86J, p. 173)

Mas, nessa mesma carta, referindo-se provavelmente à comparação que Freud faz na mesma carta de 19 de abril entre o trabalho de Abraham e o de Jung, ele continua: *"...Não sou apenas um seguidor fiel, tenho sempre um pouquinho a mais a fazer..."* (86J, p. 173). Mas, como percebemos na carta de Freud, esse pouquinho a mais dificilmente era aceito ou acatado, ou até mesmo considerado pelo pai da psicanálise. Especialmente quando esse pouquinho a mais não corroborava a ideias de Freud. Mas, nem um, nem o outro, mudaram suas forma de agir frente à psicologia e a psique humana. O apaixonamento prolongou a relação entre eles, encobrendo essas diferenças de maneira magistral. Apesar de todas as provas contrárias, vejam o quanto Freud não conseguia aceitar que Jung um dia cresceria e se tornaria, sob sua perspectiva, uma verdadeira ameaça a ele. Freud escreve em 03 de maio de 1908:

"...tenho plena certeza que, tendo se afastado de mim alguns passos, o senhor há de encontrar o caminho de volta e então seguir comigo mais longe. Não posso dar razão para essa certeza; provavelmente ela brota de um sentimento que tenho quando olho para o senhor..." (87F, p. 174)

Apesar de parecer arrogante, tenho vontade de dizer a Freud: "Caro Freud, esse sentimento que lhe brota ao olhar para Jung é chamado desejo, um desejo ardente de que o filho pródigo siga os seus passos". Outro exemplo desse reforço do encontro entre os dois pode ser claramente visto na carta de Freud de 15 de outubro de 1908, após terem se encontrado em Zurique de 18 a 21 de setembro do mesmo ano: *"...meu querido amigo e herdeiro, Os dias tão auspiciosos que juntos passamos em Zurique deixaram-me num excepcional bom humor..."* (110F, p. 199) e na carta resposta de Jung: *"...Sua visita me fez um bem tão grande que já estou firmemente resolvido, caso as circunstâncias o permitam, a visitá-lo rapidamente em Viena na primavera que vem..."* (111J, p. 200). Parece que eles queriam tanto manter a relação

deles que faziam grande esforço para fingir que as diferenças não estavam aparecendo, ou até mesmo que elas não existiam.

Afinal, a paixão e suas conseqüentes projeções estavam devidamente instaladas, isso fica claro, muito claro nos trechos supracitados das cartas de Jung. E nos trechos de Freud isso também fica evidente. O que naturalmente os dois não conseguiram perceber era o quanto essa paixão e esse relacionamento poderiam tornar-se complicados. Mesmo com todo o empenho dos dois em manter uma certa estabilidade entre eles. O relacionamento dos dois encontra certo equilíbrio, com Jung seguindo como um ativista da causa Freudiana e, desta forma, sendo visto como o filho preferido e o príncipe herdeiro. Mas, além de paixão e projeções, havia entre eles um verdadeiro relacionamento de admiração mútua. Isso não pode ser negado, pois assim estaríamos negando o valor da genialidade desses dois grandes homens. Isso é perceptível especialmente quando eles falam um a respeito do trabalho intelectual do outro, ao menos quando eles concordavam com o que o outro havia escrito. Vemos, por exemplo, numa carta de 27 de janeiro de 1908, endereçada a Jung por Freud:

*"...Caro amigo e colega Nem me venha com gracejos sobre seus **sentiments!** Seu texto é fascinante, lamento não o ter ao meu lado para dar-lhe um aperto, não, mais de um aperto demão. Espírito do meu espírito, posso dizer com orgulho..." (66F, p. 147)*

Um aspecto da correspondência que me chamou profundamente a atenção, foi o gradual aprofundamento do tratamento de Freud para Jung, Esse começa chamando-o de "*caro colega*", passa a chamá-lo de "*caro amigo e colega*" depois vira "*caro amigo*" e chega até mesmo a designá-lo como "*Meu querido amigo e herdeiro*". Ao passo que Jung chamou Freud simplesmente por "*caro professor Freud*" imprimindo, dessa maneira, uma distância mais fria. Apesar de toda sua paixão por Freud.

Como não poderia ser diferente, chegamos ao momento onde os problemas começam, pois após três anos de correspondências, alguns encontros e congressos, a paixão vai cedendo e a verdade do outro se impõem como uma dura e crua imagem que dificulta a projeção promovida pela paixão. Vou usar, a título de ilustração, a questão dos intervalos na escrita de Jung, o que parece sempre ter incomodado Freud. Esse incômodo começa a ser pontuado de maneira suave, como uma falta que ele sentia das cartas de Jung. Por outro lado, os intervalos de Jung na escrita das cartas vão se alongando com o tempo. O primeiro momento em que essa questão aparece é em 24 de maio de 1907, com um intervalo de 11 dias, pois sua carta anterior havia sido escrita a 13 de maio. Como, para esse aumento no intervalo, Jung

desculpa-se responsabilizando seu excesso de trabalho por conta da ausência de Bleuler, Freud escreve em 26 de maio daquele ano: “...*Espero que seu chefe se restabeleça logo e seu trabalho então diminua. Quando os intervalos se prolongam, sinto muita falta de suas cartas...*” (27F, p. 90). Num segundo intervalo de mesmo tamanho, 11 dias, Freud escreve um ano depois em 29 de maio de 1908: “...*Apesar de muito impaciente durante a longa espera de sua carta (ação sintomática: rasguei um pedaço dela ao abri-la), dei-me a explicação certa para seu silêncio (o envolvimento de Jung no trabalho com Gross)...*” (96F, p. 183). Veja que nesta passagem Freud nem fala abertamente da raiva e da insegurança que os intervalos lhe causam. Ele apenas diz a respeito de sua ação sintomática, como que dizendo que está com raiva sim. Mas a situação vai piorando com o tempo, pois Jung quase que cronicamente deixa Freud a espera de suas cartas.

Essa situação chega a um primeiro pico a 11 de novembro de 1909 onde numa carta a Jung, Freud revela todo o seu descontentamento com aquilo que acredita ser uma preguiça, ou uma falta de interesse de Jung em manter uma correspondência mais freqüente. Freud escreve:

"...Por certo não é muito gentil de sua parte manter-me 25 dias à espera de resposta (de 14 e out. a 8 de nov.; fiz as contas por presumir um intervalo a moda de Fliess de 23 dias, mas de novo não confere) - como se a presteza e extensão de minha última carta o tivessem assustado um pouco. Não me cabe importuná-lo, se o senhor não experimenta a necessidade de se corresponder a intervalos mais curtos. É, porém, inevitável que eu me submeto ao meu próprio ritmo e, no máximo, posso assumir um compromisso, o de só botar no correio domingo essa carta que escrevo hoje..." (160F, p. 280)

Justiça seja feita à Freud, pois ele já havia alertado Jung a respeito de seu "complexo Fliess". Em 9 de março do mesmo ano ele escreve a Jung:

"...Muito obrigado por seu telegrama e pela carta, que (o telegrama surtiu efeito) puseram fim à minha ansiedade. Evidentemente ainda tenho uma hiperestesia traumática no que se refere ao declínio de correspondência. Lembro-me bem de onde ela surge (Fliess) e não gostaria de repetir a experiência sem esperar por isto..." (134F, p. 235)

O que talvez nenhum dos dois estivesse consciente é de que o que havia produzido tanto tempo de intervalo na correspondência de Jung era exatamente aquilo que levaria ao desentendimento entre os dois. Os estudos de Jung sobre mitologia e arqueologia. Jung escreve em 8 de novembro de 1909 para Freud:

"...Um dos motivos que me levaram a deixar de escrever por tanto tempo foi que passei minhas noites imerso na história dos símbolos, i. e., na mitologia e na arqueologia. Andei lendo Heródoto, onde achei coisas maravilhosas (p. ex., livro II, culto de Papremis)³. Agora estou lendo os 4 volumes do velho Creuzer, nos quais há uma mina de material. Todo o meu interesse pela arqueologia (latente há anos) voltou de novo a se manifestar. Aqui se encontram fontes valiosas para a fundamentação filogenética da teoria da neurose..." (159J, p. 279)

A partir daqui vai nascendo paulatinamente a distância que um dia separará os dois gênios da psicologia. Jung vai se aprofundando em seus estudos de mitologia e, cada vez mais, se desviando da teoria unilateralmente sexual de Freud. Jung, a despeito de qualquer paixão pela figura de Freud ou qualquer projeção que tenha feito em relação ao mesmo, vai descobrindo sua própria verdade. Verdade essa que ao invés de se somar numa colaboração mútua, detona uma relação amorosa e de amizade entre os dois homens em questão. É interessante perceber como, ao menos até aqui, as duas visões sobre a psique humana não são excludentes, mas assim se tornaram na história da Psicologia Analítica e na Psicanálise.

Assim, neste fogo ardente e espetacular, ambos mantiveram-se inconscientes de suas verdadeiras naturezas e diferenças. Eles não podiam se enxergar como diferentes, pois isso desembocaria na queda das projeções e no desapaixonamento mútuo. Poderia, também, promover o desenrolar dessa história de outra forma. Entretanto, essas diferenças, sem luz, nem consciência, foram aprofundando secretamente as rachaduras da relação que culminaram numa separação inevitável e dramática, que arrasta suas conseqüências até nossos dias.

³ Que seria usado em seu livro "Transformações e Símbolos da libido" que é um marco do rompimento entre eles.

2. Jung, Freud e o Pai

"Acreditar que basta ter filhos para ser um pai é tão absurdo quanto acreditar que basta ter instrumentos para ser músico." (Mansour Chalita)

Outro aspecto marcante no relacionamento entre Freud e Jung foi o sempre presente complexo paterno. Este foi o aspecto que me pareceu ser um dos pontos mais cegos deste relacionamento. Não tanto pela falta de consciência, pois os dois pareciam saber dessa projeção, mas pela incompetência em lidar com as conseqüências dessa projeção. Fica a impressão de como se ambos quisessem manter essa projeção, e assim esta se manteve por muito tempo, cobrando seu preço ao final.

Filhos crescem e pais envelhecem, filhos superam os pais e os pais ou aceitam essa verdade ou tentam anular e destruir o filho. Em poucas palavras, isso resumiria simploriamente essa relação que, temos de admitir, é por demais complicada para podermos resumi-la em poucas palavras. Essa relação certamente não é exclusiva de pais e filhos biológicos, ela pode estabelecer-se entre dois homens de diferentes idades onde um se coloque numa posição inicialmente inferior e o outro na posição oposta. Digo inicialmente inferior, pois se a relação for suficientemente duradoura, essa posição certamente será invertida. Claro que não podemos deixar de assinalar que mesmo envelhecendo e se tornando mais frágil do que o jovem filho, o pai ainda tem a seu favor a sabedoria, mas para chegar a essa sabedoria ele certamente teve de abrir mão do poder, da juventude. Teve de abrir mão do ganhar sempre mais e mais, para poder se abrir para a outra parte da vida, aquela em que descemos para voltarmos de onde viemos, mesmo que com uma consciência aumentada. Nossa cultura ocidental, que cada vez mais valoriza o jovem e belo, em nada facilita esse caminho para a maturidade. Mas independente da cultura, da época ou dos pais e filhos em questão, o perigo do devoramento, o medo de ser superado e a necessidade de superar fazem parte dessa relação em sua fundação. Todos esses aspectos estão em questão quando se trata de uma relação que enveredou para os moldes parentais.

É desse ponto de vista que, agora, olharemos para o relacionamento entre Jung e Freud, pois ao ler as cartas trocadas por eles, é impossível não enxergar que a relação tomou esse rumo. Até eles próprios admitiam isso um para o outro. Porém, assim como o apaixonamento que se construiu entre eles, a díade pai e filho também foi instalando-se vagarosamente.

Ela aparece inicialmente como uma necessidade de aprovação em ambos os lados. Jung queria ser aceito como "pupilo" e Freud queria que Jung acreditasse cegamente em suas teorias psíquicas. Freud deixa isso claro logo no começo da série de cartas. Ele escreve a 7 e outubro de 1906:

"...Seus escritos já me haviam sugerido que sua aceitação de minha psicologia não se estende a todos os meus pontos de vista sobre a histeria e o problema da sexualidade, mas me atrevo esperar que, com o passar dos anos, o senhor chegue muito mais perto de mim do que julga possível atualmente..." (3F, p. 45.)

Por parte de Jung isso aparece claramente na carta posterior ao aparecimento do prefácio de "*A Psicologia da Demência Precoce*" escrito por Jung em julho de 1906, portanto, antes deles começarem uma correspondência mais assídua, pois apesar de já existir uma carta de Freud para Jung anterior a julho, eles só começaram efetivamente a trocar correspondências a partir 5 de outubro de 1906. Neste prefácio diz Jung:

"...Fazer justiça a FREUD não significa, como muitos temem, sujeitar-se incondicionalmente a um dogma; é bastante possível manter um julgamento independente. Se admito, por exemplo, os mecanismos complexos dos sonhos e da histeria, não significa, de forma alguma, que atribuo ao trauma sexual da juventude uma significação exclusiva, como FREUD parece fazer; muito menos que eu coloque a sexualidade em primeiro plano, acima de tudo, ou lhe confira universalidade psicológica que, como parece, é postulada por FREUD, pela impressão do papel poderoso que a sexualidade desempenha na psique." (JUNG, 1906 A, p. XIV)

Na carta a Freud de 29 de dezembro de 1906 ele escreve se desculpendo pelo seu prefácio e pelo conteúdo de seu livro:

"...Com toda sinceridade lamento que seja eu, justamente eu, quem lhe causa um aborrecimento. Compreendo muito bem que o senhor só possa estar insatisfeito com meu livro já que ele é por demais implacável ao tratar de suas pesquisas. Tenho perfeita consciência disso... No momento atual, infelizmente, aí se incluem certa reserva e a insinuação de um julgamento independente em relação às suas pesquisas... As reformulações específicas de seus enfoques procedem do fato de não haver entre nós uma concordância absoluta quanto a certos pontos. E talvez isso se deva a que: I. o material de

que *disponho é totalmente diferente do seu. Trabalho em condições extremamente difíceis, quase sempre com pacientes insanos sem instrução, e ainda por cima com as evidências invulgarmente arduas da Demência Precoce. II. minha educação, meu ambiente e minhas premissas científicas são radicalmente diferentes dos seus. III. minha experiência comparada à sua é mínima. IV. quer em quantidade, quer em qualidade de talento psicanalítico, a balança pende distintamente em seu favor. V. há de pesar muito na balança a ausência de contato pessoal com o senhor, uma falha lamentável em minha formação preparatória... Mas não se deixe levar pela impressão de que estou loucamente disposto a diferenciar-me do senhor pela maior divergência de opinião possível. Falo das coisas como as compreendo e como as julgo certas. Qualquer diferenciação, de resto, chegaria tarde, posto que as sumidades da psiquiatria já me deram por perdido..." (9J. p. 52)*

Neste trecho é possível perceber que além de um pedido de desculpas, também está colocada uma esperança de Jung, a de que ele consiga encontrar em Freud alguém que lhe permita exercer a sua tão amada liberdade intelectual. Isso fica claro especialmente na parte por mim destacada. Liberdade essa que lhe foi imposta, segundo ele próprio, por Deus. Essa liberdade que ele tanto desejou encontrar em seu pai verdadeiro e não conseguiu. Fico com impressão de que uma das coisas que Jung mais procurou nessa sua primeira metade da vida foi um pai que se adequasse às suas necessidades intelectuais. Alguém que fosse tão corajoso, destemido e capaz de seguir os desígnios psíquicos como ele. O próprio Freud dá a entender que tem essa qualidade quando escreve em sua primeira carta dirigida a Jung que: *"...Confio em que o senhor venha a estar, muitas vezes, em condições de me apoiar, mas aceitarei também, de bom grado, quaisquer retificações de sua parte..."*. (1F, p. 41). Fato é que essa sua colocação acaba caindo como uma luva nessa necessidade de Jung.

Uma das fontes que temos a disposição em relação a como foi a relação de Jung com seu pai é o polêmico *"Memórias Sonhos e Reflexões"*. Acredita-se que a parte em que ele fala de sua primeira infância seja a que menos sofreu modificações e censuras por parte da organizadora da obra Aniella Jaffé. Assim sendo, extrairei dessa obra algumas informações importantes a respeito de como Jung via seu pai pessoal. Ele diz:

"...Fizera a experiência que meu pai não tinha tentado - cumprira a vontade de Deus, à qual ele se opunha pelas melhores razões, e pela fé profunda. Por isso nunca vivera o milagre da graça que cura e que torna tudo compreensível. Tomara por regra de conduta os mandamentos da Bíblia, acreditando em Deus como a Bíblia exige e como seus pais o haviam ensinado..." (JUNG, 1961, p. 48)

Percebemos que Jung não tinha seu pai exatamente em alta conta, muito pelo contrário, via-o como um homem fraco e limitado. Um homem que não havia tido a coragem que ele teve de seguir seus desígnios, de "cumprir a vontade de Deus". Embora o que talvez

Jung não tenha percebido é que seu pai era tão obstinado quanto ele, o que aparentemente mudava era apenas o que eles perseguiam. Um perseguia a verdade por detrás das aparências enquanto o outro seguia cegamente sua fé. O próprio Jung confessa que sua lida era perseguir a vontade de Deus "... *sem o que seria uma presa da loucura...*" (JUNG, 1961, p. 48). Ainda numa outra passagem do livro referido acima encontramos o seguinte:

"...Mais tarde, aos dezoito anos, mantive inúmeras discussões com meu pai, sempre com a secreta esperança de fazê-lo sentir algo da graça maravilhosamente eficaz e ajudá-lo em seus conflitos de consciência. Estava convencido de que, se ele cumprisse a vontade de Deus, tudo se resolveria da melhor maneira possível. Infelizmente nossas discussões jamais chegavam a uma solução satisfatória. Elas o irritavam e entristeciam. "Pois bem - costumava dizer - você só quer pensar. Mas não é isso que importa; o importante é crer." E eu pensava: não, é preciso experimentar e saber; a acrescentava: "dê-me essa fé." Ele se erguia e ao afastar-se encolhia os ombros, resignado."
(JUNG, 1961, p. 50)

Obviamente estamos lidando com o pai que Jung via e não seu pai concreto, pois tudo que podemos perceber de nossos pais não passam de lembranças pouco confiáveis do ponto de vista concreto, mas que fornecem uma enorme quantidade de informações a respeito de como a imagem paterna se desenvolveu em nós. Assim sendo, Jung estava falando de seu pai internalizado. Esse era um sujeito um pouco complicado, e que gostaria de ser mais corajoso. Ao menos podemos pensar que Jung desejava ardentemente ter um pai mais audacioso do que o que ele viu em seu pai. Com isso tudo quero dizer que ele possuía um complexo paterno que se apresentava dessa forma, como uma vontade de ter um pai mais competente, mais masculino no sentido de ter força para enfrentar os perigos da vida psíquica e da vida concreta. Jung via em seu pai um menino que não conseguiu transgredir aquilo que seus pais o ensinaram como sendo o certo, um menino que ficava a mercê do Pai todo poderoso.

Levando isso em consideração podemos perceber claramente o quanto Freud se apresentava como uma figura interessante para Jung. Era um homem mais velho, mais culto, mais proeminente que seu pai. Ao mesmo tempo era alguém que havia tido a coragem de seguir seu desígnio, pois frente à suas descobertas foi capaz de enfrentar toda uma comunidade científica em nome da "verdade". Alguém que fora capaz de seguir sua iluminação, de seguir a vontade de Deus. Mesmo que isso não seja toda a verdade psíquica de Freud é muito provável que Jung tenha mesmo visto Freud sob este ângulo. O que sabemos é que quando Jung entra em contato com as ideias de Freud algo nele se constela, pois ele possuía ideias *parecidas* ainda em forma de embrião.

Mas voltando para o relacionamento dos dois, o que temos é que uma relação parental foi se constelando entre eles. Primeiro de forma bastante sutil, como um pedido quase imperceptível por parte de Freud, que na carta de 1 de janeiro de 1907 responde ao pedido de desculpas de Jung a respeito de seu prefácio e livro. Freud diz: "*...Mas peço-lhe que nada sacrifique de essencial ao tato pedagógico, à afabilidade, e que não se desvie muito de mim, quando na realidade está tão perto, pois se o fizer poderemos um dia ser jogados um contra o outro...*" (11F, p. 57) Para mim esse trecho tem quase um tom de ameaça. A resposta de Jung a esse pedido de Freud é que me deixou intrigado, pois aqui ele mostra o quanto pode ser desobediente como filho. Mas, para que Freud percebesse isso seria necessário que soubesse o final da história. Jung escreve uma semana depois: "*... Mas fique tranqüilo a esse respeito: nunca abandonarei qualquer parte de sua teoria **que me seja essencial**, já que estou muito comprometido com ela...*" (12J, p. 58) A mim parece que ele já falava com seu pai, dizendo, "se aquilo que você acha que é certo eu também achar, então lhe serei obediente sem problema, mas caso isso não aconteça, aí a conversa será outra."

No começo de março de 1907, Jung conhece Freud pessoalmente. Eles passam 13 horas conversando quase sem interrupção. Esse encontro parece ter sido bastante mobilizador para Jung. Pois, apenas depois de quase um mês de intervalo ele consegue escrever uma carta a Freud, contando um pouco do que está se passando em seu íntimo.

"...Sem dúvida alguma o senhor há de ter tirado suas conclusões do prolongamento de meu tempo de reação. Tive uma forte resistência em escrever, pois até recentemente me incomodava o tumulto dos complexos despertados em Viena. Só agora as coisas se acalmaram um pouco e assim espero ser capaz de escrever-lhe uma carta mais ou menos sensata..." (17J, p. 63)

Para mim fica claro que especialmente dois complexos estavam se constelando; o complexo do pai, como dito acima, e um complexo erótico. E isso será confessado pelo próprio Jung mais adiante, como vimos no capítulo anterior. Do lado de Freud ao se ler sua resposta à Jung fica claro que a constelação de uma relação parental estava ocorrendo para ambos, e não apenas em Jung, pois Freud começa a entrar nesse papel exatamente como manda o figurino. Uma semana depois da carta de Jung Freud escreve:

"... É para me sentir mais à vontade ao lhe falar que uso um papel diferente. Sua visita foi sobretudo prazerosa e gratificante; gostaria de repetir por escrito várias coisas que lhe confiei verbalmente, em particular que o senhor me encheu de confiança em relação ao futuro, que agora me dou conta de ser tão substituível quanto qualquer outro e que não poderia desejar ninguém melhor do que o senhor, tal como o conheci, para continuar e completar a minha obra. Estou certo de que não

abandonará essa obra, pois já se aprofundou muito nela e com seus próprios olhos pôde ver como é belo, amplo e excitante o nosso tema..." (18F, p. 65)

Talvez seja esse o maior desejo de um pai, que seu filho siga seus passos. Esse é um desejo arquetípico que foge ao controle egóico e só com muito esforço e trabalho é que podemos respeitar a individualidade de nossos filhos. Esse desejo é especialmente perigoso, pois estando sob o domínio de uma representação arquetípica e se exercendo pela autoridade paterna, pode realmente designar o futuro dos filhos. Futuro que não pertence ao filho, mas ao desejo e o sonho do pai, futuro que trará nada além de dissabor para esse filho, caso esse seja minimamente diferenciado do pai que o tiraniza. A esse respeito Jung diz:

"...Se este poder estivesse realmente em nossas mãos, ou sujeito à nossa vontade, ficaríamos tão esmagados pela responsabilidade que ninguém, em sã consciência, ainda ousaria ter filhos. Mas o poder do arquétipo [paterno] não é controlado por nós; nós é que estamos à disposição dele num grau que nem suspeitamos..." (JUNG, 1909, par. 729)

Entretanto, quanto maior o grau de consciência do pai, maior sua responsabilidade, quanto menor sua consciência, maior o risco de escravizar seu filho naqueles passos que ele julga melhor. A esse respeito Jung escreve:

"...Os pais que criticam qualquer manifestação de independência emocional de seus filhos, que mimam suas filhas com erotismo camuflado e tirania sentimental, que tutelam seus filhos forçando-os a determinada profissão e a um casamento "conveniente"; as mães que, já no berço, excitam seus filhos com exagerado carinho, que os transformam depois em bonecos escravos e, ao final, estragam a vida amorosa deles por ciúmes: todos eles, em princípio... não sabem o que estão fazendo; não sabem que, sucumbindo à compulsão, eles a passam aos filhos tornando-os escravos dos pais e do inconsciente. Esse filhos continuarão vivendo por longo tempo na esteira dos pais, mesmo que estes já tenham falecido..." (JUNG, 1909, par. 730)

Vale dizer que esses textos, apesar de revisados em 1948, foram concebidos durante a relação com Freud, onde ele claramente estava elaborando o complexo paterno. Enfim, o pai Freud fez de tudo para manter seu filho Jung, nos trilhos estreitos daquilo que ele considerava certo e válido.

Um pouco mais adiante no tempo, Freud escreve a Jung um comovente relato da importância de Jung em sua vida. É nesse ponto que eu creio ter se instalado completamente a relação pai/filho na relação dos dois. Freud escreve:

"... eu gostaria de estar com o senhor agora, satisfeito por não mais me ver sozinho e falando-lhe, se precisasse de encorajamento, dos longos anos de minha solidão honrada mas penosa que começou depois que olhei de relance o mundo novo, falando-lhe da indiferença e incompreensão dos meus amigos mais íntimos, dos momentos terríveis em que eu chegava a pensar que estava no caminho errado e imaginava como ainda tornar útil à minha família minha vida desorientada, do lento crescimento de minha convicção, que se agarrou à interpretação de sonhos como a um rochedo num mar tempestuoso, e da serena certeza que se apossou de mim e me mandou esperar até que uma voz na multidão desconhecida respondesse à minha. Essa voz foi sua; pois sei agora que também Bleuler veio a mim por seu intermédio. Obrigado por isso, e não deixe que o que quer que seja abale sua confiança, o senhor há de testemunhar o nosso triunfo e tomar parte nele..." (42F, p. 118)

Tenho a nítida impressão de que Freud escreveu isso sob a influência do sentimento despertado pelo arquétipo do pai. Ele escreve ao filho que está longe, enfrentando grandes batalhas, importantes batalhas, contando-lhe o grande herói que ele também já foi um dia. Agradecendo a existência do filho que dá sentido à vida do pai. Pois antes da voz que o ecoa na multidão desconhecida ele apenas se agarrava a um rochedo em meio a um mar tempestuoso. Agradece a esse filho que será parte dele, que deverá seguir seus passos e levar a obra do pai para a imortalidade. Não vou entrar nos méritos pessoais de Freud, pois esse não é assunto de meu interesse, mas quero com esse trecho mostrar com que força estava se deflagrando a relação parental entre eles. A partir daqui Jung realmente entra nesse jogo e passa a ser o filho pródigo, que defende as ideias de seu pai Herói como um grande guerreiro, frente ao mal que os ataca. Jung responde essa linda carta da seguinte forma: *"...desejo externar o agradecimento mais sincero por sua carta, que veio na hora exata; fez-me um grande bem sentir que eu não lutava apenas por uma descoberta importante, mas também por um homem eminente e honrado..." (44J, p. 119)*

É muito interessante perceber aqui o quanto Jung já admira Freud por sua coragem, e o quanto Jung a valoriza. Coragem que Jung tanto desejou encontrar em seu pai pessoal e não conseguiu. Coragem essa que, na verdade, quem possuía mesmo era o próprio Jung. Não que Freud não a tivesse, mas como homem mais velho e cansado, precisou ancorar-se em mares mais calmos, pois já não tinha mais a energia necessária para continuar. Procurava, dessa forma, um substituto, um filho herdeiro. Jung por sua vez encaixava-se perfeitamente nesse papel, mesmo porque queria desesperadamente um pai que pudesse respeitar, uma pessoa que fosse maior do que ele e a quem pudesse prestar homenagem. Uma figura paterna respeitável do ponto de vista de Jung tinha de ter necessariamente a sua coragem interna para entrar no mar revolto, soltar-se do rochedo da interpretação dos sonhos e lançar-se a novas descobertas

psíquicas. Jung não sabia que no íntimo Freud procurava apenas um fiel seguidor de suas brilhantes ideias, ele acreditava que Freud seria capaz de segui-lo em sua impetuosidade frente ao inconsciente.

Como comentado anteriormente, uma das questões que afligia Freud e da qual freqüentemente queixava-se com Jung, dizia respeito aos longos intervalos de correspondência a que ele ficava exposto. Isso tem uma explicação razoável. Freud alude à sua relação com Fliess, que apagou-se com a diminuição da correspondência entre eles. Por outro lado, a vontade de ouvir notícias e a necessidade de estar perto deixam Freud aflito quanto a saber se Jung sente o mesmo que ele. Desse ponto de vista esse amor/paixão que se constela entre os dois têm traços claramente parentais, pois Freud quer não apenas controlar, mas sente prazer em estar perto do "filho" Jung. Este, por sua vez quer a liberdade tanto criativa como de não precisar ficar dando satisfações o tempo inteiro a seu "pai" Freud.

Nesse trecho a seguir encontramos uma impressionante declaração tanto de amor, quanto de admiração de um filho por seu pai. Jung diz, como se fosse uma criança muito pequena, toda a sua veneração pela figura de Freud:

*"... Na verdade - e é preciso um grande esforço para confessar isso - **tenho pelo senhor uma admiração ilimitada, quer como homem, quer como estudioso, e não lhe voto o menor rancor consciente. Decerto não é aqui que reside a origem do meu complexo de autopreservação ;mas dá-se que a maneira como o venero tem algo do caráter de um embevecimento "religioso"...**" (49J, p. 128)*

Mas na carta seguinte Jung conta um sonho que teve com Freud que vale a pena ser comentado, pois por um lado me parece ser compensatório e por outro creio ser um aviso de que aquilo que estava esperando e projetando em Freud não seria realizado, ou não era a verdade psíquica de Freud. O sonho é o seguinte: *"...Sonhei tê-lo visto como um velho fraco, muito fraco, que ia andando a meu lado..."* (50J, p. 129-130) Penso que esse sonho pode ser compensatório no sentido de que tamanha admiração que Jung tem por Freud precisaria ser um pouco controlada, ou colocada num sentido mais restrito e real, afinal é o próprio Jung que nos ensina sobre o sentido compensatório do inconsciente. Jung estava tão fascinado por Freud que precisava vê-lo como um velho e fraco homem que ao seu lado caminhava, pois na verdade ele o via como o mais poderoso e inteligente dos homens que habitavam a terra. O próprio Jung parece perceber esse sentido do sonho, pois em sua carta ele diz: *"... O sonho tranqüiliza minha mente acerca de sua +++ periculosidade!..."* (50J, p. 130)

Freud no início de 1908 já considera Jung declaradamente como uma espécie de filho intelectual. Comentando um texto deste, escreve: "...*Seu texto é fascinante, lamento apenas não o ter a meu lado para dar-lhe um aperto, não, mais de um aperto de mão. Espírito do meu espírito, posso dizer com orgulho...*" (66F, p. 147). É por volta desse tempo que Freud passa a chamar Jung de "caro amigo" na saudação de suas cartas. A esse detalhe Jung responde de forma surpreendente, pois propõe que eles encarem sua relação de uma maneira diferente. Jung escreve a 20 de fevereiro de 1908:

"...Agradeço-lhe do fundo do coração essa prova de confiança. A imerecida honra de sua amizade é um dos pontos altos de minha vida que não consigo expressar com palavras. A referência a Fliess - decerto não acidental - e seu relacionamento com ele impelem-se a solicitar que me permita desfrutar de sua amizade noutros termos, não como se fosse amizade entre iguais, mas sim entre pai e filho. Essa distância me parece adequada e natural. E já por si a meu ver ela confere um cunho que haveria de prevenir mal-entendidos e capacitar duas pessoas teimosas a existir lado a lado num relacionamento fácil e livre de tensões..." (72J, p. 154)

Mal sabe Jung o quanto se engana ao acreditar que a relação entre pai e filho é mais fácil e livre de tensões do que um relacionamento entre amigos, entre iguais. Talvez o que Jung quisesse propor nesse caso seria colocar-se abaixo de Freud para que este não se sentisse ameaçado por ele, deixando bem claro a diferença entre eles e a falta de poder de Jung. Talvez porque ele já pressentisse a verdadeira natureza de Freud, um pai que, tomado por questões de poder e de uma necessidade de ser sempre admirado, tenta manter seus filhos infantilizados devorando-os, prendendo-os em seu ventre intelectual.

De qualquer maneira, Jung continua sendo um fiel seguidor, perdendo aparentemente qualquer capacidade de reflexão própria. Digo aparentemente, pois se assim o fosse de fato, eles não teriam rompido. Entretanto, nesse momento do relacionamento era assim que a coisa se apresentava, tínhamos um Jung completamente fascinado por Freud e sua teoria. A ponto do primeiro escrever o seguinte a 24 de maio de 1907:

"... Não raro tenho de me transportar ao tempo anterior à reforma de meu pensamento psicológico para reexperimentar a acusações feitas, então, contra o senhor. Simplesmente não as posso compreender mais. Meu pensamento de outrora parece-me não só intelectualmente incompleto e errôneo, como também, o que é pior, moralmente inferior, já que agora deixa a impressão de ser uma imensa desonestidade em relação a mim mesmo..." (26J, p. 84)

Esse trecho é pouco anterior à carta na qual ele propõem a amizade tipo "pai e filho", mas ilustra bem o quanto Jung foi-se afastando de suas verdades vagarosamente e foi adotando

aquilo que "papai" achava certo. Claro que isso tem um tempo de vida muito efêmero, pois todo filho um dia adolece e acaba jogando na cara do pai seus piores defeitos. Entretanto, isso só virá à tona e ficará à disposição da consciência no momento da separação entre eles. Pois até lá a relação dos dois andou "de vento em popa". Mas obviamente não sem alguns percalços causados pelo grau de atuação dos complexos envolvidos. Em 14 de abril de 1908 Freud escreve a Jung:

*"... Tenho à mesa três de seus estudos. O primeiro, o que fez em colaboração com Bleuler, desagradame pelas hesitações que contém, a importância que dá à opinião de E. Meyer; do segundo o senhor me proibiu de falar, é a palestra de Amsterdam, de há muito esperada; o terceiro, que vem a ser o terceiro número de meus **Artigos sobre Psicologia Aplicada**, é de fato um prodígio, com a resolução, a clareza que o caracterizam e uma linguagem que, como convém a esse pensar tão límpido, é deliciosamente bela e provocante... Espero encontrar um momento em Salzburg para uma conversa a sós com o senhor sobre paranóia. Trate de se apresentar em plena forma..."* (82F, p. 167, 168)

A essa carta Jung estranhamente responde da seguinte forma:

"...Sua última carta me deixou intranquilo. Li muito nas entrelinhas. Estou certo de que chegaríamos a um entendimento básico, se pelo menos eu pudesse conversar com o senhor. A escrita é um pobre substituto da fala. Tentarei oferecer, no entanto, umas explicações algo incoerentes.

1. Palestra para leigos. O objetivo era tornar o público cômico das conexões psicológicas... Não havia razão para falar da etiologia verdadeira.

2. Etiologia da Dem. Prec. Aqui a intenção foi definir nossa concepção da etiologia. Por falta de experiência analítica Bleuler ressalta o lado orgânico, eu o outro...

3. Palestra de Amsterdam. Fiz aqui um mau trabalho, sou o primeiro a admitir. Mas mesmo assim aceitarei de bom grado qualquer crítica. É um contra-censo que o tenha proibido de falar a respeito! Eu só tenho a aprender com suas críticas...

Tudo o mais que escrevi me foi ditado pela consciência. Não sou de fato um propagandista; apenas detesto todas as formas de supressão e injustiça. Estou ansioso para saber de meus erros, espero aprender com eles..." (83J, p. 168, 169)

Essas duas cartas, 82F e 83J valem à pena serem lidas em sua íntegra. Frente ao que foi escrito por Freud, a reação de Jung foi completamente despropositada. Fico com uma forte impressão de que a resposta de Jung foi ditada por um complexo. A meu ver, nada do que Freud escreve, tirando as passagens que escolhi para ilustrar a carta, poderiam ter provocado tamanha fúria, quase incontrolável, por parte de Jung. O que me parece ficar absolutamente

claro nessa passagem é que se trata, sim, de uma atuação complexa por parte de Jung. Ele estava possuído quando escreveu sua resposta e estava possuído por um complexo muito específico, o complexo do pai terrível, que neste caso projetou-se por completo na figura de Freud. Parece-me clara aqui a volúpia com que este complexo se movimenta no interior da psique de Jung. Parece-me muito pouco o que Freud escreveu para o tamanho da resposta de Jung.

Jung tinha, claramente, um pai terrível atuando em seu interior, isso se manifesta desde muito cedo em sua vida. Em suas memórias Jung conta que, quando tinha 12 anos de idade, um incidente na volta da escola fez com que ele começasse a se aproveitar da situação para não freqüentá-la e para não mais assumir suas responsabilidades para com a sua vida. Passou, como ele mesmo diz, a gastar seu tempo "... *flanando, lendo, colecionando e brincando*". (JUNG, 1961, p. 41) Mas uma certa má consciência o perseguia, pois como ele também diz: "... *nem por isso era mais feliz; pelo contrário, tinha como que a obscura consciência de fugir de mim mesmo... deplorava, no íntimo, as preocupações de meus pais, que haviam consultado vários médicos...*". (JUNG, 1961, p. 41) Vemos aqui que, mesmo obscura, ele já possuía uma consciência daquilo que era certo e errado e sabia que estava a fazer algo deplorável. É escutando uma conversa de seu pai com um amigo que ele, de repente, se dá conta do que realmente está acontecendo. Ele descreve essa conversa da seguinte forma: "...*"E seu filho como vai?" meu pai respondeu: "ah, é uma história penosa! Os médicos ignoram o que ele tem. Falaram em epilepsia: seria terrível se fosse incurável! Perdi o pouco que tinha e o que será dele se for incapaz de ganhar a vida?"...*" (JUNG, 1961, p. 41) É como se ele desse conta de que já não é mais apenas um garotinho, que tem responsabilidades para com seus semelhantes, que no caso eram seus pais, e mais especificamente seu pai. Jung parece ver uma fraqueza em seu pai e praticamente entra em pânico, mas ao mesmo tempo percebe sua responsabilidade, pois dependia também dele o futuro de sua família e dele próprio. Jung diz:

*"... Foi como se um raio me ferisse. Sofrera o duro embate com a realidade. - Ah, então é preciso trabalhar!, pensei. E a partir desse momento tornei-me uma criança sensata... compreendi nitidamente que eu mesmo montara toda essa história vergonhosa... Tal coisa não devia se repetir! Sentia uma espécie de raiva contra mim mesmo, e também de vergonha, pois sabia que estava em falso diante de meus próprios olhos: fizera um fiasco, a culpa era somente minha. Eu tinha sido o deplorável **deserteur**! A partir desse momento não podia suportar que meus pais se preocupassem comigo ou falassem de mim num tom de compaixão..."* (JUNG, 1961, p. 41)

Apesar de muito concordar com o insight do autor, me parece faltar um pouco de amorosidade consigo mesmo, característica marcante de quem é altamente crítico em relação a si mesmo e, assim sendo, alguém que tem um complexo paterno negativo bastante ativado. Sei que várias críticas podem ser aplicadas a esse trecho de meu trabalho, pois foi exatamente neste ponto de sua vida que Jung descobriu, na própria pele, o que é uma neurose. Barbara Hannah, em seu apaixonado relato "*JUNG Vida e Obra - Uma memória biográfica*" discute isso claramente argumentando que:

"A coisa que mais me marcou, contudo, foi o modo como encarou a questão da responsabilidade ética pelo que havia sucedido. Longe de culpar a quem quer que fosse - por exemplo, o menino que o golpeou -, ele, aos poucos, porém com segurança, foi encarando o fato de que tudo devia-se a ele próprio, do início ao fim. Lembrou-se de haver pensado, ao sentir o golpe: "agora eu não vou mais precisar ir à escola", e igualmente que, embora tivesse ficado tonto com a queda, ele havia levado mais tempo para levantar-se do que o necessário... mais tarde, ele revelou que essa experiência foi o que, pela primeira vez, ensinou-lhe o que é uma neurose" (HANNAH, 1976, p. 45)

Ela continua no parágrafo seguinte:

"...Caso essa idéia tivesse permanecido em sua mente consciente, não teria havido neurose alguma e nenhuma enfermidade, pois ele era um menino demasiado honesto para cometer tal trapaça conscientemente..." (Idem)

Caso levemos o pensamento de Jung até o fim, podemos afirmar que ele não teve esse pensamento "*agora eu não vou mais precisar ir à escola*", esse pensamento foi que o teve, possuindo-o por completo. De tal forma que ele, um menino provavelmente honesto, de fato, acabou deixando que se armasse em torno desse episódio todo o circo que já conhecemos. Não discordo nem um pouco a respeito de que isso é o nascimento de uma neurose, só não consigo concordar com o juízo de valor que Jung dá a si próprio nesse episódio. Ou melhor, parece-me que seu juízo de valor é exagerado por um outro complexo. O verdadeiro "*deplorável deserteur*" o é de forma consciente, ou quase consciente. Assim o seria se após ouvir a conversa de seu pai, lembrar-se de seu pensamento em relação a não ir mais à escola no momento do golpe e, mesmo assim, ele continuasse em sua enfermidade. Aí sim ele poderia ser considerado um desertor deplorável, pois esta acusação aplica-se àquelas pessoas que sabem que estão desistindo, pois não estão dispostas a fazer sacrifícios em prol de seu processo. Claro que havia, na neurose por Jung descrita, esse aspecto interno, mas ele lutou contra isso bravamente e venceu mais esse obstáculo psíquico, assim como o faria com os vários que se seguiram por sua vida. Nós só podemos nos culpar verdadeiramente daquilo que

temos consciência. Creio, de qualquer modo, que não querer ter consciência é um pecado grave, talvez o mais grave de todos, mas aqui não era o caso, pois ele se conscientizou de sua responsabilidade para consigo mesmo e para com seus próximos. A autocrítica é muito delicada, pois expõem o ego a um lugar bastante difícil, tendo de ser capaz de dosar muito cuidadosamente esse poderoso remédio/veneno. Se por um lado isso pode impulsionar a pessoa adiante na vida, um excesso dessa autocrítica pode parar até as mais resolutas decisões. A esse respeito diz Jung:

"... Nunca recusei a bebida agridoce da filosofia crítica, mas procurei sempre, ao menos por precaução, tomar pequenas doses. Muito pouco, dirão meus adversários. Quase demais, diz minha sensibilidade. A autocrítica envenena facilmente o precioso bem da ingenuidade, aquele dom indispensável a qualquer ser criado..." (JUNG, 1929, par. 774)

Voltemos, então, às cartas. Jung projetara seu complexo paterno negativo em Freud. Entretanto, não havia projeção negativa que não sucumbisse a um encontro real, ao menos até o momento. Na carta subsequente ao congresso de Salzburg Jung já estava ameno e completamente fascinado pelo pai bondoso novamente. Dessa forma, Jung escreve: *"...no que tange aos sentimentos, eis que ainda estou sob o resplandecente impacto de suas palestra, a meus olhos a própria perfeição. Tudo o mais foi só para encher o tempo, não passou de um palavreado estéril nas trevas da inanidade..."* (86J, p. 173) Mas na mesma carta Jung mostra a sua natureza desobediente, que viria um dia a provocar grandes fendas nas relação dos dois. Ele diz: *"...Não sou apenas um seguidor fiel, tenho sempre um pouquinho mais a fazer. Aqueles, por sinal, não lhe faltam. Mas não é com eles que a causa progride, **pois com a simples fé nada prospera a longo termo...**"* (86J, p. 174) Destaquei a última parte, pois ela me parece também ser um sinal do embate que Jung está realizando internamente com o pai. Aqui me parece ser uma conversa com seu pai pessoal, cuja maior qualidade era sua grande fé na palavra de Deus, ou, ao menos, na palavra da bíblia. Freud responde a essa carta da seguinte forma: *"... Mas tenho certeza que, tendo se afastado de mim alguns passos, o senhor há de encontrar o caminho de volta e então seguir comigo mais longe. Não lhe posso dar uma razão para essa certeza; provavelmente ela brota de um sentimento que tenho quando olho para o senhor..."* (87F, p. 174). Aqui, parece-me que Freud afirma que quando olha para Jung vê aquele filho que ele queria ter tido, que dará seguimento para sua obra. Ele ainda não tem muita clareza desse sentimento, mas este vem se apossando dele vagarosa e firmemente.

Em seguida, nesta mesma carta, Freud tenta por ordem numa discórdia dentro de casa, uma espécie de briga entre os filhos que procuram a atenção do pai querido. Transcrevo o

trecho seguinte apenas para ilustrar o quanto Freud também se deixava dominar por esse sentimento paterno para com seus seguidores. O que nos faz pensar que as projeções de Jung faziam coro com a forma de funcionar de seu mestre. Freud escreve a 3 de maio de 1908:

*"...Não deixei de perceber que há uma brecha se abrindo entre o senhor e Abraham. Somos tão poucos que devemos nos manter unidos e **uma rusga por motivos pessoais, entre nós psicanalistas, fica mais feio que entre quaisquer outros...** Tenho, por conseguinte, esse pedido a lhe fazer: seja prestigioso, se ele o consultar sobre a publicação do trabalho dele sobre a demência, e aceite o fato de ele ter, dessa vez, tomado o caminho mais direto, ao passo que o senhor hesitou..." (87F, p. 175)*

Embora o trecho fosse apenas para ilustrar um fato, a resposta de Jung é tão enfática e potente que creio ser de interesse, até para vermos que alguns aspectos do pai estavam muito bem colocados em sua personalidade. Também para vermos os sinais que ele dava de seu temperamento e de sua natureza guerreira e inalienável daquilo que acreditasse de maneira visceral. Jung escreve em resposta ao pedido de Freud a 7 de maio de 1908:

*"...Essa sugestão lhe fará ver que meu julgamento objetivo de A. não é em nada depreciativo. E por isso mesmo é que tenho indisfarçável desprezo por algumas das idiossincrasias do colega A. Ainda que possua qualidades estimáveis e virtudes diversas, simplesmente ele não é um gentleman. Isto é, a meu ver, uma das piores coisas a que se fica sujeito. Estou sempre pronto a subordinar meu julgamento a alguém que saiba mais, mas nesse caso encontro-me de acordo com grande número de pessoas cujas opiniões respeito. Só fui capaz de evitar um escândalo em Salzburg rogando a certa pessoa, decidida a lançar luz sobre as fontes da palestra de A., que abandonasse essa idéia. Essa pessoa não era um suíço, nem um de meus alunos, os quais (como eu) apenas podem contemplar num mudo espanto essas produções, inevitavelmente tomando nota dos fatos. **Até agora nada jamais foi feito de meu lado que pudesse levar à desavença; é A., pelo contrário, quem age neste sentido...**"*

Aqui vale uma interrupção para dizer que essa última passagem soa como um filho dizendo para o pai que a culpa é do outro irmão que o está provocando.

"...O ultimo atrevimento (do qual, diga-se de passagem, nunca o imaginaria capaz) é a notícia de que ele me enviará a palestra dele, sem alterações, para publicação. Naturalmente não posso compactuar com isso, pois uma revista editada por mim tem de ser limpa e honesta e não há de publicar plágios, sejam eles quais forem, do seu ou do meu trabalho intelectual.

Tudo de meu lado continuará na mesma, esteja certo, enquanto A. se comportar com decência. Mas, se ele for muito longe, uma explosão será inevitável..." (91J, p. 178-179)

Freud por seu lado continuou obcecado por conquistar a qualquer custo a fidelidade de seu mais precioso discípulo. Ele parece ter ficado muito assustado com o rompante de Jung e

o fato de eles ainda terem algumas discordâncias conceituais. Esse foi quase sempre, um grande obstáculo entre os dois, obstáculo do qual Freud sempre se ressentiu, mas tentou disfarçar o quanto isso o incomodava. Ele parecia querer, realmente, algo impossível. Desejava um filho cegamente fiel, que ao mesmo tempo fosse genial. Essas duas características me parecem inconciliáveis, pois quem tem inteligência acima da média dificilmente consegue seguir algo ou alguém de forma cega. Sempre que ele percebia que Jung voltava a se aproximar, ele fazia questão de frisar e destacar esse comportamento como sendo muito agradável. Em 21 de junho de 1908 Freud escreve:

"...Nenhum outro caso jamais lhe ensinaria tanto; e um bom resultado adicional, pelo que vejo, é que, de novo, suas opiniões se aproximam muito mais das minhas. Não me preocupei, porém, com isso. A não ser uma vez, antes de nosso último encontro. Assim que o vi em Salzburg, malgrado as poucas chances de conversa, soube, contudo, que nossas opiniões em breve se reconciliariam, que o senhor não tinha sido alienado de mim como eu chegara a temer, por algum processo interior derivado do relacionamento com seu pai e as crenças da igreja, mas simplesmente pela influência de seu chefe. Confesso que não estava inteiramente satisfeito com Bleuler, que às vezes me deixava meio arrepiado, mas dentro em pouco me senti seguro de que não o perderia para ele..." (99F, p. 187)

Jung e Freud encontraram-se novamente em setembro deste mesmo ano e após o encontro dos dois, na carta seguinte Freud se dirige a Jung como "*Meu querido amigo e Herdeiro...*" (110F, p. 199) fortalecendo ainda mais a relação como sendo entre um pai e um filho. Ao final de novembro desse mesmo ano Jung ganha seu único filho homem, Franz, ao mesmo tempo em que escrevia sobre a importância do pai no destino dos filhos. Certamente uma das tentativas de elaboração desse importante complexo na vida de qualquer ser humano. É também neste momento que sua estada na clínica de Burghölzli é posta em cheque por ele mesmo, dando a entender que esta o restringia do ponto de vista de sua produção intelectual. Ele escreve:

"...Mesmo que não seja uma maravilha, meu ensaio sobre o complexo de pai, acredito, é um trabalho decente. Espero que lhe agrade. A fidelidade à causa, seja como for, não deixa nada a desejar. Agora que interiormente cada vez mais me desligo mais de meu modo anterior de existência, começo a perceber como a Clínica e o ambiente que aí reina têm restringido minha liberdade intelectual..." (117J, p. 210)

Vale também destacar o quanto Jung valorizava sua "liberdade intelectual", que certamente tinha raízes em sua relação com seu pai, e que ele está o tempo todo elaborando. Seja no relacionamento com Freud, seja em sua relação com a Clínica e conseqüentemente com seu então chefe, Bleuler. Freud começa a perceber isso e escreve a Jung:

"... *Prescindir de um mestre, como verá, é com efeito uma felicidade rara. A conjunção - liberdade social, nascimento de um filho, ensaio sobre complexo de pai - sugere-me que o senhor se encontra num ponto-chave de sua vida e que tomou a direção acertada. Meu próprio paternalismo não lhe há de ser um fardo penoso, é pouco o que posso fazer pelo senhor e a dar tudo o que tenho estou acostumado...*" (118F, p. 211)

Por outro lado, Freud também está dando um pequeno e sutil aviso quando fala sobre seu paternalismo, que não há de ser um fardo muito penoso para Jung, ao menos na visão de Freud. Na verdade, ele parece estar dizendo: "eu acho muito bonito o que você está fazendo e tenho orgulho de vê-lo crescer, mas cuidado para não se tornar por demais autônomo, pois o preço da tua autonomia será alto. Por favor não se atreva a me trair". A isso Jung responde, ainda muito inconsciente de suas fortes necessidades em termos de seu relacionamento paternal com Freud: "*...sinto que a conjunção do nascimento de um filho e a racionalização do complexo do pai é uma encruzilhada extremamente importante em minha vida, inclusive porque agora também me desenredo do relacionamento socio-paternal...*" (121J, p. 214) Na parte por mim destacada ele estava referindo-se claramente a seu rompimento com o Burghölzli e seu chefe Bleuler, com quem, pelo que aqui parece, também estabeleceu um relacionamento filial. A meu ver não restam dúvidas de que Jung estava realmente elaborando o complexo do pai, mas ainda havia muito por fazer. Fico com a impressão de que o relacionamento com Freud foi muito mais rico para Jung no sentido dessa elaboração, fazendo até com que, em parte, este pudesse se libertar de algumas amarras que ele trazia de seu relacionamento com seu pai pessoal.

Um dos mais ilustrativos episódios do que venho afirmando ocorre quando Sabine Spielrein aparece. Não cabe a mim, em absoluto, um julgamento a respeito do que Jung fez com ela. Entretanto, é interessante perceber a quantidade de mentiras e contradições em que Jung entra ao contar a história para Freud, temendo um julgamento moral que ele provavelmente já fazia a respeito de si próprio. As próximas transcrições serão longas, por isso peço desculpas ao leitor, mas elas são necessárias para que meu ponto se faça claro. Jung começa a contar o caso de Sabine de forma ingênua, mas o faz, provavelmente, para se antecipar a uma possível reprimenda de Freud, caso Sabine o procurasse. O trecho está numa carta de 7 de março de 1909 e é o seguinte:

"...*A última novidade, e a pior de todas, é que um complexo anda a fazer de mim o diabo: uma paciente que há anos tirei de uma neurose incômoda, sem poupar esforços, traiu minha confiança e amizade da maneira mais mortificante que se possa imaginar. Resolveu armar um torpe escândalo simplesmente*

porque me neguei ao prazer de lhe fazer um filho. Sempre procedi com ela como um perfeito cavalheiro, mas perante o tribunal de minha consciência por demais sensitiva não me sinto realmente imaculado, e é isso o que mais dói, porque minhas intenções nunca deixaram de ser dignas. Mas o senhor sabe como são as coisas - mesmo o que há de melhor pode servir ao diabo par a fabricação de imundície. Nesse ínterim aprendi uma indescritível parcela de sabedoria conjugal, pois até então tinha uma idéia totalmente inadequada de meus componentes polígamos, a despeito de toda a auto-análise. Agora eu sei onde e como deitar a mão ao diabo. Esse vislumbres dolorosos, não obstante extremamente salutares, puseram-me num infernal tumulto interior, mas por isso mesmo garantiram-me, assim espero, qualidades morais que ainda não de me ser do maior proveito na vida. Meu relacionamento com minha mulher ganhou enormemente em profundidade e firmeza. O destino, que obviamente tem um fraco pelas confusões, depositou à minha porta como paciente, na mesma ocasião, um conhecido americano... Claro que ele tem os mesmos conflitos que acabo de dominar e assim lhe pude ser de grande valia, o que é gratificante sob vários aspectos. Foi um balsamo para minha dor. Esse caso me apaixonou de tal forma, durante a última quinzena, que esqueci das demais obrigações. De modo geral ainda não possuo o alto grau de firmeza e serenidade que são peculiares ao senhor. Inúmeras coisas que lhe soam banais atingem-me como experiências totalmente novas que tenho de ficar revivendo até que me dilacerem..." (133J, p. 233)

Fico com a impressão de que Jung parece estar confessando a Freud que tivera um caso extraconjugal com uma paciente. A primeira parte por mim destacada mostra sua luta interna de consciência moral, essa que tanto tem a ver com a figura interna do pai, que dita aquilo que é permitido e aquilo que é errado. Jung parece estar pedindo perdão a si mesmo, por ter traído sua mulher, sua paciente e a si mesmo. Essa confissão pareceu-me um tanto estranha, pois carece de sentido. Exceto se ele o fez para se proteger da possibilidade de Sabine ir à público com a história, como acabou realmente acontecendo, no intuito de macular sua imagem perante seus colegas. Em parte parece-me ser isso que Jung estava fazendo com essa carta, mas creio que em parte ele também estava se confrontando com seu pai interior, projetado em Freud, a respeito desses assuntos tão graves. A segunda parte destacada parece ser uma confissão clara de que ele sim teve um caso com Sabine, pois esses mesmo componentes polígamos também o fizeram se relacionar com outras mulheres fora de casamento. Isso não acontecia sem uma grande guerra interna, pois ele parecia julgar que o que estava fazendo não era exatamente o caminho mais iluminado. O problema não estava no fato de se relacionar com outras mulheres, mas por tentar viver alguns desses relacionamentos no escuro. Parecia existir um grande conflito interior. Por um lado ele tinha essa necessidade de outras mulheres, mas por outro parecia não querer pagar os tributos deste caminho. Parecia não querer se responsabilizar por seu comportamento. Aqui caberia dizer que Jung estava elaborando o relacionamento entre seu Eros e seu pai internos, com todas as dificuldades e

percalços a que essa elaboração tem direito. Neste caso em especial, o de Sabine, Jung pode ser pego nas cartas várias vezes se contradizendo e mentindo. A carta seguinte de Freud diz o seguinte:

"...Também ouvi falar da paciente através da qual o senhor entrou em contato com a gratidão neurótica dos rejeitados. Quando veio me ver, Muthmann aludiu a uma senhora que se apresentara a ele como sua amante, pensando que ele se deixaria impressionar fortemente com a liberdade que o senhor conservava. Mas ambos presumimos que a situação fosse muito diferente e que a única explicação possível era uma neurose na informante. Seremos difamados e causticados pelo amor com que operamos - tais são os riscos de nosso ofício, mas não será por causa deles que vamos abandoná-lo..." (134F, p. 236)

Mesmo sem fazer um julgamento moral declarado, este se faz presente na parte por mim destacada, pois ali está embutida a lei, a regra que não deve ser ignorada ou transgredida. À parte disso, a resposta de Jung a essa carta também me parece um impressionante confronto com o pai e mais uma confissão, pois seu medo fica muito visível e ele acaba por negar tudo, até porque, provavelmente, já estava se martirizando com toda a história. Jung escreve em 11 de março de 1909:

"...A história que Muthmann andou apregoando é chinês para mim. Nunca tive na verdade uma amante e sou o mais inocente dos maridos. Daí minha violenta reação moral! Não consigo imaginar de quem se trata. Mas não acho que seja a mesma senhora. Tenho horror a tais histórias..." (135J, p. 237)

Creio nem ser necessário muito aprofundamento para se perceber o que está acontecendo dentro de Jung. Ele mesmo confessará abertamente seus medos, explicando o porquê dessa negação absurda aos olhos de qualquer um. Negação esta, que é muito mais uma confissão do que uma forma de se proteger de prováveis ataques de Freud. É muito interessante perceber o quão imaturo ele foi nesse caso, pois aqui ele se deixou levar por seu complexo paterno rígido e extremamente punitivo. Na verdade, não era de Freud que ele estava com medo, mas de si mesmo, desse pai terrível que morava dentro dele. Dessa sua extrema auto-crítica que tanto o torturou. Frente a esse pai, ele se comporta como o menino que fez coisa errada e que nega tudo, mesmo que todas as evidências apontem para ele. Com isso não estou fazendo uma crítica ou julgando Jung, apenas estou pontuando fatos observáveis ao se ler a correspondência dele com Freud. Como se ele diante de seu mestre se comportasse como um jovem diante do pai bravo, que para escapar à sua fúria, defende-se como pode, esquivando-se de assumir a responsabilidade de seus atos. Não podemos deixar

de assinalar que só conseguimos criar consciência dessa maneira. Ou seja, projetando, esquivando-se, atrapalhando-se, revendo toda a situação para no final, mesmo absolutamente envergonhados em relação aos acontecimentos, admitirmos nossa parcela de responsabilidade naquilo que nos acontece. Aqui devemos admitir que Jung está fazendo o melhor possível para ele neste determinado momento de sua existência. Não há processo psíquico que desnudado frente a uma multidão não cause a indignação daqueles que lá ainda não chegaram. Desta forma, quando nos aprofundamos em questões psíquicas, devemos ter essa consciência, de que se formos nos analisar de forma realmente honesta, também teríamos, certamente, momentos dos quais nos envergonhar. Momentos em que mentimos, em que nos esquivamos, isso é inerente ao processo humano. Assim sendo, o que estamos vendo é a humanidade de Jung, tal e qual todos nós a temos.

Um pouco mais adiante no tempo, a 4 de junho do mesmo ano, Jung conta com mais detalhes o caso de Sabine. Ela entrara, por carta, em contato com Freud, forçando, por assim dizer, Jung a escrever à Freud o seguinte:

*"... A pessoa sobre quem lhe escrevi é Spielrein. Em forma resumida, ela foi publicada em minha palestra de Amsterdam de saudosa memória. É que por assim dizer foi meu caso-teste, razão pela qual guardei por ela um carinho e uma gratidão especiais. Como eu sabia por experiência prévia que sofreria uma recaída imediata, caso lhe retirasse meu apoio, prolonguei o relacionamento por anos e acabei por me sentir na obrigação moral de consagrar-lhe grande parcela de amizade, até notar que as coisas tinham tomado um rumo desejado, quando enfim rompi com ela. É claro que sistematicamente planejava me seduzir, o que julguei oportuno. Agora está querendo se vingar. Andou ultimamente espalhando o boato de que vou me divorciar da minha mulher para casar com uma estudante, o que deixou vários de meus colegas na maior vibração. Ignoro o que ela agora trama. Mas desconfio que não seja nada de bom, a menos que pretenda usar o senhor como intermediário. Acho que eu nem precisaria dizer que o rompimento foi total. **Como Gross, ela é um caso de Guerra-ao-pai que em nome de tudo o que é mais sagrado eu tentei curar gratissime (!), com enorme paciência, chegando a abusar, para tanto, de nossa própria amizade. Naturalmente, para cessar, um complexo de generosidade veio a sabotar o trabalho. Como indiquei anteriormente, minha primeira visita a Viena teve uma conseqüência inconsciente muito longa; de início a paixão compulsiva por Abbazia, depois o reaparecimento da judia nessa nova forma, a pessoa de minha paciente. É claro que, agora, essa caixa de mágica não me propõem mais mistérios... Tanto Gross como Spielrein são experiências amargas. A nenhum de meus pacientes ofereci tanta amizade e de nenhum colhi tanto dissabor..."** (144J, p. 252)*

Fica para mim a pergunta, neste trecho, quem exatamente está em guerra com o pai? Parece-me que também o próprio Jung trava esta mesma guerra, pois em cada carta conta uma história diferente ao seu mestre e pai intelectual, Freud. Ao invés de guerra, como aqui usa

Jung, eu diria que os dois estão tentando, da melhor forma possível, a elaboração e a humanização do arquétipo do pai. A resposta de Freud é naturalmente amigável e favorável a Jung, uma vez que ele não pretende abrir mão de seu mais precioso seguidor naquele momento. Por outro lado, acontece aqui uma certa parceria masculina no trato com o feminino, como uma espécie de complô no qual as mulheres não têm chance ao atacar essa confraria. Sabine estava, sim, tentando se vingar de Jung, ou daquilo que nele estava projetado, mas deve ter percebido que isso seria impossível com o rumo que as coisas estavam tomando, e acabou mudando muito sua estratégia, o que ficará claro mais para frente.

Na carta subsequente de Jung temos uma belíssima confirmação de sua luta com esse pai interno carrasco, um Deus insaciável pelo sangue de seu fiel. Ele escreve:

"... Obrigado pela carta. Fui levado a me dizer que eu escreveria nesse mesmo espírito caso um amigo ou um colega meu se visse em situação igualmente embaraçosa. Obriguei-me a me dizer isso porque meu complexo de pai teimava em insinuar que sua reação não seria a que foi e que o senhor me passaria um bom pito, disfarçando-o como lhe fosse possível sob o manto do amor fraterno. Seria na realidade uma suprema tolice que eu, logo eu, seu "filho e herdeiro", esbanjasse tão insensatamente sua herança, como se nada soubesse dessas coisas..." (146J, p. 255)

A primeira parte grifada por mim creio que nem precise ser muito comentada, pois ele próprio já confessa ter um pai terrível atuando nos bastidores de seu psiquismo. Na segunda parte, temos mais uma confissão de que ele não havia agido de forma completamente idônea, e que não estava com a consciência tranqüila. No trecho a seguir temos a explicação mais próxima da realidade possível para Jung. Ele conta, finalmente, parte do que acontecera em sua relação com Sabine, e pede perdão a seu pai por lhe ter envolvido em assunto tão mundano. O trecho é longo, mas necessário ao entendimento do funcionamento de Jung em relação ao complexo de pai, que estava atuando quase livremente em sua psique. Ele escreve a 21 de junho de 1909:

"... Tenho boas notícias a dar sobre meu problema com Spielrein. Eu vi tudo muito negro. Estava quase certo de que se vingaria, depois que rompi com ela, e só me surpreendi com a banalidade da forma que essa vingança assumiu. Anteontem ela veio à minha casa e tivemos uma conversa muito decente, durante a qual transpirou que o boato que corre a meu respeito não parte em absoluto dela. Foram minhas ideias de referência, bem compreensíveis nas circunstâncias, que lhe atribuíram tal boato, mas desejo me retratar incontinenti. Além disso ela se libertou magnificamente bem da transferência e não sofreu recaída (se se excluir um paroxismo de choro após a separação). A vontade de estar com o senhor não visava uma intriga, mas apenas preparar o caminho para uma conversa comigo. Agora, após sua segunda carta, ela resolveu me procurar diretamente. Embora sem me deixar

levar a um remorso infundado, deploro os pecados que cometi, pois, em grande parte, posso ser incriminado pela extravagantes esperanças de minha ex-paciente. Com efeito, em obediência a meu princípio fundamental de levar todas as pessoas a sério, até o limite extremo, discuti com ela o problema do filho, imaginando que falava em termos teóricos quando na realidade Eros se agitava sorrrateiramente nos bastidores. Atribuí, pois, apenas à minha paciente todos os outros desejos e esperanças, sem ver em mim a mesma coisa. Quando a situação se tornou tão tensa a ponto de a prolongada persistência no relacionamento só poder ser resolvida por atos sexuais, defendi-me de uma maneira que não encontra justificativa moral. Possuído pelo delírio de ser vítima dos estratagemas sexuais de minha paciente, escrevi à mãe dela dizendo que eu não era o gratificador dos desejos sexuais da filha, mas simplesmente seu médico, e exortando-lhe a libertar-me da mesma. Tendo em vista o fato de que pouco antes a paciente fora minha amiga e gozara de toda a minha confiança, meu gesto foi uma autentica safadeza que só com muita relutância confesso ao senhor como meu pai. Gostaria agora de lhe pedir um grande favor: que mandasse algumas linhas a Flr. Spielrein, dizendo-lhe que o informei de todo o assunto, e em particular da carta aos pais dela, que é o que mais lamento. Quero dar à minha paciente pelo menos uma satisfação: a de que tanto ela quanto o senhor sabem minha "perfect honesty". Peço-lhe mil perdões, foi só minha tolice que o envolveu nesta confusão. Estou, no entanto, contente por afinal eu não ter me enganado sobre o caráter de minha paciente, pois de outro modo ficaria em dúvida quanto à firmeza de meu julgamento e isso poderia estorvar consideravelmente em meu trabalho..." (148J, p. 258-59)

Não sei, de fato, se Jung falava a verdade ou não. Sabemos o que ele próprio comenta que descobriu, ou seja, "*seus componentes polígamos*". Talvez Sabine tenha sido seu primeiro relacionamento extra-conjugal, ou talvez nem o tenha sido. Até seu casamento, Jung não havia vivido muitas aventuras sexuais, o que me leva a crer que algo em seu psiquismo desejava ou necessitava essas vivências. De qualquer maneira, mesmo ele não confessando efetivamente seu envolvimento com ela, vem à tona um aspecto sombrio da personalidade de Jung mostrando-nos um lado dele não muito lisonjeiro. Ele age como um menino que fez algo muito feio, tenta escapar da acusação de ser infiel à sua mulher e com isso apenas se incrimina ainda mais. É impressionante ver o quão precárias são suas defesas para lidar com o acontecido. Escrever uma carta para a mãe da moça, numa tentativa desesperada de se anteciper à acusação da mesma, de seus possíveis avanços sexuais. E isso apenas porque a coisa ficou mais séria do que ele queria que ficasse. E em seguida romper o relacionamento no momento em que ela desejou ter um filho com ele, pois isso o assustou muito. Claro que isso teve suas conseqüências. Não entremos aqui num julgamento moral a respeito do comportamento dele, afinal quem nunca pecou que atire a primeira pedra, quero apenas mostrar o grau de maturidade que Jung apresentou, neste ponto de sua vida, quando estava diante de um assunto tão importante como esse. Mostrar como ele se atrapalhou com as

questões sexuais e com o julgamento paterno. Devemos também dar o devido desconto de que ele devia ficar ainda mais regredido por isso estar acontecendo diante do olhar de Freud. Sua relação parental com Freud já estava muito bem estabelecida e era conhecida dos dois e isso fica claro na seguinte passagem “...meu gesto foi uma autêntica safadeza que só com muita relutância confesso ao senhor como meu pai...”. Mas nesta mesma passagem tem algo mais do que apenas um reconhecimento de sua safadeza, tem o seu próprio julgamento a respeito do acontecido. Talvez aqui Jung estivesse buscando a absolvição paterna em Freud, para que ele pudesse humanizar este aspecto do pai terrível. Assim sendo, tenho de lhe conferir o mérito de estar profundamente empenhado num processo de auto-análise, e de ter uma capacidade de auto-reflexão muito aguçada. Ele consegue perceber suas projeções em relação ao seu próprio desejo de estar sexualmente com ela e de também ter desejado o tal do filho que ela queria ter. Provavelmente Jung havia se apaixonado por ela, e ter um filho era a concretização desse amor/paixão que se construiu entre eles. O que é mais importante aqui é destacar o quanto Jung estava sob o domínio de um complexo de pai terrível e o quanto ele acabava, por isso mesmo, mentindo em relação àquilo por que temia ser castigado.

É muito provável que, embora Jung tenha achado o contrário quando propôs isso, a relação entre pai e filho de maneira alguma é mais fácil ou menos tensa do que uma relação de amizade. Ao contrário, a relação parental é muito mais complicada do que a relação de amizade. Embora toda relação humana requeira manutenção constante, a relação de amizade é, a meu ver, a menos complicada de todas, pois é a que envolve menor grau de afetos. Afetos aqui no sentido não da quantidade de amor, mas na quantidade de propensão às projeções. Claro que elas existem, mas em menor grau que numa relação amorosa de cunho sexual ou do que numa relação entre pai e filho.

A relação de pais e filhos talvez seja até mais complicada do que a relação amorosa, pois nesta relação absolutamente desigual, o pai, que detém o poder por muito tempo, deveria ser capaz de transmitir esse poder ao filho, fazendo do filho um homem forte. Deveria também ser capaz de cuidar do filho quando este precisar, sabendo que o faz sem que o outro tenha obrigação de fazer o mesmo em troca. Diferentemente da relação amorosa, a relação parental é de mão única, sempre do pai para o filho. O pai que esperar cuidados do filho em sua velhice, ou que o filho siga aquilo que ele deseja, amargará o resultado de qualquer maneira. Seja por que o filho estará infeliz fazendo aquilo que não deseja e que não responda aos anseios de sua alma, ou porque foi traído. O filho que for saudável o suficiente para fazer aquilo que seu destino e sua alma pediram para ele realizar vai trair o desejo desse pai. Talvez,

quando Jung propõe que a relação de amizade deles seja como a de pai e filho, ele tivesse, mesmo de que forma ainda inconsciente, preparando Freud para sua libertação. Essa proposta condenava a relação uma vez que Freud era um tipo que gostava que seus filhos ficassem dependentes dele, que nunca trabalhou no sentido de promover a autonomia de seus filhos, muito pelo contrário, cobrava fidelidade acima de tudo e isso fica muito claro em suas cartas a Jung.

Lendo a correspondência fiquei penalizado ao ter a impressão de que eles não conseguiram refletir a respeito do que estava acontecendo em seu relacionamento. Apesar de toda a inteligência desses dois grandes mestres da psicologia, eles estavam tão profundamente emaranhados em seus próprios complexos, deixando que estes e suas manifestações arquetípicas tivessem livre passagem em seus psiquismos, que não perceberam o quão rico poderia ser para a consciência refletirem a respeito daquilo que estava acontecendo com eles. Ao final de 1909 as coisas entre eles já começaram a esquentar, pois Jung foi desenvolvendo uma resistência em escrever a Freud, tamanha era sua projeção de que seria criticado negativamente. Em 15 de novembro desse ano ele escreve: “...*Pater, peccavi – é realmente uma escândalo deixá-lo 25 dias à espera de resposta...*” (162J, p. 283). Embora Jung tivesse alguma consciência da atuação desse complexo, se via sempre vítima de suas atuações. Um pouco mais a frente, já em 20 de fevereiro de 1910 ele escreve:

“... No mais estou em boa forma e ainda experimento resistências em lhe escrever a tempo, com a motivação consciente de que para tanto preciso de um momento de paz, o qual por certo só surge quando decididamente o buscamos. A causa de tal resistência é esse complexo de pai, esse temor de não corresponder às expectativas (tudo o que você faz, diz-me o diabo, é “uma droga”...” (180J, p. 314)

Neste trecho, mais uma vez, ele declara de forma bastante clara o quanto percebe-se vítima de seu complexo paterno. Entretanto, há um detalhe muito importante nesta passagem que não pode deixar de ser comentada. Quando Jung diz, entre parênteses “tudo o que você faz, diz-me o DIABO, é uma droga”, ele está falando de algo mais profundo do que apenas as atuações de seu complexo paterno negativo. O diabo é o próprio pai terrível, é aquele aspecto de Deus que está ligado ao mal em suas manifestações mais horrendas. Jung passou grande parte de sua vida e de sua obra, elaborando exatamente este símbolo, o diabo. Refletindo e discutindo a questão do mal absoluto. Isso, de forma alguma, pode ser ignorado quando estamos falando das questões de Jung e as representações paternas em seu psiquismo. Este pequeno detalhe deste trecho de carta nos dá uma dica fundamental, a de que estamos lidando

com uma das questões mais profundas da psicologia de Jung, e nos dá a dimensão da importância que essa elaboração teve em sua vida. Aqui também vale lembrar que Jung já estava elaborando seu livro "Símbolos da Transformação"⁴ que seria o estopim para o rompimento dessa relação. Talvez ele já tivesse alguma consciência de que esse trabalho não seria aceito por Freud. Vale lembrar que na carta anterior (178J, p. 311-12) Jung expõe uma série de ideias que o estão corroendo por dentro a respeito da religião, da filosofia, da ontogênese e da filogênese e ainda outras ideias ligadas à mitologia nas quais ele estava, neste momento, completamente mergulhado. Talvez ele almejasse apenas compartilhar a tempestade de idéias que o acometiam com alguém que o pudesse entender. O fato era que essas ideias o estavam afastando paulatinamente de Freud e suas teorias de um psiquismo baseado exclusivamente na sexualidade. Isso provavelmente também estava assustando Jung, pois afastar-se de um pai tão poderoso tem suas conseqüências, e elas normalmente não são agradáveis.

A carta em resposta a esta última, escrita por Freud, mas que por ter sido perdida não consta da correspondência completa deve ter sido em tom de repreensão, pois a resposta de Jung, logo no início de sua carta é a seguinte:

"...Fiquei aturdido com sua carta – tudo indica que há muitos mal entendidos no ar. Como poderia o senhor se enganar tanto a meu respeito? Não entendo bem isso e por ora nada mais posso dizer, pois as palavra escrita é uma coisa traiçoeira e nem sempre a gente consegue o tom exato..."
(181J, p. 316)

Aqui fica claro que a tensão entre eles estava num crescente, e que culminaria, em breve, na separação. Tantas eram as projeções cruzadas que quase não é possível entender o que está se passando entre eles. Esse emaranhado assunto será mais profundamente tratado no capítulo seguinte. Foi no meio desse início de turbulência entre os dois, mas também após um encontro pessoal entre eles, o que normalmente causava uma calma nos ânimos, que Jung é colocado como presidente da Sociedade Internacional de Psicanálise. Claro que no meio do turbilhão de ideias que estavam acometendo Jung, ele acabou não se mostrando o melhor dos presidentes que essa Sociedade poderia ter. A esse respeito Freud o repreende escrevendo-lhe em 10 de agosto de 1910 o seguinte:

"...Os primeiros meses de seu reinado, meu querido filho e herdeiro, não se revelam propriamente brilhantes. Tenho às vezes a impressão de que o senhor mesmo não levou suas funções muito a sério

4 Nota sobre o simbolos da transformação

nem começou ainda a agir de modo condizente com a nova dignidade de que foi investido. Mas pode ser que tudo isso provenha da impaciência da velhice..." (205F, p. 357)

Até então, antes do encontro de Jung com a Mitologia, ele vinha se destacando como o melhor e mais aplicado propagandista e seguidor de Freud. E até por isso agradando profundamente seu pai, que desejava exatamente isso dele, um filho fiel à causa. Mas todo esse comprometimento estava chegando ao fim, pois o filho estava crescendo e adquirindo a capacidade de reflexão própria, o que culminaria, certamente, no confronto entre pai e filho. Quando o filho inicia suas primeiras tentativas de alçar vôo, o pai pode tomar duas posições, uma é a de cortar as asas do filho com toda sua força arquetípica paterna, a outra é a de ajudá-lo, mostrando-lhe como é que ele aprendeu a voar. Fico com impressão de que dar a Jung a presidência da Sociedade pode ter sido uma atuação no sentido de controlar o filho pela culpa e, ao mesmo tempo, uma tentativa de sedução pelo poder conferido ao cargo. Ao que parece, Freud era do primeiro tipo de pai, mesmo sendo um pai intelectual, ele era do tipo castrador. Talvez até por isso mesmo o mito de Édipo tenha feito tanto sentido para ele. Afinal, para conseguir se sobrepujar ou se desenvolver, só mesmo matando esse pai terrível que ele desempenhava para com seus pupilos. O confronto estava anunciado e aconteceria mesmo que os dois não o desejassem e lutassem com todas suas forças para evitá-lo.

As duas próximas cartas que transcreverei mostram com clareza que, de um lado, Jung desejava sua liberdade intelectual, sua autonomia reflexiva, e de outro, revela como Freud trabalha no sentido inverso, querendo ter um filho fiel e castrado. Para tanto regressaremos um pouco no tempo, pois essas cartas foram trocadas logo após a visita da família Jung à família Freud em Viena de 25 a 30 de março de 1909. Já a doze de abril de 1909, Jung escreve:

*"...A última noite com o senhor; afortunadamente, libertou-me no íntimo da opressiva sensação de sua autoridade paterna. Meu inconsciente celebrou essa impressão com um grande sonho que me preocupou por alguns dias e cuja análise acabo justamente de concluir. Espero que agora eu esteja livre de todos os empecilhos desnecessários. Sua causa deve e há de prosperar, é o que me dizem minhas fantasias de gravidez que o senhor por sorte pôde apreender afinal. Assim que volte da Itália hei de iniciar algum trabalho positivo, antes de tudo para o *Jahrbuch*⁵..."* (138J, p. 242)

A primeira parte, por mim destacada, mostra claramente a necessidade de Jung de se libertar da autoridade paterna investida em Freud. O sonho, ao qual Jung não faz nenhuma menção,

⁵ Anuário: a primeira revista oficial de psicanálise, cujo trabalho de edição estava a encargo de Jung de 1908, data de sua criação até 1913.

pode ter sido um sonho confirmatório da necessidade desse desinvestimento da autoridade paterna em Freud. Por outro lado as fantasias de gravidez, hoje sabemos, poderiam muito bem estar apontando para seu contato, que aconteceria a curtíssimo prazo, com a mitologia e as religiões, que de alguma forma poderiam ser o prosperar da causa de Freud, caso esse se abrisse para outras verdades que não a própria. Como a história nos mostrou, parece-me que essas fantasias de gravidez apontavam para o nascimento de sua psicologia particular, muito mais do que para a continuação do trabalho de Freud pelas mãos de Jung. A resposta de Freud a essa carta de Jung é dramática. É impressionante ver o arquétipo se movendo no interior de Freud buscando domesticar seu filho selvagem. Cheia de afetos, Freud já pressentiu que sua carta teria um impacto considerável no psiquismo do colega. Logo após o recebimento da carta de Jung, Freud escreve em 16 de abril de 1909:

*"... Espero que esta carta não o alcance logo. E estou certo de que o senhor entende o que digo. Seja como for, prefiro escrever agora, sob o impacto dos sentimentos despertados por sua última carta... É estranho que, na mesma noite em que formalmente o adotei como primogênito e o sagrei – in partibus infidelium – sucessor e príncipe herdeiro, o senhor me tenha despido da dignidade paterna, ato que lhe parece ter dado o mesmo prazer que eu, pelo contrário, extraí da investidura de sua pessoa. Temo que agora recaia no papel de pai com o senhor, se lhe falo de como me sinto em relação ao problema do fantasma travesso... Volto, por conseguinte, a pôr meus óculos paternais de aro de chifre e aconselho meu querido filho a se manter de cabeça fria, pois **mais vale não compreender uma coisa que fazer tamanho sacrifício à compreensão**. E também manei minha sábia cabeça para a psicossíntese, pensando: é assim que são os moços, **os únicos lugares que realmente têm prazer em visitar são os que podem atingir sem a gente, lá onde nosso fôlego curto e as trôpegas pernas não nos permitem segui-lo...**" (139F, p.243)*

Ainda que percebamos um pouco de afetação e alguma chantagem emocional por parte de Freud, especialmente na primeira parte, o que se torna muito claro neste trecho é que um embate entre o novo e o velho começa a ser travado, como deve ser numa relação entre pai e filho. A frase de Freud: *"...Mais vale não compreender uma coisa que fazer tamanho sacrifício à compreensão..."* deixa isso claro, pois como nos conta Babara Hannah em seu livro "Jung: Vida e Obra", para Jung *"...a tortura de não compreender era "a única tortura realmente insuportável"..."*. Freud não quer que Jung saia do papel de filho herdeiro, pois este é muito caro para ele. Por outro lado, Jung tem que sair desse papel para poder se emancipar, crescer e individualizar-se. A única possibilidade de um filho se tornar pleno, feliz e capaz na vida é realizando a traição dos desejos e sonhos paternos para si. Se ele não conseguir essa

emancipação será apenas e sempre uma sombra mal ajambrada de seu progenitor. Destino esse que nenhum pai em sã consciência gostaria para seu filho.

No caso de Jung e Freud, talvez a sorte de Jung tenha sido que ele não era, de fato, filho de Freud. Pois, com isso teve a vantagem de não ter sido castrado muito prematuramente. Ele já possuía uma força interna suficientemente treinada para o enfrentamento desse pai terrível que Freud encarnava. O confronto com Freud apenas tornou-o mais forte. É possível que Freud não fosse uma pessoa terrível, como pode parecer ao examinarmos essa parte da correspondência. Fica apenas a impressão de que ele não tinha muita consciência desse seu lado terrível. Nas próprias cartas por eles trocadas ele dá um pouco de pistas a respeito de como ele é como pai para os seus filhos concretos. Uma pequena série de cartas trocadas com Emma Jung mostra isso com bastante clareza. Essas cartas serão apresentadas no próximo capítulo, sobre a discórdia e a separação, onde vou também comentar os dois capítulos anteriores, no sentido de fecharmos o entendimento dessa relação tão turbulenta entre esses dois gênios.

3. A Discórdia e a Separação

"A única pessoa que escuta os dois lados de uma discussão é o sujeito do apartamento vizinho."

(Ruth Brown)

É importante destacar, como comentado nos dois capítulos anteriores, que a separação entre nossos dois queridos mestres não se deu apenas por um mal entendido. Como podemos facilmente perceber em suas cartas, essa separação foi se construindo paulatinamente e, de certo modo, pode até ser considerada como salutar e criativa, ao menos pelo ponto de vista do desenvolvimento pessoal de Jung.

É dessa construção que tratarei nesse capítulo com mais profundidade, abordando as minúcias que levaram ao desfecho dessa relação tão importante para a concepção da psicologia moderna. O intuito é, no entanto, traçar um caminho, um provável caminho percorrido por Jung para sua teoria ter nascido da forma como nasceu e ter tido uma determinada característica que será mais adiante discutida.

Até agora percorremos dois caminhos paralelos, olhando a relação tanto pelo ângulo da paixão que se desenvolveu entre ambos como pelo da relação parental por eles vivida. Ambas as relações desembocam necessariamente, como acima discutido, num lugar no qual: ou há uma aceitação das diferentes individualidades envolvidas; ou esta terá um fim trágico. Tanto no caso da paixão, onde uma grande quantidade de libido é investida num objeto que é apenas o receptáculo daquilo que desejamos, quanto no caso da relação parental, onde o pai necessariamente será obrigado a abrir espaço para a individualidade do filho, acabam num lugar onde a decepção é inevitável. No caso da paixão é o confronto com a realidade da outra personalidade que nos deixa tristes por percebermos que o outro não é aquilo que imaginávamos e desejávamos. No caso da relação parental é o abrir mão dos sonhos e desejos que temos para nosso filho, de um lado, e de outro percebermos que nosso tão amado e admirado pai não passa de um simples e mortal humano.

Vamos agora traçar o caminho percorrido pelos dois para esse desfecho, que no caso foi dramático, pois nenhum dos dois me pareceu se refazer das projeções em jogo e

reconstruir um caminho para o encontro verdadeiro. Isso teve, no meu entender, conseqüências duradouras na vida de Jung, o que pretendo discutir no último capítulo dessa monografia.

Lendo as duas primeiras cartas por eles trocadas, vamos perceber que dois germes da futura separação já estavam ali plantados. Na carta de Freud endereçada a Jung em 11 de abril de 1906, lemos ao final: "...*Confio em que o senhor venha a estar, muitas vezes, em condições de me apoiar, mas aceitarei, de bom grado, **quaisquer retificações de sua parte.***" (1F, p. 41). Isso era simplesmente tudo o que Jung gostaria de ouvir de uma pessoa a quem ele poderia respeitar e admirar. Jung, como já exposto anteriormente, tinha um amor bastante grande por sua liberdade. Por sua liberdade intelectual, então, era um amor incomensurável. Desde muito cedo ele aprendeu que ou respeitava suas intuições, ideias e pensamentos, ou poderia ser presa da completa loucura. Dessa forma, mais do que amor, estamos falando de sobrevivência. Assim sendo, juntar-se com alguém que também está disposto a olhar para a verdade de forma visceral e de poder entrar num relacionamento de maneira inteira e questionadora, era tudo o que ele poderia querer naquele momento. Especialmente se pensarmos que para Jung, seu pai não fora capaz de tais proezas. Essa frase de Freud fazia Jung crer ter encontrado aquilo de que tanto precisava, mas o que os dois não sabiam era de que isso não era a completa verdade. Pois Freud não estava tão aberto quanto poderia supor de início para as tais retificações. O que ele queria era uma outra coisa. Já na carta de agradecimento de Jung para Freud de 5 de outubro de 1906, Jung escreve "...*e acredito que a gênese da histeria, embora predominantemente sexual, não o seja exclusivamente. Encaro de igual modo sua teoria da sexualidade.*" (2J, p. 42). Veja, Jung acreditou ingenuamente que era possível fazer retificações na obra de Freud, ou ao menos expor suas dúvidas e discordâncias.

Dois dias depois Freud responde à carta de Jung com uma postura que se tornaria quase comum, ele simplesmente alega que a discordância de Jung a respeito de seus pontos de vista frente à psique são apenas fruto de sua inexperiência. Em 7 de outubro de 1906 Freud escreve:

"...*Seus escritos já me haviam sugerido que sua aceitação de minha psicologia não se estende a todos os meus pontos de vista sobre a histeria e o problema da sexualidade, mas me atrevo a esperar que, com o passar dos anos, o senhor chegue muito mais perto de mim do que julga possível atualmente...*" (3F, p. 45)

Considerarei esses dois pontos como germes da separação entre eles porque, na verdade, tanto a postura de Freud em relação à sua adorada teoria da sexualidade, quanto a postura crítica e inquieta de Jung são estruturantes dessas duas personalidades. Para sobreviverem precisaram se apegar a essas formas de funcionar. Jung precisou ser crítico, curioso e questionador para poder escapar das garras de sua própria loucura. Freud por sua vez precisou de sua teimosia e obstinação para se defender aos ataques e fazer sobreviver a sua nascente e muito interessante ciência. Eles não podiam abrir mão disso. Jung não conseguiu ver essas características de Freud, assim como este não levou a sério o que viu em Jung. Estas características somadas a grande quantidade de libido investida e à importância que os dois davam às suas ideias, culminou inevitavelmente em desastre.

Assim sendo, a relação já possuía potencialmente um problema. Jung queria algo que Freud não poderia fornecer e vice versa. Como citado acima, em sua primeira carta da série, Jung já se questionava a respeito da gênese da histeria e sobre a teoria da sexualidade de Freud. Como Freud responde a isso simplesmente relegando a dúvida a uma falta de experiência de Jung, este por sua vez responde com mais ênfase dizendo o seguinte:

"... É possível que minhas reservas quanto às suas concepções tão amplas sejam devidas, como o senhor mesmo notou, à falta de experiência. Mas não lhe parece que há um número de fenômenos fronteiros que com maior propriedade podem ser considerados em termos do outro impulso básico - a fome? Refiro-me, por exemplo, ao ato de comer; de sugar (predominantemente fome), de beijar (predominantemente sexualidade). E existência simultânea de dois complexos sempre os destina a misturar-se psicologicamente de modo que um deles invariavelmente contém aspectos do outro. Talvez seja apenas isso o que o senhor pretende dizer; nesse caso, eu o interpretei mal, e partilho integralmente de sua opinião. Mesmo assim, no entanto, é bastante assustador o modo positivo como o senhor apresenta suas teorias..." (4J, p. 46-47)

Neste extrato Jung mostra muito claramente o quão teimoso, questionador e inteligente é. Essas mesmas características que, provavelmente, seduziram tanto Freud foram as mesmas que tornaram a relação entre eles, no que tange à parte de Jung, impossível.

Um pouco mais adiante no tempo, Freud confessa a Jung seu fanatismo, ou seja, a forma como ele encara sua teoria da sexualidade.

"... Tais características são fundamentais, não podem variar desse para aquele grupo de casos. Ou melhor: são tão vitais que, aos casos a que não se aplicam, se deveria dar um nome totalmente diferente. Até agora, como sabe, ninguém viu essa outra histeria, essa outra Dem. Pr., etc. Se um caso não é fiel ao tipo, nada se sabe sobre ele. Estou certo de que fundamentalmente o senhor concorda

comigo. Pronto. Agora já confessei a amplitude do meu fanatismo e ousou ter a esperança de que a injúria a seus sentimentos não sobreviva ao intervalo que nos separa de nosso encontro em Salzburg. ..." (84F, p. 170-171)

Essa confissão de Freud fica ainda mais impressionante se a ligarmos a alguns trechos de uma carta anterior na qual ele faz um belíssimo discurso sobre sua trajetória no mundo da academia onde, pela primeira vez, ele apresentou suas ideias. Nessa carta, de 2 de setembro de 1907, ele está dando uma força para Jung que está prestes a enfrentar uma platéia hostil em uma palestra. Ele diz: "... *do lento crescimento de **minha convicção**, que se agarrou à interpretação de sonhos como a um rochedo num mar tempestuoso, e da serena **certeza que se apossou de mim...***" (42F, p. 118). Juntando as duas partes temos o quão importante é para Freud sua teoria em termos de sobrevivência psíquica. Caso ele não tivesse essa teimosia, provavelmente também sucumbiria à loucura. Ou seja, aquilo que era mais importante para os dois era inconciliável e aparentemente inegociável também. A liberdade de Jung e a teimosia de Freud eram, mais do que características, instrumentos de sobrevivência psíquica.

Com esse pano de fundo, já no começo de 1909, Jung comenta de passagem um interesse pela mistura entre religião e psicologia. Ele afirma: "... *Essa mistura de teologia e medicina, por estranho que pareça, é de meu agrado...*" (126J, p. 222). Foi esse mesmo crescente interesse que levou Jung a se aventurar no estudo das mitologias e das religiões quase um ano depois, já no final de 1909. Acredito que este seja um dos pontos mais importantes da relação dos dois, pois este é o momento em que eles tomam caminhos profundamente diferentes. É aqui que Jung começa a exercitar novamente seu espírito crítico e sua tão marcante curiosidade, que haviam se obinubilado durante todo esse período em que esteve profundamente envolvido com Freud e a propagação de sua teoria psicológica. Em 14 de outubro de 1909 ele escreve à Freud:

*"... Estou obcecado pela idéia de escrever um dia um texto que abarque todo esse campo, é claro que após anos de preparo e levantamento de fatos. Convém atacar em várias frentes. A arqueologia, ou mais propriamente a mitologia, já deitou garras sobre mim, é uma mina de materiais fantásticos. Não poderia o senhor lançar um pouco de luz nessa direção, ao menos uma espécie de análise espectral **par distance?**..."* (157J, p. 273)

É justamente esse apaixonamento de Jung pela mitologia que o induz, cada vez mais, a colocar em cheque a exclusividade que Freud dava à teoria da sexualidade. Jung vai descobrindo em seus estudos mitológicos um mundo de outras possibilidades de interpretação

para o psiquismo, e acaba desenvolvendo uma série de conceitos que mais tarde, durante toda sua vida, ele aprofunda. Aqui, ele tenta convidar Freud a se aventurar no mesmo caminho, pois, provavelmente, sentia que só assim Freud o compreenderia.

É interessante ver que Freud se interessa pelo assunto e até incentiva Jung em seus estudos. Ele certamente queria que Jung pegasse todo o material mitológico e o reduzisse com as interpretações da compreensão psicanalítica da época. Para Freud, essa entrada na mitologia era um campo a mais a ser "conquistado" do que uma forma de exploração da alma humana. Na carta seguinte Freud escreve:

*"... Folgo em saber que o senhor compartilha minha crença de que **devemos conquistar por completo o campo da mitologia**. Até agora temos apenas dois pioneiros: Abraham e Rank. Não há de ser fácil encontrá-los, mas precisamos de homens para campanhas mais longas..." (158F, p. 276)*

A partir desse ponto, Jung é lenta, mas firmemente, tragado para o mundo da mitologia. Seus estudos o tomam por completo, e ele parece não conseguir mais dar conta, ao menos da forma como conseguia antes, de suas atividades profissionais. Mesmo na própria correspondência com Freud ele passa a se corresponder de forma mais esporádica, sempre culpando seus estudos pelo fato. No trecho a seguir ele nos dá uma idéia de seu fascínio pelo campo da mitologia e o quanto isso o vai possuindo inteiramente.

"... Um dos motivos que me levaram a deixar de escrever por tanto tempo foi que passei as minhas noites imerso na história dos símbolos, i. e., na mitologia e na arqueologia. Andei lendo Heródoto, onde achei coisas maravilhosas (p. ex., Livro II, culto de Papremis). Agora estou lendo os 4 volumes do velho Creuzer, nos quais há uma mina de material. Todo o meu interesse pela arqueologia (latente há anos) voltou de novo a se manifestar. Aqui se encontram fontes valiosas para a fundamentação filogenética da teoria das neurose..." (159J, p. 279)

Neste momento ele ainda não está tão assoberbado pela mitologia quanto irá ficar. Mostra-se apenas fascinado por ela. Mas, já percebe que uma coisa dentro dele se move, que uma grande paixão se reacende, e que em breve será devorado para dentro dela. Devoramento esse, que é conhecido de todos nós, e quase o levou à loucura de fato, caso não conseguisse construir com tudo o que vivenciou uma grande teoria psicológica.

A Resposta de Freud è visceral, pois fica muito irritado com Jung por tê-lo deixado esperando tanto tempo. Ele compara seu tempo de espera com a que teve com Fliess, com quem rompeu amizade antes de conhecer Jung. Talvez ele já estivesse, ainda que de forma inconsciente, percebendo o afastamento do interesse de Jung pela psicanálise, ou mesmo pela

amizade deles. Entretanto, ele continua a reforçar o interesse de Jung pela mitologia. Mas vejamos como seu interesse é diverso o de que Jung vai desenvolvendo:

*"... Folgo em saber que o senhor se interessa pela mitologia. A solidão já não é tanta. Estou ansioso para saber de suas descobertas... Espero que em breve o senhor compartilhe minha crença de que a mitologia, ao que tudo indica, está centrada no mesmo complexo nuclear das neuroses. **O problema é que não passamos de uns pobres diletantes. Precisamos urgentemente de colaboradores capazes...**"*

(160F, p. 281)

Neste trecho não pude deixar de notar certa desqualificação do trabalho a que Jung estava dando tanta importância. Freud o chama de diletante, dizendo que precisam urgentemente de colaboradores capazes. Provavelmente ele ainda estava sob o domínio de sua raiva, quando escreveu isso. Jung parece ainda não perceber essa desqualificação, pois nada comenta em suas cartas posteriores.

A forma de Jung ver a psique sofre profundas transformações. O que podemos perceber é que, de alguma forma, esse contato com a história e a mitologia contribuiu para que Jung fosse numa direção diferente da de Freud em relação ao entendimento do psiquismo. Como disse acima, Freud tinha interesse em reduzir tudo à sua teoria, ao passo que Jung queria ampliar e amplificar o entendimento do funcionamento psicológico humano. Essa diferença de interesses nos ajuda a entender porque eles foram chegando tão rapidamente ao beco sem saída onde terminou esse rico relacionamento.

A empolgação de Jung com suas novas descobertas é contagiante, embora não encontre muito eco em seu companheiro de correspondência. Em 30 de novembro de 1909 ele escreve:

"... Sinto cada vez mais que uma compreensão aprofundada da psique (se de todo possível) não pode prescindir da História ou de uma íntima colaboração com ela, assim como a compreensão da anatomia e da ontogênese só se torna possível com base na filogênese e na anatomia comparada. Por isso é que a Antiguidade me aparece agora sob uma luz nova e significativa. O que hoje encontramos na psique individual - em formas comprimidas, atrofiadas ou unilateralmente distintas - pode ser visto no passado em plena integridade..." (165J, p. 289)

Talvez esteja aqui a centelha para o nascimento do conceito de inconsciente coletivo, que vai no sentido diametralmente oposto ao que Freud defendia neste momento.

A tensão no relacionamento dos dois passa a ser mais visível por volta dessa época. Ao final de 1909 Freud continua com suas insinuações de que Jung não seria capaz de uma empreitada tão extensa como a de decodificar os recônditos da mitologia. E aprofunda uma discussão com Jung a respeito de teoria. Vou citar alguns pequenos trechos dessa extensa carta de Freud e, em seguida, um grande trecho da resposta de Jung para que possamos observar o que se anunciava com mais clareza entre os dois. Freud escreve a 19 de dezembro de 1909:

"... Anseio por mitólogos, lingüistas e historiadores da religião; caso não venham em nossa ajuda, teremos de nos arranjar sozinhos. Ad vocem mitologia: por acaso o senhor já pôde notar que as teorias sexuais infantis são indispensáveis à compreensão do mito?..." (169J, p. 296)

Aqui temos claramente a desvalorização por parte de Freud a respeito do trabalho no qual Jung se empenhava tanto. Desvalorização que terá suas conseqüências na relação entre eles. Entretanto, vale lembrar que o que gerou essa resposta de Freud foi uma carta de Jung anterior que comentava a respeito de um trabalho de Ferenczi. Neste comentário Jung dá, sim, algumas alfinetadas em Freud, especialmente em conceitos por ele tão defendidos, como o da libido sexual. Mas Freud continua:

"... Diverti-me muito com sua hipótese de que meus erros passem a ser venerados como relíquias, depois que eu saia de cena, mas de modo algum posso endossá-la. Creio pelo contrário que os jovens se inclinam a demolir tudo o que não seja realmente sólido em minha herança... como o senhor mesmo há de desempenhar nessa liquidação um papel de realce, tentarei confiar à sua guarda algumas de minhas ideias em perigo..." (169J, p. 296)

Em seguida, Freud traça uma série de conjecturas teóricas sobre as críticas de Jung, que a meu ver não necessitam entrar no corpo dessa dissertação, pois meu interesse é ressaltar que as divergências entre eles foram se constelando gradativamente.

A resposta de Jung é ainda mais inflamada do que a de Freud. Ele escreve a 25 de dezembro do mesmo ano:

"... Minha tentativa de crítica, embora parecesse um ataque, foi na verdade uma defesa, motivo de eu me por tão ostensivamente contra a "onipotência das ideias". Naturalmente o termo está de fato correto e não lhe falta uma concisa e concludente elegância: é isso mesmo que acontece, sobretudo na D. pr., onde novos fundamentos constantemente são revelados por ele. Tudo isso me atingiu muito, sobretudo na fé de minha própria capacidade. Nada, no entanto, me deixou tão consternado quanto a observação de que o senhor anseia por arqueólogos, filólogos etc. Achei que o que queria dizer com isso era, provavelmente, que não estou qualificado para o trabalho em questão. Por tais assuntos agora nutro, porém, um interesse apaixonado que só encontra precedentes no que consagrei à Dem. Pr.

Ocorrem-me as visões mais belas, ocorrem-me conexões de longo alcance que, por enquanto, eu me sinto incapaz de reter, pois a empresa é de fato muito grande e detesto a impotência do trabalho malfeito. Mas quem então deve realizá-lo? Naturalmente tem de ser alguém que conheça a psique e nutra por ela uma paixão autêntica... Tornou-se absolutamente claro que não desvendaremos os segredos finais da neurose e da psicose sem a mitologia e a história da civilização, pois a embriologia vai de par com a anatomia comparada e sem a última a primeira não passa de uma contrafação da natureza que permanece incompreendida no âmago. É uma sorte ingrata ter de criar junto do criador. Daí meus ataques à "terminologia clínica"... O problema da Antigüidade não me sai da cabeça; é um osso duro de roer! Ainda que aí resida sem dúvida uma boa parcela de sexualidade infantil, isso não é tudo. Parece-me antes que a Antigüidade foi assolada pela luta contra o incesto, que dá início à repressão sexual (ou vice-versa?)... Teria muito a lhe dizer sobre Dioniso, se não fosse por carta. Nietzsche parece ter ido bem longe a esse respeito. Ocorre-me que a exaltação dionisiaca fosse um canal partido da sexualidade, e ainda insuficientemente explorado na significação histórica que representa, do qual fluíram para o cristianismo, mas noutra formação de compromisso, alguns elementos essenciais. Não sei se são banalidades ou hieróglifos o que estou a escrever-lhe, e isso é bem desagradável. Seria tão melhor conversar com o senhor pessoalmente!..." (170J, p. 298-99)

Tamanha intensidade de afetos parece apontar para o fato de que complexos estão atuando nos bastidores dessa discussão. É quase impossível entender exatamente o porquê de ele ter atacado o que eles chamam de "onipotências das ideias". Parece-me que Jung ressaltou a onipotência das ideias por conta exatamente de sua dificuldade em lidar com isso. Ou seja, em lidar com a necessidade de Freud em fazer com que suas ideias fossem aceitas universalmente e sem questionamentos. Pode ser que nem fosse essa a intenção de Freud, mas parece que era assim que Jung sentia. Sentimento esse que provavelmente vinha de sua relação com seu pai. Aqui neste trecho, parece-me que ele está tomado por esse complexo, ao menos no início, na primeira parte por mim destacada. Que ele se sinta atacado por Freud ao escrever que este estava menosprezando suas capacidades, ao dizer que necessitava de mitólogos e etc., é perfeitamente compreensível. Entretanto, isso se deu após seu ataque à Freud o que gerou essa resposta. Dessa forma, a primeira parte é quase ininteligível, pois está tão carregada de afetos e complexos que perde por completo o sentido. Talvez Jung estivesse lutando contra a onipotência das ideias de Freud dentro dele mesmo. Ou talvez contra a onipotência da ideia paterna, pois Jung estava, vagarosamente, entrando no domínio de conhecimento de seu pai real. Fico com a impressão de que estava se tornando livre para fazê-lo, até por conta de sua relação com Freud ter tomado a conformação que tomou, de pai e filho.

Jung está tão fascinado pela mitologia e pela história que não consegue mais se conter, e quer tentar mostrar para Freud a sua verdade, a verdade a que foi induzido ver. Ele tentou

algo parecido com seu pai verdadeiro, quando tentava fazer este seguir a vontade de Deus, o que ele mesmo conseguiu fazer com a visão da igreja sendo receptáculo das fezes divinas. Entretanto, como em todas as tentativas com seu pai verdadeiro, Jung também não terá sucesso desta vez com Freud. Mas, de qualquer maneira, essa experiência parece ser uma elaboração de sua vivência original com seu pai.

Na parte "*...Ocorrem-me as visões mais belas, ocorrem-me conexões de longo alcance que, por enquanto, eu me sinto incapaz de reter, pois a empresa é de fato muito grande e detesto a impotência do trabalho malfeito.*" (170J, p. 298-99) duas coisas para mim ficam evidentes. De um lado, temos todo o entusiasmo e o apaixonamento de Jung pela mitologia, do outro, a constatação de que está lidando com algo muito grande. Entretanto, quando diz que detesta a impotência do trabalho mal feito, certamente ele está mostrando seu pai interno terrível. No trecho "*...É uma sorte ingrata ter de criar junto do criador. Daí meus ataques à "terminologia clínica"...*" (170J, p. 298-99), parece que ele está falando com Deus, ao chamar Freud de criador. Só faltava mesmo ele ter usado letra maiúscula para designar "Criador". Aqui vale lembrar que estamos lidando com a tradução para o português das cartas. Assim sendo, não posso afirmar que a palavra "criador" possa, como no português, designar tanto Deus quanto um criador de uma obra. De qualquer maneira, lembremos que o ataque à terminologia clínica é igual ao ataque à "onipotência das ideias". Estamos, na verdade, olhando para essa carta como se ela fosse um sonho de Jung. Quando ele diz: "*...O problema da Antigüidade não me sai da cabeça; é um osso duro de roer! Ainda que aí resida sem dúvida uma boa parcela de sexualidade infantil, isso não é tudo...*" (170J, p. 298-99), continua sua briga com seu pai espiritual, pois não consegue seguir aquilo que Freud tanto desejava, ou seja, espremer tudo o quanto fosse possível dentro das formas da teoria da sexualidade. Fazer isso com Jung seria realmente tentar amarrá-lo dentro da onipotência das ideias de Freud, que aniquilaria seu espírito crítico e sua criatividade. Por fim, Jung parece ter um lampejo de lucidez quando diz: "*... Não sei se são banalidades ou hieróglifos o que estou a escrever-lhe, e isso é bem desagradável. Seria tão melhor conversar com o senhor pessoalmente!...*" (170J, p. 298-99). Fica claro que ele tem alguma consciência de que está projetando conteúdos seus em Freud. Especialmente quando expressa o desejo de conversar pessoalmente, o que diminuiu, mesmo que pouco, a possibilidade da projeção.

A resposta de Freud é surpreendentemente amistosa, tendo em vista todos os ataques que fez, e o quanto sua carta anterior foi inflamada. Parece que se arrependeu e que está pedindo uma espécie de desculpas por seus atos. Entretanto, os mal entendidos estão todos em

suspensão. A espera do melhor momento para por seus "dedinhos maledicentes" onde quer que lhe fosse possível interferir de forma negativa nesta relação. Depois dessa pequena explosão entre eles, um pouco de tempo se passou até que Jung mandou uma carta para Freud com belíssimas reflexões a respeito do psiquismo e da sexualidade em relação à ética, mitologia e religião. Em seguida, após uma resposta de Freud que nenhum comentário tece a respeito de suas conjecturas, ele manda uma outra carta dizendo o seguinte: "*minha última carta foi naturalmente mais um desses arrebatamentos de louca fantasia a que, de quando em quando, me entrego...*" (180J p. 314). Isso parece ter irritado Freud, pois na carta seguinte Jung escreve: "*... fiquei aturdido com sua carta (que foi perdida) - tudo indica que há muitos mal-entendidos no ar...*" (181J, p. 316) e termina a carta da seguinte forma "*...deste que não está vacilante, Jung*" (181J, p. 316). Por volta do final de fevereiro de 1910 uma nova onda de mal-entendidos começa a se pronunciar um pouco antes do segundo congresso de psicanálise, que ocorreria em Nuremberg. A resposta de Freud é muito interessante, pois é uma confirmação de minha hipótese e respeito do forte complexo paterno investido em Freud por parte de Jung. Freud diz a 6 de março de 1910:

"...Cria que já não há mal-entendidos entre nós e que não o tomo por "vacilante". Não sou tão esquecido, nem tão melindroso assim, e sei o quanto nos unem a simpatia pessoal e o fato de estarmos os dois no mesmo barco. Apenas de quando em quando me irrita - permito-me a franqueza - que o senhor não tenha ainda vencido as resistências que emanam de seu complexo de pai, impondo à nossa correspondência, por conseguinte, uma limitação que jamais seria tão drástica se esse não fosse o caso..." (182F, p. 317)

Em seguida deu-se o congresso a 30-31 de março daquele ano e daí para diante as coisas se acalmaram novamente. Houve, então, um tempo de paz bastante significativo.

Jung trabalhava com afinco em seus estudos sobre mitologia, religião e história da civilização e por vezes deixava escapar algo em suas cartas para Freud. É interessante ler esses relatos, pois vemos nascer diante dos olhos a psicologia analítica. Somente a título de curiosidade, o trecho a seguir tem indícios daquilo que Jung vem a desenvolver mais tarde com o nome de inconsciente coletivo.

"...Trabalho "formidavelmente" e mergulho mais uma vez na antiguidade iraniana. Acredito que minha conjectura sobre as fantasias da Miller se incorpora a um mistério de redenção que pode ser cabalmente provado. Ainda há dias uma assim chamada paciente de Dem. Prec., que eu já tinha quase posto em forma, saiu-se com uma enorme fantasia sobre a lua até então ansiosamente guardada que é de fato um mistério de redenção composto inteiramente por imagens litúrgicas. Algo de extraordinária

beleza, mas difícilimo, fundado num problema de incesto com o irmão. Noutra paciente pude detectar fragmentos de uma lenda de Pedro-Anticristo; origem obscura. O que de mais interessante há no primeiro caso é a total ausência de conhecimento prévio; a fantasia remonta à primeira infância (cerca dos 7 anos). A paciente, judia, está agora em 18 e meio. - são pródigos, como eu disse, os prodígios que me envolvem..." (213J, p. 369)

Um pouco mais adiante, Jung declara seu medo da crítica de Freud sobre seu trabalho. Os trechos das cartas a seguir são interessantes, pois mostram com clareza cristalina o quão diferentes são os caminhos que Jung e Freud estão trilhando. Por isso mesmo que Jung demonstra seu medo da crítica de Freud. Essa diferença vai afastando os dois de forma irreversível. Jung tem necessidade de crescer e se emancipar do pai Freud, mas isso não será realizado, como veremos, sem que fiquem seqüelas dessa relação. Já em janeiro de 1911 Jung escreve à Freud:

*"...Meu trabalho está agora sendo copiado. Às vezes parece que não vai ter fim. Depois de ter assistido a uma representação do Fausto, com trechos da segunda parte, sinto-me confiante no valor dele. Ao notar a coisa viva diante dos meus olhos, fui assaltado pelas ideias mais diversas e deixei-me dominar pela crença de que meu venerado bisavô (Goethe) aprovaria meu trabalho, verificando com um sorriso que o bisneto dera continuidade e até mesmo uma extensão maior a essa linha ancestral de pensamento. **De fato é um grande atrevimento que o ovo queira ser mais inteligente que a galinha. Mas o que está no ovo tem de munir-se de coragem para, eventualmente, pular fora.** As fantasias a que recorro para me proteger de suas críticas, como o senhor vê, vão assim longe..." (230J, p. 396)*

É interessante perceber o quanto Jung está lutando com sua necessidade de se diferenciar, de superar o mestre, ele o admite no final desse trecho de carta. Especialmente no tocante à coragem que o ovo tem que ter para pular fora num determinado momento. Jung está coberto de razão, pois o filho tem mesmo que pular fora do barco, para montar o seu próprio barco e tocar sua vida adiante. Mas, como discutimos no capítulo anterior, o pai pode não querer que o filho faça sua viagem particular e tente castrá-lo nesse processo. Jung, neste momento, parece estar tendo alguma intuição de que seu processo de crescimento intelectual não é muito aprovado por Freud, especialmente porque este processo põe em cheque as mais queridas ideias de seu mestre. A resposta de Freud é enfática e quase uma ordem para Jung colocar-se de volta no caminho "certo". Freud escreve:

"...Não sei porque o senhor teme a minha crítica em questões mitológicas. Minha satisfação será enorme quando o senhor cravar nesse domínio a bandeira da repressão e da libido e voltar como um conquistador vitorioso à terra natal da medicina..." (231F, p. 399)

Jung nem comenta essa passagem da carta de Freud, como se não a tivesse lido, ou entendido. Pode ser que não quisesse comentar, pois isso os faria entrar inevitavelmente numa discussão bastante complicada que culminaria numa possível separação. Tudo o que Jung parecia não querer é ter de prender sua criatividade nos domínios pré-estabelecidos por Freud. Afinal, o que Jung mais prezava era a sua liberdade intelectual, como tantas vezes deixa claro em suas cartas.

Em alguns momentos, Jung tentava tranquilizar Freud a respeito de suas intenções com seus profundos estudos. Talvez ele próprio acreditasse que não estava se distanciando tanto de seu mestre, e que suas descobertas seriam aceitas e aplaudidas por seu pai intelectual. Vejam no trecho a seguir o quanto Jung estava cada vez mais se aprofundando, perigosamente, em seus estudos de mitologia. A 8 de maio de 1911 escreve:

"...Temos também de conquistar o ocultismo. Ao que me parece a partir da teoria da libido. No momento incursiono pela astrologia, que se revela indispensável para a perfeita compreensão da mitologia. Há coisas realmente maravilhosas e estranhas nesses domínios obscuros. As plagas são infundas, mas não se preocupe, por favor, com minhas erráticas explorações. Hei de, em meu regresso, trazer um rico despojo para o conhecimento da alma humana. Por longo tempo ainda tenho de me intoxicar de perfumes mágicos a fim de perscrutar os segredos que se ocultam nas profundezas do inconsciente..." (254J, p. 429)

Creio que, neste momento, a tensão entre eles se dissipou, pois os dois estavam às voltas com a questão de Adler, que se "rebelara" contra a causa. Quando encontraram um inimigo comum, as questões entre eles ficou mais branda e, dessa forma, Jung continuou em seus estudos e escreveu seu livro "Transformações e Símbolos da Libido" de forma tranqüila. Tranqüilidade essa que não duraria muito tempo. Assim que Freud se "livrou" de Adler, como ele mesmo diz numa carta a Jung, as questões do ocultismo voltaram à tona. Freud a 15 de junho de 1911 diz:

"...em relação ao ocultismo eu me tornei humilde desde a grande lição que me foi dada pelas experiências de Ferenczi. Prometo acreditar em tudo que pelo menos assumo uma aparência sensata. Não de muito bom grado, como o senhor sabe. Mas, minha hybris já não tem a rigidez de outrora..." (260F, p. 436)

Os dois estavam, de qualquer maneira, afastando-se de forma irreconciliável. Do ponto de vista teórico uma grande vala se abria entre a forma de pensar o psiquismo dos dois. Eles ainda não sabiam, mas estavam prestes a se chocar de forma irreversível. Vejam, por exemplo,

o caso da fantasia inconsciente, de onde mais tarde Jung desenvolveria seu método de imaginação ativa. Freud acredita que essas fantasias são: "...*devaneios cuidadosamente cultivados...*" (260F, p. 437) ao passo que Jung acreditava que: "...*As fantasias inconscientes contêm um material dos mais apreciáveis e são, talvez, ímpares na maneira como trazem à luz a vida interior; o que me faz acalantar a esperança de abordar por esse meio até os casos 'inacessíveis'...*" (261J, p. 438).

Mas creio que, a respeito das questões que a publicação do texto "*Símbolos e transformações da libido*" causaram na relação dos dois, se faz necessário considerar algumas cartas de Emma Jung, que foram publicadas na correspondência completa entre os dois homens em questão. Ao ler essas cartas confesso que fiquei com a impressão de que a corda estourou para o lado mais fraco, ou mais inconsciente em relação às minúcias e perigos que se encerravam na relação entre os dois. Emma ficou, por assim dizer, entre eles, especialmente na visita de Freud à casa dos Jung, pouco antes do terceiro congresso de psicanálise. Emma parece ter percebido que o texto supracitado de Jung não agradara a Freud e resolve escrever uma carta, tentando resolver as coisas entre eles. Ela escreve:

"...*desde sua visita sou atormentada pela idéia de que sua relação com meu marido não é o que poderia ser e, julgando que assim não deve continuar, decidi-me a tentar fazer o que estiver ao meu alcance. Não sei se me engano ao pensar que o senhor não concorda inteiramente com as "Transformações da Libido". O assunto jamais veio à baila entre vocês, e creio que a ambos seria benéfico se dispusessem a abordá-lo em profundidade...*" (Emma Jung, p. 460)

Neste ínterim, Jung estava dando alguns recados à Freud a respeito de sua reação frente à autoridade. Comentando sobre uma questão na sociedade de psicanálise, que acabara de acontecer, por conta de uma ordem dele que não fora seguida, e cujas conseqüências lhe foram cobradas, Jung escreve: "...*A maioria das pessoas parece se sentir muito à vontade sob um dominador ou um tirano. Foi por pura preguiça que o homem inventou o poder...*" (279J, p. 461). Aqui, o recado à Freud parece-me claro, ele diz não se enquadrar nessa maioria, e que ele não fica à vontade sob um dominador ou um tirano.

Por outro lado, Emma, sem o conhecimento do marido, escrevia a Freud contando a respeito das dúvidas e medos de Jung a respeito da aceitação de suas novas ideias por parte de Freud. Ela escreve:

"... *Como fundamentação de minha suspeita, devo dizer, antes de mais nada, que não se trata em absoluto de coisas conscientemente percebidas... Se falei das "transformações" foi sobretudo porque*

sabia com que ansiedade Carl esperava sua opinião; várias vezes ele dissera estar certo de que o senhor não as aprovaria, preocupando-se muito, por conseguinte, com o seu veredicto. Decerto isso era apenas um resíduo do complexo de pai (ou mãe) que provavelmente é resolvido nesse livro; pois na realidade Carl não precisaria se importar com a opinião dos outros, desde que se convença de que alguma coisa está certa. Talvez tenha sido bom que o senhor reagisse de imediato, já que isso apenas contribuiria para reforçar o relacionamento pai-filho..." (Emma Jung, p. 463)

Apesar de essa carta continuar de forma impressionante, mostrando a inteligência e percepção dessa mulher, fiquemos por aqui, pois é isso o que nos interessa. Ao mesmo tempo em que ela se mostra muito perceptiva e inteligente, é absurdamente ingênua. Não podemos, é claro, julgá-la do alto de nossas conquistas no campo da consciência das minúcias dos relacionamentos humanos. Eles todos, nesse momento histórico, estavam navegando num obscuro pântano, e graças a essas pessoas é que hoje podemos olhar para trás com maior clareza e explorarmos, de forma mais precisa, os detalhes desses relacionamentos que tanto nos enriqueceram. Ela percebia que o relacionamento dos dois era problemático, e que estava prestes a entrar em uma grande crise. Emma parecia pressentir o que viria a acontecer algum tempo depois. Ela parecia saber que o relacionamento que se estabeleceu entre os dois era prejudicial para Jung, pois percebia neste último todas as ansiedades e medos em relação a seu pai intelectual. Percebia também que se tratava de questões complexas de ambos os lados e estava, ingenuamente, tentando atuar para melhorar esse quadro. Ela, no restante dessa carta avança sobre assuntos muito delicados, para além do relacionamento deles, intrometendo-se no modo como Freud cuida de seus filhos. Não que ela estivesse desprovida de razão, pois parece que a tinha, especialmente quando lemos sua terceira carta à Freud, onde fica claro que este teve uma reação bastante irascível. Podemos inferir que nesta carta para Emma, Freud mostra toda sua fúria paterna, pois na resposta de Emma ela discute brilhantemente alguns pontos muito interessantes da carta do grande mestre. Ela escreve:

"...O senhor se aborreceu de verdade com minha carta, não? Eu também, e agora estou curada de minha megalomania... Há muita coisa, entretanto, contra a qual devo defender-me vigorosamente: ...Em primeiro lugar, não quero absolutamente dizer que Carl não deva dar muito valor à sua opinião; subentende-se que uma autoridade deve ser reconhecida e que, se alguém não pode reconhecê-la, isso é apenas sinal de insegurança super-compensada. Assim, não era aquilo o que eu quis dizer; foi apenas o restante da questão, o que a mim parecia supérfluo, que provocou em Carl ansiedade e insegurança. Para dizer a verdade, devo confessar que também falhei nesse ponto, sem suspeitá-lo. Ultimamente Carl tem analisado a sua atitude em relação ao seu próprio trabalho e descobriu certas resistências a ele. Eu relacionara todas essas apreensões quanto à II parte com sua constante preocupação quanto ao que o senhor iria dizer do trabalho etc. Parecia fora de questão que ele pudesse ter resistências à sua

própria obra; mas agora afigura-se que esse medo da opinião do senhor era somente um pretexto para não prosseguir com a auto-análise que este trabalho, de fato, dignifica..." (Emma Jung, p. 469-70)

De qualquer maneira, aqui está um depoimento de Emma também a respeito de sua percepção a respeito de seu marido. Olhando por qualquer ângulo, não é possível deixar de ver o complexo de pai movimentando-se entre eles. Seja da resposta inflamada de Freud à primeira carta de Emma, seja do medo da crítica de Freud que Jung parecia alimentar, seja pela sua própria crítica a respeito de seu trabalho. Lá está um pai bravo, irascível e castrador se manifestando. Esse mesmo pai será, em grande parte, responsável pela queda das projeções apaixonadas entre eles e pelo rompimento da relação.

Voltemos, então, para as rugas entre Freud e Jung. O caminho que Jung estava tomando em seu livro "Transformações e Símbolos da Libido", na composição de sua segunda parte, levaria os dois a um confronto de ideias e conceitos visto por eles como impossíveis de serem conciliados. Esse problema teórico, estopim para toda uma enxurrada de outras questões latentes dessa relação, começou a tomar um corpo mais claro a partir do final de 1911.

Ainda que clássica, uma das questões mais fortes que levou ao rompimento, ao menos do ponto de vista da razão, sem levar em conta todas as projeções a que temos nos aprofundado, foi a da libido. Entretanto, se analisarmos com mais vagar, perceberemos que eles não falam coisas tão díspares assim. Não sou como sabem, um teórico nem pretendo discutir detalhes teóricos, mas vejamos como as coisas se manifestam na correspondência. A esse respeito Freud escreve, um pouco enraivecida, à Jung:

"...Eu teria muito interesse em saber o que o senhor quer dizer com uma extensão do conceito de libido, para torná-lo aplicável à Dem. Pr. Receio que haja um mal-entendido entre nós, o mesmo gênero de coisa que o senhor declarou certa vez num artigo (ver OC. IX, par. 49), isto é, no meu modo de pensar, a libido é idêntica a qualquer espécie de desejo, quando, na realidade, simplesmente afirmo que existem dois impulsos básicos e que somente a força que está por trás do impulso sexual pode ser denominada libido..." (286F, p. 476)

A resposta de Jung, apesar de extensa, vale a pena ser ressaltada, pois nos mostra que ele ainda acreditava na possibilidade da troca intelectual entre eles. Na verdade, parece que Freud também acreditava nela, embora um pouco mais tarde essa possibilidade acabou sendo afastada por completo. Jung escreve:

"... Quanto ao problema da libido, devo confessar que a observação feita pelo senhor na análise de Schreber; p98, 3, ("notas sobre um caso de paranóia" ESB XII) levantou estrondosas reverberações. Essa observação, ou melhor, a dúvida nela expressa, ressuscitou todas as dificuldades que me acossaram durante anos, na minha tentativa de aplicar a teoria da libido à Dem. praec. A perda da função de realidade na D. pr. Não pode ser reduzida à repressão da libido (definida como desejo sexual). Não por mim, de qualquer forma. A sua dúvida demonstra-me que, também a seu ver, o problema não pode ser resolvido dessa maneira. Juntei agora todas as ideias sobre o conceito de libido que me ocorreram ao longo dos anos e dediquei a elas um capítulo na segunda parte do trabalho... o ponto essencial é que tento substituir o conceito descritivo por um conceito genético da libido. Tal conceito abrange não apenas libido sexual recente, mas todas aquelas formas de libido que há muito se dividiram em atividades organizadas... o senhor deve deixar a minha interpretação influenciá-lo como um todo, para sentir plenamente seu impacto. Simples fragmentos são dificilmente inteligíveis..." (287J, p. 477-78)

Na resposta de Freud é interessante perceber que aquilo que os desunirá no futuro é absolutamente aceito neste momento. Quando li pela primeira vez a passagem acima, pensei comigo: aqui começa o problema entre os dois. Mas, para minha surpresa, não foi bem assim. A segunda parte do trabalho de Jung viria a ser o ponto de discórdia entre eles. Um dos pontos mais debatidos de discordância entre eles é a conceituação de libido. Mas neste momento, isso não foi nem sequer percebido por Freud, ou se foi, ele resignou-se a aceitar as investidas de Jung. Freud escreve:

"... Sou inteiramente a favor de o senhor atacar a questão da libido e eu próprio estou esperando dos seus esforços muito esclarecimento. Muitas vezes, parece-me, posso passar longo tempo sem sentir necessidade de esclarecer um ponto obscuro, e então, um belo dia, sou compelido a isso pela pressão dos fatos ou pela influência das ideias de outra pessoa..." (288F, p. 479)

Dessa forma, Jung continuou em seus estudos de mitologia dando notícias de quando em quando para Freud sobre suas peregrinações pelo mundo dos deuses, deusas gigantes e hidras. Já em 1912 ele escreve à Freud:

"...Estou mantendo terríveis batalhas com a hidra da fantasia mitológica e nem todas as suas cabeças foram ainda cortadas. Às vezes sinto vontade de pedir socorro, quando sou muito pressionado pela confusão do material. Até aqui tenho conseguido dominar o ímpeto. Espero atingir terra firme num futuro não muito distante..." (297J, p. 489)

Vemos aqui o quanto Jung mergulhou em suas pesquisas. O quão fundo e perigoso era o mar em que estava nadando. Sua história nos conta de sua coragem descomunal. As descrições de Jung vão ficando cada vez mais poéticas, ao estilo mitológico. De certa maneira, ele estava

mesmo sendo tragado por esse mundo da fantasia, um tanto por sua coragem desmedida, um outro tanto por aquilo que parece uma irresponsabilidade, e em grande medida por uma, também aparente, prepotência. Não esqueçamos, entretanto, que, como nos mostrou a história, ele não tinha muita escolha, ou talvez não tivesse escolha alguma, Jung tinha de fazer essas incursões, até porque disso dependia sua sobrevivência psíquica. Ele acreditava mesmo ser o primeiro humano a mergulhar nesse mundo que conseguiria sair ileso dessa trilha inóspita. Freud por diversas vezes cobrava-o de que voltasse de suas peregrinações, mas ele não mais o escutava. Pelo contrário, ficava irritado e se melindrava com essas tentativas. Em parte porque elas eram, provavelmente, cobranças do pai preocupado com o destino do filho predileto. Mas também, porque como já conseguimos perceber, Jung tinha uma autocrítica terrível e qualquer coisa que fizesse coro a isso era uma ofensa gravíssima. A 18 de fevereiro de 1912 Freud escreve para Jung:

"...teria muita satisfação em ver o seu nome figurar destacadamente nesse periódico (Imago) e no Zentralblatt, mas, em vez disso, o senhor se esconde por trás da sua nuvem religiosa-libidinal. Parece-me que o senhor ainda está conferindo excessiva superioridade a mim..." (298F, p. 490)

A resposta de Jung é raivosa, mesmo tentando ser conciliadora. Afinal o próprio Jung acreditava estar trabalhando em nome da "causa". Ele não estava deliberadamente, acredito eu, tentando criar uma nova teoria unicamente sua, estava na verdade labutando para que a psicanálise crescesse e florescesse. Jung foi, como vimos, um dos maiores ativistas da psicanálise. Ele e Freud juntos, fizeram aparecer no mundo as descobertas deste último. Parece-me que sua intenção não era a de abandonar o barco, mas ao mesmo tempo ele fazia questão de ter sua liberdade garantida, poder ir e vir em suas pesquisas, trazendo à tona aquilo que descobrisse, sem ter de sofrer censura por isso. Sua resposta parece deixar isso claro. Ele escreve a 25 de fevereiro do mesmo ano:

*"... Acho que não estou errado ao suspeitar que o senhor tem um certo ressentimento do meu desleixo na correspondência. Nesse aspecto o meu comportamento é, de fato, um tanto irresponsável, na medida em que permiti que toda a minha libido se consumisse no trabalho. Por outro lado, o senhor não precisa ter qualquer preocupação quanto à minha prolongada e invisível estada na "nuvem religiosa-libidinal". Eu lhe diria de boa vontade o que está acontecendo lá em cima, se ao menos soubesse como registrá-lo numa carta. É, fundamentalmente, uma elaboração de todos os problemas que resultam da libido do incesto materno, ou melhor, da imago materna catexizada pela libido. Desta vez aventurei-me a tentar resolver a mãe. Assim, o que está-me mantendo escondido é a **katabasis** (descida) ao reino das mães, onde, como sabemos, Teseu e Peirithoos ficaram paralisados, presos às rochas. A seu devido tempo, porém, subirei novamente. Nestes últimos dias escavei o meu caminho consideravelmente mais*

perto da superfície. Tenha pois, por favor, paciência comigo durante mais algum tempo. Trarei comigo toda espécie de coisas maravilhosas ad majorem gloriam da psicanálise..." (300J, p. 492-493)

Ao que parece, Jung estava mesmo perdendo um pouco o pé da realidade e estava negligenciando, não apenas sua correspondência com Freud, mas algumas de suas atribuições como presidente da Sociedade Internacional de Psicanálise. Entretanto, ele não parecia estar ciente dessa sua "irresponsabilidade". Ponho entre aspas, pois em verdade não era exatamente uma irresponsabilidade de sua parte, mas um perder o pé de suas responsabilidades. Estando tão mergulhado nas tais "fantasias mitológicas" ele acabou sendo um pouco tragado para esse mundo. Jung acreditava ser capaz de sair ileso facilmente desse estado, mas o tempo e a história mostraram que seu caminho foi muito mais penoso do que ele poderia imaginar. Ao lermos o trecho a seguir da carta de Freud em resposta à está última, percebemos claramente o que estou falando. Mesmo se tirarmos grande parte da raiva e do ressentimento de Freud que estavam crescendo grandemente e se acumulando, podemos perceber que Jung de fato estava negligenciando seus afazeres. Freud escreve:

"... Não pode haver dúvida de que eu era um correspondente exigente, nem posso negar que aguardava as suas cartas com grande impaciência e que as respondia prontamente. Não levei em consideração seus primeiros sinais de relutância. Desta vez o fato atingiu-me mais seriamente... Avaliei-me a mim próprio e eliminei rapidamente o excesso de libido. Senti muito fazê-lo deste modo, embora satisfeito por ver quão prontamente resolvi a coisa. Desde então, tornei-me menos exigente e temível. Como sabemos a irresponsabilidade não é um conceito compatível com a psicologia profunda... Mas seria um golpe severo para todos nós se o senhor tivesse que tirar da Associação a libido de que necessita para o seu trabalho. Tenho a impressão que, atualmente, a organização não está funcionando de forma adequada... Mas estou menos preocupado com o presente do que com o futuro; estou determinado a fazer todas as preparações necessárias para o futuro, de modo a ver tudo em segurança nas suas mãos quando chegar a hora..." (302F, p. 493-494)

É impressionante perceber como na primeira parte desse trecho é absolutamente visível o rancor e o desgosto de Freud. Ele estava triste e decepcionado com o filho predileto que, cronicamente, o desobedecia. Mas como dito acima, na segunda parte fica bem claro que Jung estava mesmo priorizando seus estudos de mitologia em detrimento de suas responsabilidades e atividades diárias. Isso fica ainda mais claro quando vemos que a resposta de Jung a essa carta de Freud é uma seqüência sem fim de desculpas e, o que é pior, ele fica sistematicamente culpando outras pessoas por suas faltas. Entretanto, é perfeitamente compreensível que Jung estivesse priorizando seu trabalho intelectual, uma vez que esse era um chamado profundo de sua alma e também porque esses processos teimam em desobedecer

sistematicamente as obrigações e necessidades mundanas. A título de curiosidade vou transcrever alguns trechos dessa carta:

"...Para o bem do meu trabalho, quis dispensar as meras formalidades durante dois meses... Riklin falhou na execução de minhas instruções, de forma que não posso permitir... Não esqueci de modo algum as providências a serem tomadas para o congresso... pedi para as autoridades militares para me notificarem quando cessa o meu período de serviço esse ano. Nada consegui até agora... Foi por essa razão que não me foi possível marcar uma data para o congresso..." (303J, p. 495)

Entretanto, a parte que mais parece ter irritado Jung foi a que Freud fala do futuro da psicanálise. No próximo seguimento de sua carta podemos perceber um forte complexo tomando posse de seu psiquismo, pois sua resposta parece-me bastante desproporcional ao que Freud escreveu. Por um lado, sabemos que Freud tinha lá suas questões em não deixar seus filhos crescerem, tanto os concretos como os intelectuais, isso justificaria sozinho a resposta de Jung. Por outro lado, Jung parece querer mudar isso em Freud para que seu crescimento seja mais leve e menos conflituoso. O que veremos a seguir é o que tenho afirmado a respeito da ativação dos complexos, tanto do lado de Freud como de Jung. Como as coisas agora começam a esquentar no sentido do rompimento da relação entre eles, essas mágoas e decepções de ambos os lados vai ficando mais forte, e os complexos vão tomando parte numa dança muito triste, mas dançada tantas vezes por tanta gente que é quase patética de ser vista. Jung continua:

*"... Quanto às outras observações de sua carta, devo reconhecer que nunca consegui livra-me da idéia de que o que fiz, e estou ainda fazendo, para promover a difusão da psicanálise deve ter, certamente, muito mais importância para o senhor do que a minha inabilidade e grosseria pessoal... Certamente que tenho opiniões que não são as suas quanto às verdades básicas da psicanálise - embora não haja certeza nem mesmo quanto a isso, pois não se pode debater por carta tudo o que existe no mundo - mas o senhor não irá, acho eu, considerar o fato como uma ofensa. Estou pronto para, a qualquer momento, adaptar as minhas opiniões ao juízo de alguém que sabe mais, e sempre estive. **Jamais teria tomado partido do senhor, em primeiro lugar, se a heresia não corresse no meu sangue. Visto que não tenho ambições professorais, posso permitir-me admitir erros... Foi isso que o senhor me ensinou através da psicanálise. Como alguém que é verdadeiramente seu seguidor, tenho que ser corajoso, ainda mais em relação ao senhor..."** (303J, p. 496-97)*

Embora possamos verificar o quão cheia de afetos é essa carta, devo chamar a atenção para a beleza e a coerência interna destas palavras por mim destacadas. Aqui Jung está sendo muito honesto a parece muito consciente de quem ele é. Por outro lado, vai ficando cada vez mais claro o quanto os dois estão possuídos por complexos, pois a seqüência de cartas

posteriores a essa, com algumas exceções, vai ficando cada vez mais inflamada. A "amizade" entre eles vai se desgastando e vão aparecendo as primeiras rachaduras nas paredes dessa relação. Apenas um mês e meio depois dessa última carta, Freud escreve a 21 de abril de 1912:

"... Espero que esteja novamente em casa, renovado por umas férias agradáveis. Talvez agora o senhor esteja interessado em ter notícias desse período bastante rotineiro... Spielrein, a quem, felizmente, não transmiti suas críticas, veio despedir-se há alguns dias e discutiu certos assuntos íntimos comigo... Atribuo ao seu humor pré-férias o fato de o senhor considerar a Imago como rival do Jahrbuch. Não se esqueça que é a mesma entidade sob três nomes diferentes, com pequenas variações na função... Estou esperando ansiosamente o seu segundo artigo sobre a libido, com o seu novo conceito de libido, porque imagino que a "declaração de independência" que o senhor anunciou há algum tempo está nele expressa e pode, na verdade, não se referir a qualquer outra coisa. O senhor verá que sou muito capaz de ouvir e de aceitar, ou de esperar até que uma idéia se torne mais clara para mim..." (311F, p. 504-05)

Neste trecho é inegável o tom magoado, ressentido e até cínico por parte de Freud. Como podemos perceber claramente, Freud não conseguiu retirar sua libido com tanta facilidade como declarou na carta de 29 de fevereiro de 1912. Na verdade, como estamos tratando de constelações complexas, esse tom é esperado. É claro que o ego deseja ser poderoso e capaz de não guardar mágoas improdutivas, mas o que os complexos geram é exatamente o oposto. Freud mostra-se possuído principalmente por dois complexos principais, um de rejeição, agindo como uma colegial que está sendo negligenciada pelo namorado, e o outro de pai, que também se sente rejeitado e fica muito bravo com o filho que "põe as asinhas de fora" tentando alçar vôo.

Nas cartas subseqüentes vão aparecendo cada vez mais claramente as diferenças conceituais que foram crescendo entre eles. Dessa forma, inicia-se uma guerra entre Puer e Senex, com Jung tentando trazer a tona novas ideias a respeito do problema da libido e do incesto, e Freud tentando demovê-lo, de forma bastante magoada, dessa idéia. É interessante ver como essas forças vão corroendo quaisquer traços de clareza na relação dos dois. As visões se turvam, eles passam a não se enxergar mais, vendo apenas o inimigo a ser combatido. Vejamos nessa carta de Freud, escrita em 23 de maio de 1912, o que quero dizer. Prestemos atenção na quantidade de afetos mobilizados:

"... Na questão da libido, finalmente, vejo a que ponto a sua concepção difere da minha. (Estou me referindo, é claro, ao incesto, mas pensando nas suas anunciadas modificações no conceito de libido.) O que não consigo ainda compreender é por que razão o senhor abandonou a concepção mais antiga..."

*Se agora, porém, deixarmos de lado a razão e sintonizarmos o aparelho com o prazer, confesso ter uma forte antipatia pela sua inovação. Essa antipatia tem dois motivos. Primeiro o caráter regressivo da inovação... Em segundo lugar, por causa da semelhança desastrosa com um teorema de Adler; embora, naturalmente, eu não condene todas as inovações de Adler.. Estarei **geograficamente** mais perto do senhor durante o fim de semana de Pentecostes..." (316F, p. 511)*

Freud está muito bravo com seu filho querido, seu príncipe herdeiro que o traiu. Sentindo-se apunhalado pelas costas, Freud não consegue conter sua raiva e desgosto ao ver aquele em quem acreditou ser o mais fiel, o mais capaz de seus seguidores, tomar caminhos que ele não aprova. A guerra entre pai e filho está declarada, eles agora vão tentar sobreviver a essa terrível onda de ódio e mágoas que não se refere apenas a história pessoal deles, mas de toda a humanidade. O mais interessante é que Jung tenta de todas as formas convencer seu pai intelectual a deixá-lo ao menos ser ouvido. Da mesma forma como aconteceu com seu pai verdadeiro. Ele, aos dezoito anos, tentava obstinadamente conversar com seu pai sobre religião e sobre a sua iluminação, e essa conversa terminava sempre de forma patética, com seu pai triste com ele. Remeto o leitor à página 30 (trinta) deste trabalho onde cito essa passagem.

A resposta de Jung à carta enraivecida de Freud não é uma tentativa de reconciliação, bem ao estilo de Jung, que não se rendia ou abaixava a cabeça, especialmente naquilo que acreditava ter razão. Jung escreve:

"...Sobre a questão do incesto, pesa-me ver que poderosos afetos o senhor mobilizou na contra-ofensiva às minhas sugestões. Já que penso ter razões objetivas do meu lado, sou forçado a sustentar a minha interpretação do conceito de incesto, e não vejo saída para o dilema. Não foi por razões frívolas ou preconceitos regressivos que fui levado a essa formulação, como, espero, se tornará claro para o senhor quando ler o minucioso e intrincado exame que faço de todo o problema, na segunda parte de meu ensaio. O paralelo com Adler é uma pílula amarga; engoli-o sem um murmúrio. Evidentemente, é esse meu destino. Não há nada a fazer quanto a isso, pois as minhas razões são irresistíveis. Principiei com a idéia de corroborar a antiga concepção de incesto, mas fui obrigado a ver que as coisas são diferentes do que esperava... O fato de o que o senhor não sentiu necessidade de ver-me durante a sua visita a Kreuzlingen deve ser atribuído, suponho, à sua insatisfação quanto ao desenvolvimento que dei à teoria da libido. Espero que possamos chegar, mais tarde, a uma entendimento nos pontos controversos. Parece que terei que seguir o meu próprio caminho durante algum tempo. Mas o senhor sabe como nós, os suíços, somos obstinados..." (318J, p. 512-13)

Jung também está ressentido, e de agora em diante o fato de Freud não ter visitado Jung quando foi à Kreuzlingen, passará a ser conhecido, pelos dois, como a "atitude Kreuzlingen".

Jung nesta passagem da carta não se comporta como filho magoado, mas como uma rapariga, cujo namorado não quis vê-la durante o fim de semana. A resposta de Freud também está, novamente, carregada de mágoas. Começam a surgir faíscas do choque entre os dois. Essas faíscas aparecem em forma de provocações mútuas e acusações recíprocas. Isto é característico de qualquer briga entre duas pessoas tomadas por complexos, se não de amantes, ao menos de duas pessoas que sentem grande afeto uma pela outra. Freud responde à Jung a 13 de junho do mesmo ano:

"...Mesmo que não possamos chegar a um acordo imediatamente, não há razão para supor que essa diferença científica irá diminuir o nosso relacionamento pessoal... Mas se o senhor tivesse ido passar a metade de um dia em Constance, teria sido um grande prazer para todos nós. Não lhe pedi que fosse porque é uma imposição pedir a alguém passar o feriado dessa maneira, se essa pessoa tem algo melhor a fazer ou deseja descansar. Mas teria ficado satisfeito se o senhor próprio houvesse pensado nisso... A sua observação magoa-me, porque demonstra que o senhor não se sente seguro de mim..."
(319F, p. 513-14)

A respeito da primeira frase de Freud, o que ele ainda não tinha percebido é que não havia muita relação pessoal entre eles, pois o apaixonamento mútuo era por conta do relacionamento espiritual. Dessa maneira, a não ser que eles tivessem mais consciência do que estava acontecendo, não havia como manter o relacionamento pessoal em meio à tempestade que estava estremecendo os alicerces do mesmo. Jung demora aproximadamente um mês para responder à Freud. Sua carta parece ser uma resignação às forças do inconsciente, que tão aceso se encontrava nos dois. Jung escreve:

"...Até hoje não sabia o que responder à sua última carta. Agora posso apenas dizer: compreendo a atitude Kreuzlingen, O êxito ou o fracasso do meu trabalho futuro é que tornará evidente se a sua orientação é ou não a correta. Sempre mantive a minha distância, e isso proteger-me-á contra qualquer imitação da deslealdade de Adler..." (320J, p. 515)

A partir desse momento as coisas realmente não ficaram bonitas para a relação deles. Na verdade houve diversas tentativas, especialmente de Jung, de tentar ser aceito por Freud apesar de suas diferenças teóricas. Jung inclusive parecia estar bastante preocupado em não ser comparado com Adler e faz esforços claros para tanto. A 2 de agosto do mesmo ano ele escreve:

"...As minhas conferências norte-americanas estão agora prontas e irão propor sugestões experimentais para modificar certas formulações teóricas. Não seguirei, no entanto, a receita de Adler para superar o pai, como o senhor parece imaginar. Essa carapuça não me assenta..."

Colocarei em discussão a minha presidência no próximo congresso, de forma que a Associação decida se os desvios serão ou não tolerados..." (321J, p. 516)

O que veremos adiante é apenas a deterioração do que já havia sido uma amizade, uma colaboração científica e um relacionamento amoroso. Aqui vemos que apesar de brilhantes e extremamente perspicazes, os dois eram apenas seres humanos, com tudo de bom e de ruim que isso encerra. Mas não resta dúvidas que, neste momento, o grande esforço para um acerto entre eles foi da parte de Jung. A última carta escrita por Freud foi de 13 de junho de 1912, depois desta, ele só irá responder às cartas de Jung em 14 de novembro desse mesmo ano. Esse silêncio já diz quase tudo o que ele queria dizer, ou seja, que Jung havia sido destronado e deserdado. Foi nesta mesma época, em torno de julho de 1912 que foi criado o "Comitê" um grupo secreto de psicanalistas "dignos de confiança". Grupo para o qual Jung não foi chamado e nem sequer tomou conhecimento. Em 11 de novembro Jung tenta mais uma vez um contato com Freud contando de suas conferências de Fordham, Nova York e também onde escreve o seguinte:

"... Achei que minha versão da psicanálise conquistou a simpatia de muitas pessoas que, até o momento, estavam confusas com o problema da sexualidade na neurose. Tão logo tenha uma separata, terei prazer em enviar-lhe uma cópia das minhas conferências, na esperança de que o senhor, gradativamente, venha a aceitar certas inovações já sugeridas no meu ensaio sobre a libido. Não sinto necessidade de causar-lhe uma decepção, desde que o senhor possa ter uma visão objetiva dos nossos esforços em comum. Lamento muitíssimo se o senhor acha que as modificações em questão foram induzidas unicamente por resistência ao senhor. A sua atitude em Kreuzlingen provocou-me uma ferida duradoura. Prefiro um confronto direto. Comigo não é uma questão de capricho, mas de luta por aquilo que acredito ser verdadeiro. Nesse assunto nenhuma consideração pessoal pelo senhor pode deter-me... Obviamente preferia manter uma ligação cordial com o senhor, a quem tanto devo, mas desejo o seu julgamento objetivo, sem ressentimentos... Só posso assegurar-lhe que não existe resistência da minha parte, a não ser por me recusar a ser tratado como um tolo, crivado de complexos. Acho que tenho razões objetivas para os meus pontos de vista..." (323J, p. 521)

Eis mais um trecho impressionante por parte de Jung em sua luta contínua com o pai interior projetado em Freud. Claro que neste momento, essa projeção acabou deixando de ser o que era para se tornar verdade. Tanto pela incapacidade de Jung em lidar de uma forma mais aberta com Freud durante seus estudos, como por conta da própria patriarcalidade de Freud, que queria seus pupilos embaixo de sua asa.

É interessante perceber que os afetos dessa briga foram tão poderosos que, mesmo quase cem anos depois, ainda estamos falando a respeito dela. Tanto os seguidores de Jung

quanto os de Freud ainda guardam parte desse afeto não digerido entre eles. E não falo isso apenas por meus sentimentos pessoais em relação a isso, mas por conta de possuir amigos psicanalistas que dão importância a essa questão. Também atendi estudantes de psicologia que, ao escolher entre uma ou outra escola já se engajam automaticamente nessa contenda.

Para esta última carta, Jung recebe uma resposta de Freud especialmente cheia de ressentimentos e mágoas. É a primeira vez desde 15 de novembro de 1907, quase cinco anos depois, que Freud se dirige a Jung não mais como amigo. Transcrevo alguns trechos a seguir:

"... Caro Dr. Jung, Cumprimento-o no seu retorno dos Estados Unidos, mas não mais tão afetuosamente como na última ocasião, em Nuremberg - o senhor conseguiu quebrar-me esse hábito -, mas ainda com considerável simpatia, interesse e satisfação pelo seu êxito pessoal. O senhor reduziu uma boa quantidade de resistência com as suas modificações, mas não o aconselharia a contar isso como crédito, porque, como sabe, quanto mais a gente se afasta do que é novo em psicanálise mais certeza se tem do aplauso e menos resistência se encontra... O senhor pode contar com a minha objetividade e, portanto, com a continuação de nosso relacionamento; ainda acho que as variações pessoais são bastante justificadas e ainda sinto a mesma necessidade de prosseguir com a nossa colaboração... Devo confessar que acho a sua alusão à "atitude de Kreuzlingen" tão incompreensível quanto ofensiva, mas há coisas que não podem ser corrigidas por escrito..." (324F, p. 523-24)

O que podemos perceber nessa carta de Freud é que ele não consegue esconder, sua profunda mágoa com Jung. Ele está machucado e faz questão de mostrar isso. Como em todo término de relação, os sentimentos expressos aqui são absolutamente coletivos. Chega a ser assustador ver o quanto os complexos achatam a inteligência desses dois gênios quando sentam para escreverem-se cartas. Por outro lado é também reconfortante perceber tanta humanidade neles, afinal só podemos olhar criticamente para essa correspondência hoje graças a eles e tantos outros que se aventuraram na exploração da psique humana. Também é interessante perceber que nenhum outro caminho era possível para a relação deles, uma vez que para continuar como filho predileto, Jung haveria de renunciar ao seu mais precioso e valorizado bem: sua inteligência e senso crítico. Não haveria outra forma de Jung crescer do ponto de vista intelectual que não fosse se afastando da influência de Freud. Não que este último fosse uma pessoa terrível, um déspota descontrolado, mas a relação de interdependência que se criou entre eles poderia ter acabado por destruir a criatividade de Jung.

Mesmo tomado de afetos, Jung teve seus momentos de clareza psicológica durante esse processo. De alguma maneira, ele ainda tinha alguma esperança de continuar no grupo de

psicanálise, e tentava defender isso da melhor forma que encontrava. Como exemplo mostro-lhes a carta a seguir, em resposta à última de Freud. Jung escreve:

"... Retirar-me-ei do periódico de Stekel porque me recuso a continuar trabalhando com ele. Não ousou oferecer-lhe o meu nome para o novo periódico; uma vez que o senhor me desaprova tão radicalmente, a minha colaboração dificilmente seria aceita. Preferiria encontrá-lo no território neutro do Jahrbuch, o qual espero que o senhor me permita continuar a editar, não impondo um regime demasiado restrito. Proponho que se deixe a tolerância prevalecer no Jahrbuch, de modo a que cada um possa evoluir à sua própria maneira. As pessoas só dão o melhor de si quando a liberdade é garantida. Não devemos esquecer que a história das verdades humanas é também a história dos erros humanos... Quanto ao meu trabalho passado, presente e futuro, pretendo manter-me à distância dos complexos mesquinhos e fazer inflexivelmente o que considero ser verdadeiro e correto..." (326j, p. 526)

Realizou-se em seguida a conferência de Munique. Nesta conferência Freud e Jung puderam conversar, especialmente sobre a tal atitude de Kreuzlingen e reconciliaram-se. Foi também nesta ocasião que se decidiu o tema para o próximo congresso de psicanálise que seria "A Função do Sonho". A respeito desse encontro Freud escreve a Putnam, um de seus seguidores, em 28 de novembro de 1912 o seguinte:

"... Todos foram agradáveis comigo, inclusive Jung. Uma conversa entre nós varreu uma série de animosidades pessoais desnecessárias. Tenho a esperança de uma bem-sucedida cooperação futura. As diferenças teóricas não precisam interferir. Contudo, dificilmente serei capaz de aceitar a sua modificação da teoria da libido, já que toda a minha experiência contradiz sua posição..." (Putman and Psychoanalysis, p. 150)

Entretanto, apesar de terem aparentemente se reconciliado, a troca de cartas que segue é simplesmente impressionante. Seja pela inocência e ingenuidade de Jung ou pela incapacidade de Freud ao verdadeiro relacionamento, no qual as diferenças são realmente toleradas. Após o encontro, as cartas que se seguem são amenas e até amáveis. A 26 de novembro Jung escreve

"... Estou contente por termos podido nos encontrar em Munique, já que foi a primeira vez que realmente compreendi o senhor. Entendi o quanto sou diferente do senhor. Essa compreensão será o bastante para efetuar uma mudança radical em toda a minha atitude. Agora o senhor pode ficar seguro de que não desistirei do nosso relacionamento pessoal. Por favor perdoe os erros, que não tentarei justificar ou atenuar. Espero que a compreensão que finalmente obtive guie a minha conduta a partir de agora. Estou bastante aflito por não tê-lo conseguido muito antes. Poderia ter-lhe poupado muitas decepções..." (328J, p. 527-28)

Aparentemente, quando Jung diz ter entendido o quanto ele é diferente de Freud, poderíamos supor que se trata de uma retirada de projeção, aquele momento em que percebemos que o outro não é aquilo que pensávamos, mas é alguém completamente diferente de nós e de nossas expectativas. Parece-me que ele o fez parcialmente, pois em suas próximas cartas ainda sobra um pouco de seu complexo de pai, tentando fazer com que Freud reaja de acordo com o que ele gostaria de ter como pai, mestre e ídolo.

Ao lermos as próximas cartas, parece que os ânimos realmente se acalmaram, mas essa calma aparente dura bem pouco tempo. Mas ainda dentro dessa calma podemos notar ecos e reflexos dos terremotos recentes. Vejamos esse trecho da carta de Freud à Jung de 29 de novembro de 1912:

*"...Muito agradecido por sua amável carta, que mostra que o senhor banuiu várias concepções errôneas quando à minha conduta e encoraja-me a nutrir a melhor das esperanças quanto à nossa colaboração futura. **Creia-me, não foi fácil para mim moderar as exigências em relação ao senhor; mas, uma vez que consegui fazê-lo, o giro na outra direção não foi severo demais e, para mim, o nosso relacionamento conservará sempre um eco da intimidade passada. Creio que teremos que guardar um suprimento adicional de benevolência um para o outro, porque é fácil ver que haverá controvérsias entre nós, e um sempre achará irritante quando a outra parte insistir em ter uma opinião própria...**"*
(329F, p. 529-30)

As partes por mim destacadas me parecem ser uma confirmação do que foi dito nos capítulos anteriores. É interessante perceber que Freud sempre teve uma grande expectativa em relação à Jung, pois este foi mesmo um filho preferido para ele. Freud confessa o quão difícil foi abrir mão desse filho dos sonhos e diminuir suas expectativas. Essa diminuição de expectativas poderia ter sido um possível caminho em direção a um relacionamento mais verdadeiro. Entretanto, o que poderemos perceber é que essa diminuição é apenas aparente, pois os afetos ainda estão à flor da pele. O que realmente irrita Freud, como ele mesmo afirma indiretamente na segunda frase por mim destacada, é o fato de Jung ter uma opinião própria e não segui-lo cegamente. Tanto a paixão entre eles como a relacionamento entre pai e filho chegam ao final. Mas ainda não é o final das desavenças, pois um complexo não cede assim facilmente seu lugar no psiquismo, ao contrário, diz a história que esses complexos ficaram muito bem instalados.

Na continuação de sua carta, Freud dá uma pequena e esquiva explicação sobre seu desmaio ao final do almoço que tiveram na conferência de Munique. O desmaio ocorre quando Freud estava justamente falando sobre os suíços, criticando-os por omitirem seus

nomes nas publicações psicanalíticas, referindo-se de maneira jocosa ao próprio Jung. Em sua explicação para o tal desmaio Freud diz "... *Um pouco de neurose que preciso realmente examinar...*" (329F, p. 529-30). Isso parece ter tido um efeito bastante sério em Jung que resolve analisar o grande mestre de maneira bastante arrogante o que faz com que, novamente, grandes afetos negativos apareçam entre os dois dando um fim à trégua que pudemos observar. Nessa carta Jung diz coisas tais como: "...*Meus melhores agradecimentos por uma passagem de sua carta, onde o senhor fala de um "pouco de neurose" da qual o senhor não se livrou. Esse "pouco", na minha opinião, deve ser de fato levado muito a sério...*" (330J, p. 533). Por mais que ele tivesse razão no que dizia, o que não posso ter certeza, a forma como escreve é que denota a presença de um complexo fortíssimo, complexo no qual Jung está preso e que o leva a uma briga franca com o pai. Jung dá a impressão de estar muito magoado com o fato de Freud não ter aceito suas mudanças no conceito de libido. Isso fica claro na seguinte passagem:

"... *Se esses antolhos fossem removidos, estou certo de que o senhor veria o meu trabalho de uma maneira muito diferente. Como prova de que o senhor - se posso permitir-me uma expressão tão desrespeitosa - **subestima** o meu trabalho por margem muito ampla, citarei a sua observação de que, "sem pretendê-lo, resolvi o enigma de todo o misticismo, demonstrando que se fundamenta na utilização simbólica de complexos que sobreviveram à sua função"...*" (330J, p. 533)

E ele segue com a defesa de sua idéia de forma bastante contundente, como aparentemente lhe era comum proceder. Até que chega ao ponto crucial, e provavelmente naquilo que lhe era mais importante, pois atinge o nervo central de sua questão com o pai; a covardia frente às evidências, pois lembremo-nos que Jung está falando sobre o "pouco de neurose" a que Freud aludiu. Jung diz: "... *A nossa análise, o senhor deve lembrar-se, chegou ao fim com a observação feita pelo senhor de que "não poderia submeter-se a análise **sem perder a sua autoridade**". Estas palavras estão gravadas na minha memória como um símbolo de tudo o que aconteceu...*" (331J, p. 535) Essa passagem é importante, pois para Jung é uma das mais significativas passagens de seu relacionamento com seu grande mestre/pai Freud. Para nós é importante, pois denota claramente qual a principal questão que está por detrás de toda essa briga feroz entre eles. Jung chama de "novo estilo" esse seu novo modo de escrever à Freud, sem temê-lo.

Não precisa ser um gênio para saber que esse seu estilo novo acabou tendo conseqüências bastante dramáticas. Freud responde da seguinte forma a respeito de suas críticas:

"...Sinto muito não poder discutir em maior extensão a sua observação sobre as neuroses dos analistas, mas isso não deve ser interpretado como uma recusa. Num ponto, contudo, aventuro-me a discordar da forma mais enfática: o senhor não tem sido, como supõem, prejudicado pela minha neurose..." (332F, p. 537)

Embora Jung tenha pedido a Freud que não se ofendesse com o conteúdo de sua carta, seu pedido não teve muito efeito. Até porque, ao se ler o conteúdo inteiro da carta, nota-se claramente que Jung está atacando ferozmente seu pai intelectual. Portanto nem faria sentido, dado a forma como se apresenta, um pedido de desculpas. Aparentemente uma luta violenta está sendo travada em seu íntimo, e esta se espalha e atinge quem está ao seu redor. Claro que, em parte, esta briga era também com Freud, pois este, como venho demonstrando, era um excelente "cabide" para essas projeções. Mas, de qualquer maneira, a verdadeira briga está acontecendo dentro de Jung, a briga para se libertar dos grilhões de seu pai terrível, e poder criar livremente.

Entretanto, no meio da briga interna de Jung, Freud estava sendo de fato atacado e também atacando, pois, provavelmente, não apenas a luta pessoal interna de Jung é que estava sendo travada no campo relacional deles. Entre bombas e tiros voando pelo ar, num determinado momento a briga começou a tomar um rumo mais sério, e o nível da conversa começou a baixar. O uso de cinismo e outros artifícios para atingir o adversário começou a ficar comum. Vejam a seguinte carta de Freud:

"...Não ousei dizer mais nada acerca de sua inovação da libido, agora que o senhor me ridicularizou tanto por haver descoberto que o trabalho continha a solução para o enigma do misticismo. Mas estou ansioso para ler as conferências que o senhor fez em inglês. Espero que elas encontrem vigorosa oposição da parte de nossos colegas analistas; a minha própria oposição, mesmo que sobreviva à leitura das conferências, seria por demais evidente para causar impressão..." (334F, p. 540)

Julgo necessário dizer a respeito desse trecho da carta de Freud o quão pequena é essa disputa por aceitação ou não. Quando começaram sua amizade, os dois uniram-se justamente para combater exatamente o que agora estão fazendo. Ou seja, lutar pela verdade, por uma abertura no campo de visão humano. Uma vez que nos apegamos a uma verdade, passamos a defendê-la como a única possível. Freud em alguns momentos dessa correspondência afirma que quanto mais aceitação temos, mais longe da verdade estamos. Entretanto, quando se afastam de sua verdade, então ele deseja que o outro não seja aceito pelos seus colegas analistas. Ele quer, de alguma maneira muito inconsciente, que Jung experimente exatamente a mesma pílula amarga que um dia teve de tomar. A pílula da rejeição, da incompreensão daqueles mais

próximos e mais amigos. Talvez seja esse o destino dos verdadeiramente geniais, a incompreensão de suas ideias. Mas, por outro lado, é interessante o pai desejar o mesmo caminho para o filho, pois assim ele se tornará parecido com ele em algum dia, num momento distante da história do filho. "Talvez Jung também encontre sua verdade e a ela se agarre como a uma rocha num mar tempestuoso", poderia pensar Freud.

Infelizmente, do lado de fora as coisas não eram tão poéticas assim. A resposta de Jung é muito interessante, quase um jorro de luz em cima de uma problemática que, como podemos ver até hoje, é tipicamente humana. Jung escreve:

"... velo pela crítica de Furtmüller⁶, prestes a aparecer na Zentralblatt, que os profetas vienenses estão enganados quanto a uma "virada de casaca" para o lado de Adler. Nem mesmo os amigos de Adler consideram-me um deles... É deplorável que a ciência deva ainda ser tratada como uma profissão de fé..." (335J, p. 540-41)

Aqui estamos realmente muito perto do desfecho final e precisamos prestar muita atenção para notarmos as entrelinhas do que está realmente sendo dito. Como temos visto, essa briga não difere muito, ao menos na forma, de qualquer outra briga humana. Ou seja, o nível de consciência baixou nos dois, as manifestações psíquicas acompanharam essa diminuição, de forma que os próximos trechos refletem essa queda e selam o fim da relação entre eles. Freud escreve à Jung em 16 de dezembro de 1912:

"... O hábito de considerar pessoais afirmações objetivas não é apenas uma característica humana (regressiva), mas uma fraqueza vienense muito específica. Ficarei muito contente se tais reivindicações não forem feitas ao senhor. Mas é o senhor "objetivo" o suficiente para considerar o seguinte lapso sem zangar-se? "Nem mesmo os amigos de Adler consideram-me um dos seus"..." (337F, p. 541)

Veja como eles já estão usando a própria psicologia para atacar um ao outro!! Muito interessante ver que aquilo que os uniu é agora usado para desuni-los. A respeito dessa interpretação medíocre, frente à capacidade intelectual de Freud, podemos dizer que o complexo faz isso mesmo, emburrece a pessoa acometida por ele. Não é necessário muita inteligência para adivinhar que a reação da outra parte a esse ataque baixo será uma cólera desenfreada. Jung responde à Freud:

⁶ Carl Furtmüller (1880-1951), educador e socialista vienense, anteriormente membro da sociedade; o amigo mais íntimo de Adler, o seu mais proeminente colaborador e eventual biógrafo.

"... Posso dizer-lhe algumas palavras a sério? Admito a ambivalência dos meus sentimentos em relação ao senhor, mas inclino-me a tomar um ponto de vista honesto e absolutamente direto da situação. Se duvida da minha palavra, tanto pior para o senhor. Eu mostraria, contudo, que a sua técnica de tratar os discípulos como pacientes é uma asneira. Desse modo o senhor produz ou filhos servis ou fedelhos impudentes (Adler-Stekel e todo o bando insolente que agora muda de rumo em Viena). Sou objetivo o bastante para perceber o seu pequeno truque. O senhor anda por aí farejando todas as ações sintomáticas que ocorrem na sua vizinhança, reduzindo, assim, cada um ao nível de filhos e filhas, que admitem envergonhados a existência de seus erros. Enquanto isso o senhor permanece ao alto, como pai, em situação privilegiada. Por puro servilismo, ninguém se atreve a puxar o profeta pela barba e a perguntar de uma vez o que o senhor diria a um paciente com a tendência de analisar o analista em lugar de si mesmo. Certamente o senhor perguntar-lhe-ia: "**Quem** tem a neurose?"... O senhor vê, meu caro professor, enquanto o senhor transmitir esse tipo de coisa, não dou um vintém pelas minhas ações sintomáticas; elas desaparecem diante do formidável raio de luz no olhar do meu irmão Freud. Não sou de maneira alguma neurótico - bato três vezes na madeira! Submeti-me **lege artis et tout humblement** à análise e saí-me da melhor forma possível. O senhor sabe, é claro, até onde vai um paciente com auto-análise: **não** para fora da sua neurose - exatamente como o senhor. Se o senhor se livrasse completamente dos seus complexos e parasse de bancar o pai para o seus filhos e, ao invés de visar continuamente os pontos fracos destes, examinasse bem a si próprio, para variar, eu então me corrigiria e erradicaria de um só golpe o vício de hesitar em relação ao senhor. O senhor **ama os neuróticos** o bastante para estar sempre de acordo consigo mesmo? Mas talvez o senhor **odeie** os neuróticos. Nesse caso, como pode o senhor esperar que os seus esforços para tratar pacientes com brandura e amabilidade **não** sejam acompanhados de sentimentos um tanto confusos? Adler e Stekel foram levados pelos seus pequenos truques e reagiram com insolência pueril. Continuarei apoiando o senhor publicamente, enquanto mantenho minhas próprias opiniões, mas, em caráter privado, vou começar a dizer-lhe, nas minhas cartas, o que realmente penso do senhor. Considero este procedimento apenas decente... Não há dúvida de que o senhor se sentirá ultrajado por esta peculiar prova de amizade, mas pode fazer-lhe bem assim mesmo..." (338J, p. 542)

Essa carta, transcrita quase em sua integridade, somente não dispensa comentários porque assim como Freud, Jung também estava visivelmente possuído ao escrevê-la. Vejam, certo dia alguém me disse, "numa briga o que as pessoas falam deveria ser gravado e cada um deveria ouvir sua parte como um recado a si mesmo". Pois é isso que deveria ter sido feito pelos nossos dois queridos mestres nessa troca raivosa de cartas. Aqui eles se mostram tão desnudados em sua mesquinha humanidade, que me senti até um pouco triste ao lê-las. Entretanto, não foi apenas tristeza que me ocorreu, pois não consegui segurar uma certa sensação de achar que Freud merecia tal tratamento. Como se uma espécie de torcida por Jung estivesse tomando lugar dentro de mim. Certamente que essa torcida não passou despercebida e me deu um rico material psicológico para ser aqui trabalhado. Freud, até

certo ponto está certo em dizer que Jung o está traindo, pois era isso mesmo o que estava ocorrendo, até por isso que essa acusação desencadeou em Jung essa fúria desenfreada que acabamos de ver. Por outro lado, fica muito claro que Jung está à plena luz do dia, lutando vigorosamente com seu pai interno. Mas também Freud estava, de fato, sendo castrador e tentava despotencializar Jung a qualquer custo. Apesar de essa luta ser interna, ela encontrava um eco maravilhoso nessas figuras tão complicadas das quais estamos tratando. De qualquer forma, esta não é a última carta trocada entre eles, e muito menos a mais possuída de raiva. A resposta de Freud vem em duas doses, que transcrevo a seguir. Uma primeira carta de 22 de dezembro de 1912 onde ele escreve:

"... Lamento que a minha referência ao seu lapso o tenha irritado tanto; a reação do senhor parece desproporcional à ocasião. Considerando a sua alegação de que, uma vez que faço mau uso da psicanálise para manter os meus alunos num estado de dependência infantil, eu próprio sou responsável pelo comportamento pueril deles, prefiro não julgar as inferências que o senhor extrai desse argumento, porque é difícil julgar questões que dizem respeito à própria pessoa, e tais juízos não convencem ninguém. Quero simplesmente fornecer-lhe certos fatos concernentes aos fundamentos da sua teoria, e deixar que o senhor os examine. Em Viena acostumei-me à exprobração oposta, isto é, que me preocupo muito pouco com a análise de meus "alunos". E é bem verdade que, uma vez que Stekel, por exemplo, interrompeu o seu tratamento comigo há uns dez anos, eu jamais lhe disse uma palavra acerca da análise de sua própria pessoa. No caso de Adler fui ainda mais cauteloso no sentido de não fazer nada no gênero. Quaisquer observações analíticas que eu tenha feito sobre algum dos dois foram feitas a outros e, na maioria, depois que rompemos relações. Por conseguinte, não consigo ver por que o senhor se sente tão seguro do contrário..." (340F, p. 544)

E, como a repetição também pode ser um dos sintomas da possessão por complexos, ele escreve a 3 de janeiro do ano seguinte:

*"... Só posso responder com detalhes a um ponto de sua carta anterior. A sua acusação de que trato os meus seguidores como pacientes é demonstravelmente falsa. Em Viena sou censurado pelo exato oposto. Sou considerado responsável pela má conduta de Stekel e Adler; não disse uma só palavra a Stekel acerca de sua análise desde que foi concluída, há uns dez anos, nem jamais fiz uso da análise com Adler; que nunca foi meu paciente. Quaisquer observações analíticas que eu tenha feito sobre eles foram endereçadas a outros e, na maioria, numa época em que já havíamos deixado de ser associados. - Ao construir sobre esse fundamento, o senhor tornou a questão tão fácil para si mesmo quanto com a sua famosa "atitude de Kreuzlingen"... De outra forma a sua carta não pode ser respondida. Ela cria uma situação que será difícil de tratar numa conversa pessoal e totalmente impossível por correspondência. É uma convenção entre nós, analistas, a de que nenhum de nós precisa sentir-se envergonhado por sua própria dose de neurose. Mas alguém que, enquanto se comporta anormalmente, fica gritando que é normal, dá ensejo à suspeita de que lhe falta compreensão de sua doença. **Portanto,***

proponho que abandonemos integralmente as nossas relações pessoais. Não perderei nada com isso, pois o meu único laço emocional com o senhor tem sido há muito um fio delgado - efeito tardio de decepções passadas - e o senhor tem tudo a ganhar, em vista da observação que fez recentemente em Munique, de que um relacionamento íntimo com um homem inibia sua liberdade científica. Digo-lhe, portanto: tome a sua plena liberdade e poupe-me das suas supostas "provas de amizade". Estamos de acordo em que um homem deve subordinar seus sentimentos pessoais aos interesses gerais do seu ramo de empreendimentos. O senhor jamais terá razão para queixar-se de qualquer falta de correção de minha parte, no que diz respeito à nossa tarefa comum e à busca de objetivos científicos; posso dizer, não mais razão no futuro do que no passado. Por outro lado, tenho o direito de esperar o mesmo do senhor..." (342F, p. 545-46)

A impressão que fica é que ele leu a carta "secreta" de Jung duas vezes. Numa primeira leitura ele se irritou, mas relevou em grande parte as ofensas ali contidas, pois apesar de tudo, sua primeira resposta é um tanto quanto amena em comparação com a explosão de fúria da segunda. Nessa última, depois de uma provável segunda leitura da carta, a impressão é que todas as mágoas e raivas acumuladas nesses seis anos e oito meses de relacionamento vêm à tona e se derramam em cima dele. Digo isso especialmente pela parte destacada do texto, na qual é possível perceber uma dramaticidade exacerbada bastante peculiar da constelação de complexos. Freud deu passagem à sua fúria e propõem o rompimento do relacionamento entre eles. Não creio, visto o nível de rebaixamento de consciência que acometeu os dois, que um outro caminho fosse possível. Talvez uma conversa pessoal pudesse atrasar o processo, mas cedo ou tarde eles acabariam rompendo. Por um lado, era exatamente isso que Jung precisava, não porque Freud concretamente coibia sua liberdade criativa, mas porque para poder lidar com a coibição interna, ele precisava projetar isso em alguém. Esse alguém escolhido foi Freud, ate porque cabia perfeitamente no papel.

Neste mesmo dia 3 de janeiro de 1913, Jung também escrevia, mais amigavelmente, pra Freud:

"... Embora o senhor tenha, evidentemente, se ressentido muito da minha primeira carta secreta ou a tenha levado a mal, não posso deixar, embora evitando o assunto, de oferecer-lhe os meus amigáveis votos de Ano Novo... Não hesite em dizer-me se o senhor não deseja mais as minhas cartas secretas. Eu também posso passar sem elas. Desnecessário dizer que não tenho a intenção de atormentá-lo. Mas se o senhor professa uma atitude amistosa para comigo devo insistir no meu direito recíproco, e tratarei o senhor com a mesma consideração analítica que o senhor me oferece de vez em quando... Assim, se lhe ofereço a pura verdade é na intenção de fazer-lhe um bem, muito embora possa ferir..." (343J, p. 546)

Entretanto, com o recebimento da carta de Freud propondo o rompimento da relação entre eles, a seis de janeiro desse ano Jung escreve:

"... Caro professor Freud,... Acedo ao seu desejo de que abandonemos as nossas relações pessoais, pois eu nunca forcei amizade com ninguém. O senhor mesmo é o melhor juiz daquilo que este momento significa para o senhor. "O resto é silêncio..." (344J, p. 547)

Não há como negar que é um final banal e triste para uma relação tão frutífera como a desses dois proeminentes homens. De qualquer maneira, vale ressaltar, que quando Jung diz "Acedo ao **seu desejo**", ele deveria ter dito "Acedo ao nosso desejo". Pois não é possível deixar de perceber que Jung ofereceu-se ao suicídio, ele necessitava internamente desse rompimento, pois isso o libertaria de suas amarras, uma vez que essa projeção parece, como nos conta um pouco da história dos dois movimentos da psicologia profunda, ter ficado petrificada entre eles. De um lado ficou o filho traidor, tido como um homem que se aproveitou da boa vontade de Freud e que depois que essa não lhe servia mais, resolveu abandoná-lo. De outro lado, ficou o déspota, o tirano castrador de filhos e de visão limitada que tanto nós conhecemos. Essas duas imagens baseiam-se em complexos que remontam do início da relação dos dois. Sinto que está na hora de revermos essas concepções de uma vez por todas, afinal já se passaram 104 anos.

4. A sexualidade e a Religião

"O homem pode ignorar que tem uma religião, como pode também ignorar que tem um coração; mas sem religião e sem coração, não pode viver." (Leon Tolstoi)

"Sexo é hereditário. Se seus pais nunca fizeram, você não fará." (David Zing)

Não seria justo de minha parte não reconhecer as excelentes, e pouco exploradas, reflexões de Jung no campo da sexualidade humana. Se o fizesse, estaria não apenas sendo injusto, como também leviano. Jung, inteligente como era, pensou sim e, aparentemente, não foi pouco a respeito da sexualidade. O que torna ainda mais intrigante seu quase silêncio e a falta de interesse de seus seguidores neste campo. Hoje somos capazes, com tantas boas biografias dele, dizer que Jung gostava de sexo. Podemos também dizer que ele o praticou bastante, diferentemente do que se sabe sobre Freud, que, ao que parece num determinado ponto de sua existência, abdicou de sua sexualidade em prol da manutenção do casamento e da família. Jung não deixou que isso ocorresse em seu processo. Houve momentos de muita crise interna, onde essas demandas interiores o colocaram em conflito com seus preceitos éticos e morais. Conflito esse que se estendeu a seu casamento e seus relacionamentos com seus familiares. Quando Toni Wolff entrou na vida de Jung, no momento em que ele estava realizando o seu "confronto com o inconsciente", uma grande crise em seu casamento se deflagrou e Jung, amando duas mulheres ao mesmo tempo, viu-se num dilema dilacerante. Pois se reprimisse seu Eros, isso poderia ter conseqüências para todas as pessoas envolvidas em sua vida, especialmente para suas filhas. Barbara Hannah discute isso sob um ponto de vista menos carregado de julgamentos morais dizendo o seguinte:

*"...Aparentemente foi duro para Jung, justamente na época em que estava sendo testado no limite em seu "confronto com o inconsciente", ao mesmo tempo ter de lidar com o que é talvez o mais difícil problema que um homem casado tem de enfrentar: o fato de amar a esposa e outra mulher ao mesmo tempo... Em certa oportunidade ele disse a Marie-Luize von Franz e a mim que, curiosamente, justamente a família havia-lhe dado o impulso definitivo para procurar um **modus vivendi** a qualquer custo. Ele sabia o quanto isso era necessário a partir de sua atividade profissional, pois já havia visto inúmeras vezes o dano que os pais podem provocar em suas filhas por não terem vivido por completo sua vida erótica, a qual raramente é contida por completo no matrimônio, sendo a vida não vivida do*

pai inconscientemente projetada nas filhas. Ele contou-nos que esse medo fez com que passasse toda uma noite em claro, durante a qual foi lentamente percebendo que, caso se recusasse a viver a atração exterior que havia chegado a ele inteiramente do inconsciente e contra a sua vontade, ele inevitavelmente arruinaria o Eros de suas filhas..." (Hannah, 1976, p. 126)

Jung não me parece ser, de forma alguma, um homem leviano. Dessa maneira não poderia julgar que ele o tenha sido apenas em suas atitudes sexuais. Isso não deixa dúvidas, entretanto, de que ele teve uma vida sexual bastante ativa. Barbara continua:

"...O ciúmes é uma característica que jamais pode faltar em um ser humano completo, mas, como Jung muitas vezes dizia: "O núcleo de todo ciúmes é a falta de amor"... Jung foi capaz de dá-lo em boa quantidade tanto à esposa quanto a Toni e ambas o amavam de verdade, de modo que, embora houvesse longos períodos de amargos ciúmes entre elas, prevaleceu o amor no final, impedindo qualquer ação destrutiva de ambas as partes. Emma Jung chegou a afirmar, anos mais tarde: "Ele jamais tirou algo de mim para dar a Toni; quanto mais dava a ela, mais parecia que ele dava a mim"..." (Hannah, 1976, p. 127)

Fica, assim, demonstrado como a vida afetiva e sexual de Jung lhe eram importantes. De maneira alguma podemos olhar para sua vida e despojá-la desse aspecto. Parece-me ficar também claro que o fato de Jung não ter escrito sobre suas experiências nesse campo, da forma como o fez em outros campos em toda a sua obra, parece mais ter a ver com como ele julgava essas experiências e de como isso seria recebido pelo público.

Caso Jung não tivesse interesse pela sexualidade ele nunca teria se tornado colaborador de Freud. Ao nos determos no estudo das colaborações de Jung para o entendimento da sexualidade podemos perceber que elas podem ser divididas em dois momentos distintos: durante sua colaboração com Freud e depois do rompimento. Após o rompimento também podemos separar seus escritos sobre o assunto em dois grupos distintos: aquele onde ele usa o assunto para atacar Freud e sua teoria; e aquele, menor por sinal, onde ele realmente faz reflexões interessantes a respeito do assunto.

Vou apresentar esse rico material numa seqüência temporal. Começando logo que Jung se formou. Em sua dissertação de doutoramento sob o título "*Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos*" que data de 1902 temos a seguinte passagem que faz alusão ao problema da sexualidade:

"Os romances da paciente lançam muita luz sobre as raízes subjetivas de seus sonhos. Neles há uma profusão de casos amorosos abertos e secretos, de nascimentos ilegítimos e outras insinuações sexuais.

*O centro de todas estas histórias ambíguas é uma senhora de quem ela não gosta e que aos poucos se transforma em seu pólo oposto; enquanto Ivenes é o ápice da virtude, aquela senhora é a charneca mais profunda dos vícios. Mas sua teoria da reencarnação, na qual aparece como a mãe ancestral de incontáveis milênios, brota, em sua ingênua nudez, de uma fantasia exuberante, o que é bem característico da época da puberdade. É o sentimento sexual apreensivo da mulher, o sonho da fecundidade, que criou aquelas ideias monstruosas na paciente. Não estaremos equivocados se procurarmos na sexualidade emergente a principal causa desse quadro clínico peculiar. Visto sob este ângulo, todo o ser de Ivenes, juntamente com sua enorme família, **nada mais é do que um sonho de realização de desejos sexuais** que se distingue do sonho de uma noite pelo fato de prolongar-se por meses e anos.*"⁷ (JUNG, 1902, par. 120)

O que me parece interessante comentar é que Jung ainda parece bastante cru tanto em seu conhecimento de psicologia, como também no conhecimento dos conceitos cunhados por Freud. Claro que estamos quase 110 anos à sua frente e seria até covardia de minha parte criticá-lo por esse fato, mas apenas destaco-o como um ponto de interesse que mudará drasticamente nos anos que se seguirão. Outro ponto interessante é que Jung, aqui, parece fazer um ataque àquilo a que seu pai se dedicava. Não está fazendo um ataque direto à igreja de seu pai, pois ele trata nesta dissertação de uma menina, que hoje sabemos ser sua prima, que tinha poderes mediúnicos. De qualquer maneira trata-se de um possível ataque à uma religião. Sabemos hoje que a família por parte da mãe de Jung dedicava-se ao espiritismo, religião à qual ele parece estar atacando. Sabemos também que, em parte, a estruturação do pai interno leva muito elementos do animus da mãe. Dessa forma, podemos pensar não em um ataque direto ao pai, mas em um ataque à imagem paterna.

Já em 1904, tendo Jung voltado a se aprofundar nos estudos dos escritos de Freud, sua produção científica melhora muito de qualidade, tanto nas interpretações como no domínio dos conceitos psicanalíticos de que faz uso. Vejam que diferença:

"...nos sonhos encontramos até agora apenas metáforas do complexo sexual; temos em primeiro lugar os sonhos estereotipados de fogo e sangue que são de um simbolismo ingênuo. Eles dizem: "meu sangue está quente, tenho fortes sentimentos sexuais de amor". Os sonhos falam de cópula sexual. Sua doença está claramente ligada a menstruação... Precisava da doença como um obstáculo para o casamento. Tinha a escolha entre a doença e o homem, portanto, em sua relação com o meio ambiente, a escolha entre as alegrias do amor sexual e o cuidado e atenção dispensados a uma criança doente, o que tem suas vantagens para uma mentalidade feminina ingênua. No dia anterior havia dito que ela queria estar doente porque tinha medo do casamento e de estar sadia... O que diz o sonho? "uma enfermeira gritou: pare, isto é proibido". A enfermeira (minha substituta, portanto) falou isto quando a

7 Grifo do autor do presente trabalho

paciente quis refugiar-se num quarto por medo do homem preto. (No relato do sonho ficou claro que esta parte foi encoberta por uma inibição especial, pois só foi mencionada durante a análise). O medo do futuro sexual e de todas as suas conseqüências é muito grande para que a paciente pudesse abrir mão da doença. Prefere continuar doente, como esteve até agora, o que significa na prática receber os cuidados e carinhos da mãe... Lembremos, porém, que a “doença” tem duplo sentido. Sua doença é o complexo sexual, respectivamente os sentimentos sexuais reprimidos. A proibição soa portanto assim: É proibido ter sentimentos sexuais porque alguma coisa na sexualidade já está “ocupada”...” (JUNG, 1906 B, par. 833)

Como sabemos, em 1906 Jung manda estes estudos de associação para a apreciação do ainda apenas colega Freud, e partir de então eles iniciam uma correspondência que terá grande impacto nos escritos de Jung. Jung começa seus escritos com certa reticência em relação, principalmente, à teoria da sexualidade de Freud. Num prefácio por ele escrito em julho de 1906 essa sua resistência fica bem patente, transcrito na página 27 do segundo capítulo. Ali fica patente que ele acha as ideias de Freud muito interessantes, mas ainda guarda profundas dúvidas a respeito da validade de todas elas.

Jung tenta elaborar as diferenças com o mestre, expondo suas dúvidas e esperando que Freud as esclarecesse. Vejamos um pequeno exemplo extraído ainda da correspondência, em agosto de 1907 Jung escreve:

"...A sexualidade não é para o senhor apenas um componente da personalidade (ainda que o mais importante) e, nesse caso, o complexo sexual não seria o mais importante e o mais freqüente componente no quadro clínico da histeria? Não há sintomas histéricos que, embora codeterminados pelo complexo sexual, são condicionados predominantemente por uma sublimação ou por um complexo não sexual (profissão, emprego etc.)?..." (39J, p. 113)

Paulatinamente Jung vai se tornando cada vez mais psicanalista, parecendo até que, em determinado momento, não tem mais dúvidas e toma as teorias de Freud como verdades absolutas. Embora ele, depois do rompimento, diga que sempre teve pontos de vista diferentes dos de Freud, lendo seus escritos durante essa época não é o que parece. Vejamos, a título de exemplo, o que Jung escreve em 1910:

"...O movimento de que acima falamos, a urgência de reformas na moral sexual, não é invenção alguns cérebros sonhadores, mas um fenômeno que surge com todo impacto de uma força da natureza. Aqui não prospera nenhum argumento ou sofisma sobre a razão de ser da moral; devemos aceitar o que é mais inteligente e fazer disso o melhor ... Se a religião e a moral forem estilhaçadas no processo, pior para elas. É sinal de que não têm mais consistência. Também o conhecimento é uma força da natureza que

prosegue seu caminho com necessidade interna irresistível. Aqui não há camuflagens e negociatas, mas apenas uma aceitação incondicional." (JUNG, 1910, par. 929)

Quando li pela primeira vez esse trecho fiquei até assustado, pois sua posição é tão radical que chega a ser irresponsável. Entretanto, se olharmos mais atentamente, é possível verificar que Jung estava, na verdade, lutando contra a religião. Afinal, dizer que se a religião e a moral forem estilhaçadas é pior para elas, é no mínimo uma afronta ao que seu pai acreditava mais profundamente e tinha na mais alta conta. Ele termina esse parágrafo dizendo toda sua incondicional aceitação desse processo de que participa. Apesar de Jung afirmar o contrário, ao lermos as cartas e os escritos de Jung durante os anos de 1908 e 1909, fica-se com a clara sensação de que Jung aceitava as ideias de seu mestre de forma quase cega e sem muita reflexão.

Neste momento, nas cartas, Jung e Freud estavam muito envolvidos com a propagação da psicanálise e suas várias revistas e sociedades, que estavam se espalhando pelo mundo. Mas, Jung já havia, em 1909, entrado em contato com a mitologia e se aprofundava nos estudos da mesma. Mesclando mitologia, religião e arqueologia ele ia se afastando das ideias de Freud, por mais que tentasse enquadrar as coisas que entrava em contato no escopo da psicanálise.

A partir de então, como vimos, a separação vai se anunciando de forma inevitável. Jung desenvolve suas próprias ideias e vagorosamente se afasta do mestre que se ressentia. No exemplo a seguir já podemos ver como, em 1911, Jung já está declarando, em seus escritos, que não concorda inteiramente com a questão da exclusividade da sexualidade como ponto de partida de todos os sentimentos e de toda a personalidade.

"...A sexualidade como instinto importante, é motivo e causa de inúmeros afetos, que têm influência das mais eficazes sobre a linguagem. Mas os afetos não devem ser identificados com sexualidade porque podem provir de quaisquer situações conflitantes: assim, por exemplo, o instinto de autoconservação [função de alimentação] é fonte de muitas emoções."(JUNG, 1911, par. 7)

Este ponto de vista vai se aprofundando até que, em 1912, com a conclusão de seu livro "*Símbolos e Transformações da Libido*", Jung propõe um novo modelo de libido, declaradamente diferente daquele proposto por Freud. E, a partir de então, é que podemos perceber que Jung passa a se ocupar de outros assuntos que não a sexualidade. Como se ele fizesse uma "enantiôdromia" e fosse cuidar do pólo oposto ao que se preocupava até então.

Não estou dizendo que Jung desde o início concordou com as teorias de Freud a respeito da sexualidade e da libido, mas ele passou a aceitar essas ideias como verdadeiras, ou ao menos, deixou de exprimir suas dúvidas e divergências ao mestre por pelo menos dois anos. Pode ser que ele tenha tentado seguir o pai, esforçando-se nesse sentido e com o aprofundamento de seus estudos e de suas novas descobertas fracassou, e teve de seguir seu caminho. De qualquer forma, esse caminho deixou a reflexão a respeito da sexualidade um pouco relegada a um segundo plano.

Vejam alguns exemplos do que estou falando. Neste próximo trecho, extraído de conferências proferidas em setembro de 1912 em Nova Iorque, Jung coloca-se claramente contra o mestre, apontando de forma bastante interessante o que pensa sobre desenvolvimento infantil e de como ele vê o desenvolvimento sexual:

*"Este erro de formulação teórica aparece claramente na doutrina do assim chamado "período de latência sexual" na infância. FREUD observou que as manifestações sexuais da primeira infância - que eu chamo de **fenômenos de estágio pré-sexual** - desaparecem após algum tempo e reaparecem apenas bem mais tarde. O que FREUD denomina "masturbação infantil" (portanto todas aquelas manipulações quase sexuais de que já falamos) voltaria mais tarde como verdadeiro onanismo. Este processo de desenvolvimento seria biologicamente único. Segundo esta suposição impossível e conseqüência da afirmação de que as atividades infantis do estágio pré-sexual sejam fenômenos sexuais e que as manipulações parecidas com masturbação sejam realmente masturbações. Vinga-se aqui a terminologia incorreta e a desmesurada ampliação do conceito de sexualidade. Por isso, FREUD teve que reconhecer que havia um desaparecimento da sexualidade, ou seja, um período de latência sexual. O que ele chama de desaparecimento nada mais é do que o verdadeiro começo da sexualidade..." (JUNG, 1913, par. 370)*

É interessante perceber que Jung pensava muito a respeito do desenvolvimento infantil, assunto que também abandona por completo após seu rompimento com o mestre e pai intelectual Freud.

Nos próximos dois trechos, das mesmas conferências de setembro de 1912, Jung expõe claramente como pensa a libido de forma diferente de Freud, explicando a diferença de modo absolutamente claro e sem deixar dúvidas a respeito de sua posição.

"...Do ponto de vista energético, são formas de manifestação da libido. Daí a dificuldade de acreditarmos que a diferença entre a sexualidade madura e a sexualidade imatura esteja na intensidade da libido. Antes, parece-me que a diferença - se assim podemos dizer - é determinada pela

localização da libido...Já nos sentimos tentados agora a tirar do termo "libido" o seu qualificativo "sexual"..." (JUNG, 1913, par. 268)

"...A libido, como energia do processo vital em geral, nós a encontramos atuando na criança principalmente no âmbito da função da nutrição...Com o crescimento do indivíduo e desenvolvimento de seus órgãos, a libido cria para si novos rumos de necessidade, de atividade e de satisfação. O modelo primário da atividade rítmica, produzindo prazer e satisfação, se transfere então para a zona de outras funções, tendo como fim último a sexualidade..." (JUNG, 1913, par. 290)

Aqui está declarada de forma completa, as diferenças entre eles. Claro que depois que essas diferenças ficaram mais claras para ambos, Freud ressentiu-se muito com o fato e, como já vimos anteriormente, eles acabaram por romper relações.

Em 1914 é publicada sob o título de "*Questões Atuais da Psicoterapia*" a troca de correspondência entre Jung e R. Loy. Numa dessas cartas, escrita à 28 de janeiro de 1913 Jung diz:

*"Mas o que me afastou definitivamente do método indireto e relativamente eficaz da sugestão, por sua vez também baseado numa teoria de falsa eficácia, foi o conhecimento simultâneo de que atrás da desconcertante e decepcionante confusão das fantasias neuróticas há um **conflito** que podemos classificar como **moral**. Começou, então, para mim uma nova era de entendimento. Pesquisa e terapia se uniram para encontrar os fundamentos e a solução **racional** do conflito. Isto significava psicanálise para mim. Até chegar a esta concepção, FREUD já havia construído a sua teoria sexual da neurose e trazido à discussão grande quantidade de perguntas que me pareciam, todas elas, da máxima importância. Tive a ventura de acompanhar FREUD e de trabalhar com ele na perseguição do problema da sexualidade na neurose. **Você talvez se lembre de alguns trabalhos meus, mais antigos, em que demonstrei sempre minha dúvida sobre o sentido da sexualidade. Este é o ponto em que já não concordo com FREUD.**" (JUNG, 1914A, par. 583)*

Podemos perceber o quão curta é a memória do complexo, pois basta voltar e ler suas próprias criações para perceber que nem sempre ele demonstrou sua dúvida sobre o sentido da sexualidade. Mas, o que me parece, é que Jung estava muito interessado em patentear a diferença entre ele e Freud, e que algo se estagnou nesta necessidade de diferenciação.

Assim sendo, daqui por diante, veremos dois tipos bem claros de reflexões sobre a sexualidade. De um lado, Jung usa todas suas armas para desmerecer e mostrar o quão estreita era a visão de seu mestre, sem perceber que assim mantinha-se preso a ele, e não tão liberto quanto gostaria de crer. De outro lado, sem levar muito adiante, temos reflexões interessantíssimas, que mereceriam um aprofundamento que não se dá. É interessante

perceber que sempre que as palavras sexualidade e Freud aparecem no mesmo parágrafo, Jung está fazendo uma crítica dura ao seu mestre. Chamo Freud de mestre de Jung, pois não podemos mais deixar de perceber o quanto Jung aprendeu com ele, independentemente de qualquer rixa que ainda possa se ter entre as escolas.

Vamos, então, fazer uma incursão a esses dois tipos de reflexão a que fiz alusão acima. Para obedecer a uma certa ordem cronológica, comecemos com aquilo que Jung escreveu logo após seu rompimento com Freud. Vejam, ele está em pé de guerra com seu complexo projetado em Freud, e isso parece ficar claro ao lermos alguns de seus escritos. Jung diz em 1914:

*"Se pretendemos conhecer mais profundamente a questão psicológica, devemos ter em mente que todo conhecimento, no fundo, é condicionado pela subjetividade. O mundo também é como **nós o vemos**, e não puramente objetivo; isso vale ainda mais para a psique. Um entendimento "objetivo" da psique é tão questionável como no caso do **Fausto** ou da catedral de Colônia. E é nesta exigência de entendimento "objetivo" que repousa o valor e o não valor da psicologia experimental e da psicanálise de hoje. Na medida em que o espírito científico pensa apenas pelo princípio da causalidade, ele se torna incapaz de desenvolver uma compreensão prospectiva, elaborando somente uma compreensão retrospectiva. É como Ahriman, o diabo persa, que possui o dom de perceber tardiamente o que deveria ter sido feito. Mas esse espírito constitui metade da psique. A outra metade, e a mais importante, é construtiva, e se não conseguimos compreender de modo prospectivo, então absolutamente nada compreendermos. Se a psicanálise que segue a orientação de FREUD obtém êxito ao elaborar uma conexão concludente e exaustiva entre o desenvolvimento sexual infantil de GOETHE e o **Fausto**, ou, segundo a versão de ADLER, entre o desejo infantil de poder do GOETHE e sua obra, ela cumpre uma tarefa muito importante, a de mostrar como uma obra de arte pode ser reduzida ao esquema mais simples. Mas será que GOETHE criou essa obra **com essa finalidade**? Queria ele que alguém a entendesse desta maneira?" (JUNG, 1914B, par. 397)*

Apesar de não tratar especificamente de sexualidade, aqui a briga interna fica bem clara. Ele parece estar tentando matar o pai, tentando diminuir sua importância, mostrando para o mundo e para si próprio as limitações dele, mostrando o quão estreita é a visão de Freud. Claro que nós só fazemos isso na medida em que nos sentimos inseguros quanto ao nosso valor e ao valor verdadeiro de nossas ideias. Pois quando temos clareza das qualidades daquilo que falamos, não precisamos atacar as ideias do próximo, basta apenas que falemos. Sempre que uma pessoa ataca as ideias de outra, estamos lidando com um campo bem delicado, pois ali podemos encontrar não apenas uma boa ideia, mas também uma série de complexos tentando se atualizar no mundo. Mas vejamos o que Jung começa a falar quando a palavra sexualidade cruza seu caminho. Em 1916 Jung escreve:

*"Há dois caminhos que levam à dissolução do "estado de semelhança a Deus": o primeiro é a possibilidade de tentar restabelecer regressivamente a **persona** anterior, visando sujeitar o inconsciente através de uma teoria redutora; por exemplo, considerando-o "nada mais do que" uma manifestação da sexualidade infantil reprimida. A função sexual normal substituí-lo-ia então vantajosamente. Tal explicação se apóia no inegável simbolismo sexual da linguagem do inconsciente e na interpretação concreta da mesma. Outra teoria invocada seria a da vontade de poder, na qual se considera o "estado de semelhança a Deus" como um "protesto masculino" e como um desejo infantil de poder e necessidade de segurança; esta hipótese se apoiaria na inegável vontade de poder que o material inconsciente traz consigo. Poder-se-ia ainda explicar o inconsciente à base da psicologia coletiva arcaica dos primitivos, que explicaria não apenas o simbolismo sexual e a vontade de poder manifestada no "estado de semelhança a Deus", mas também satisfaria as tendências e aspectos religiosos, filosóficos e mitológicos dos conteúdos inconscientes." (JUNG, 1916, p. 137-38)*

Muitos exemplos parecidos com esse podem ser encontrados nos trechos da obra de Jung, especialmente aqueles onde as palavras sexualidade e Freud se encontram. Nesse caso específico ele não toca no nome de Freud, mas só por mera formalidade, pois fica claro que é de sua teoria que se fala. Mas, e mais interessante, é quando não encontramos essas duas palavras juntas e podemos vislumbrar o que realmente Jung pensava sobre sexualidade e não seus ataques ao pai intelectual Freud, disfarçados de uma tentativa de colocar a sexualidade em seu devido lugar.

Esses trechos, entretanto, encontramos apenas mais para frente no tempo. Por volta da metade da década de 20, mais exatamente em 1924, quando lhe foi encomendada uma palestra na Associação Acadêmica da Universidade de Zurique, Jung diz:

"... A puberdade é uma época de ilusões e de responsabilidade parcial. Isto se deve ao fato de o rapaz, até a época da maturidade sexual, ser ainda bastante infantil, ao passo que a moça desenvolve bem mais cedo as sutilezas psíquicas que fazem parte da puberdade. Nesta infantilidade do rapaz irrompe muitas vezes de modo tempestuoso e brutal a sexualidade, enquanto que na mocinha, apesar de se ter iniciado a puberdade, a sexualidade continua dormitando até que a paixão amorosa a acorde. Há um número surpreendentemente grande de mulheres em que a verdadeira sexualidade, apesar do casamento, continua por longo tempo virginal e talvez só se torne consciente quando a mulher se enamora de outro homem que não o marido. Este é o motivo por que muitas mulheres nada entendem da sexualidade masculina, pois não têm consciência alguma de sua própria sexualidade. O caso é diferente com o homem: a sexualidade se impõe a ele como realidade brutal, enchendo-o de tempestade e ímpeto, de necessidades e lutas. Raros são aqueles que escapam do doloroso e amedrontador problema da masturbação, ao passo que a mocinha pode estar praticando a masturbação durante anos, sem saber o que está fazendo... A irrupção da sexualidade no homem produz grande mudança em sua psicologia. Em breve terá a sexualidade do homem adulto, mas ainda

*tem alma de criança. Qual impetuosa água suja caem as torrentes de fantasias obscenas e o linguajar desbocado dos colegas sobre os sentimentos ternos e infantis, sufocando-os às vezes para sempre. Surgem conflitos morais inesperados, tentações de toda a espécie assaltam o novo homem e ocupam sua fantasia. A assimilação psíquica do complexo sexual traz-lhe as maiores dificuldade, mesmo que não tenha consciência do problema. O começo da puberdade também opera mudanças consideráveis na aparência do corpo e em seu metabolismo; surgem, por exemplo, erupções cutâneas purulentas que chamamos espinhas, da mesma forma, sua psique é afetada e tirada de seu equilíbrio. Nesta idade, o jovem está cheio de ilusões que são sempre sinal de perda de equilíbrio psíquico. Por longo tempo, as ilusões impossibilitam uma estabilidade e maturidade do julgamento. Seus gestos, interesses e planos de vida ainda mudam muito. De repente pode enamorar-se perdidamente por uma moça e quinze dias depois não consegue entender como pôde acontecer tal coisa. Está tão cheio de ilusões que precisa desses erros a fim de tomar consciência de seus gestos e de seu julgamento individual. Nesta idade está fazendo **experiências** com a vida. E **precisa** fazê-las a fim de pode construir julgamentos corretos. Mas não se fazem experiências sem erros ou falhas. Isto explica o fato de que a maioria dos homens teve alguma experiência sexual antes do casamento. Na puberdade, a experiência é muitas vezes homossexual e é muito mais freqüente do que imaginamos; mais tarde são experiências heterossexuais, nem sempre bonitas. Quanto menos o complexo sexual estiver assimilado ao todo da personalidade, tanto mais autônomo e instintivo será. A sexualidade será então puramente animalesca e não conhecerá qualquer diferença psíquica. A mulher mais degradada pode satisfazer, basta ser mulher e ter os respectivos caracteres secundários. Um passo errado desse tipo não autoriza que tiremos conclusões sobre o caráter definitivo do homem, pois o ato pode ter ocorrido numa época em que o complexo sexual ainda estava separado da influência psíquica. Contudo, muitas experiências desse tipo exercem influência negativa sobre a formação da personalidade, pois, devido ao costume, fixam a sexualidade num nível tão baixo que se torna inaceitável à personalidade moral. Decorre disto que este homem, apesar de externamente ser um respeitável esposo, moralmente alimenta fantasias sexuais profundamente arraigadas, ou ao menos as reprime, mas que, surgindo a oportunidade, voltam à tona na forma primitiva, para surpresa da esposa desprevenida, pressupondo-se que ela perceba alguma coisa. Nestes casos não é raro que se manifeste relativamente cedo uma frigidez de sentimentos para com a esposa. Muitas vezes a mulher é frígida desde o início do casamento porque não consegue reagir a esta espécie de sexualidade do homem..." (JUNG, 1924, par. 216-17)*

Vejam o que considero uma das interessantes reflexões a respeito da sexualidade. Explorado apenas uma vez em sua obra inteira, e nem estava sob o título de "desenvolvimento sexual" ou qualquer coisa que pudesse remeter ao assunto. Aqui Jung não apenas explora as diferenças dos desenvolvimentos sexuais no homem e na mulher, como cunha alguns termos muito interessante e de maneira diferente do que Freud faz. Quando Jung fala de um complexo sexual, ele não está se referindo, de forma alguma, a uma neurose sexual. Muito pelo contrário, ele se refere à assimilação do complexo sexual normal, que traz embutido em si as maiores dificuldades. Bem verdade que algumas de suas falas mostram que, apesar de tudo,

Jung é um homem também influenciado pelo pensamento coletivo de sua época. Entretanto, acredito que esses parágrafos são pérolas perdidas no meio do mar de sua imensa obra, que devem ser resgatadas e valorizadas com tal.

Neste trecho ele se mostra livre de seus complexos e fala livremente da sexualidade, daquilo que pensa a respeito dela. Mas logo no início dessa empreitada ele já enfatiza sua dificuldade em relação ao tema. Ele confessa sua aflição dizendo:

"...Podem crer que não é com leveza de coração que assumo a incumbência de abrir a discussão do problema amoroso do estudante com palavras de orientação geral. Esta discussão é algo incomum e apresenta aspectos difíceis se a encararmos com toda a seriedade e com consciência responsável..." (JUNG, 1924, par. 197)

Jung joga também algumas bombas nos costumes morais de sua época como, por exemplo, neste polêmico e muito interessante trecho onde diz:

*"...A grande maioria dos homens do nosso atual nível cultural jamais conseguiu ir além do sentido maternal da mulher e é por isso que a **anima** também não é capaz de ultrapassar o estágio primitivo infantil da prostituta..."* (JUNG, 1927 B, par. 76)

Esta última é daquelas partes de sua obra em que eu me sinto absolutamente órfão. Sendo tomado por um desejo de conversar com esse homem para poder aprofundar esse conhecimento e ir mais fundo nesse canto da alma humana, para lá descobrir o que poderíamos aprender de novo com esse mergulho.

De qualquer modo, é interessante perceber que nem sempre ele está lá ou cá. Existe ainda um terceiro tipo de reflexão sobre o assunto que mistura os dois primeiros tipos. É quando Jung escreve sobre como acredita e entende a sexualidade e, ao mesmo tempo, usa isso também como uma forma de ataque ao pai Freud. É como se estivesse tranqüilo falando daquilo que lhe interessa e de repente algo se intromete e escreve por ele. Esse trecho seguinte foi publicado em 1918 e diz o seguinte:

"Por outro lado, pode-se facilmente comprovar que a grande maioria dos conteúdos incompatíveis tem a ver com os fenômenos da vida sexual. A sexualidade é um instinto básico que, como todos sabem, é o mais cercado de mistérios e escrúpulos, e que, sob a forma de amor, pode ser a causa das mais violentas paixões, dos mais intensos anseios, dos mais profundos desesperos, dos sofrimentos mais secretos e das sensações mais dolorosas. A sexualidade é uma importante função física e uma função psíquica amplamente ramificada, sobre a qual repousa todo o futuro da humanidade. Portanto, ela é ao menos tão importante quanto a nutrição, embora seja um instinto de outro tipo. Mas enquanto a função

da nutrição, sob todas as suas variantes... pode ser satisfeita publicamente... a sexualidade está presa a um tabu moral e deve submeter-se a uma série de determinações legais e restrições de todo o tipo... Pode-se assim compreender que uma série de fortes interesses e afetos se reúna em torno dessa questão, pois em geral os afetos intervêm sempre em lugares onde a adaptação deixa a desejar. Além disso, a sexualidade, como já foi dito, é um instinto fundamental do ser humano – motivo suficiente para a bem conhecida teoria de FREUD que reduz tudo à sexualidade e traça um perfil inconsciente que mais parece uma quarto de despejo onde armazenamos todos os desejos infantis reprimidos, porque proibidos, e todos os desejos sexuais posteriores não permitidos..." (JUNG, 1918, par. 5)

Eu arriscaria até afirmar que não apenas a sexualidade reúna em torno de si uma série de afetos apenas porque falhamos em nos adaptar nesse campo, mas sim porque parece não existir limites claros para aquilo que é adaptado em termos de sexualidade. Tal como Eros, onde quer que tentemos colocar-lhe barreiras, a sexualidade dá a volta por outro canto para chegar a seu inevitável destino.

Agora que já pudemos dar uma pequena e rápida olhada naquilo que Jung escreveu sobre sexualidade, podemos nos perguntar: mas porque será que ele não desenvolveu esses ricos pensamentos a respeito do assunto? Nós já sabemos que não era por falta do que falar. Sabemos também que não era por desinteresse. Afinal sua vida mostra o oposto disso, ele parecia gostar muito de sexo e, provavelmente, o praticou com bastante frequência. Minha tese é de que ele não falou de sexualidade pelo mesmo motivo que, antes de se relacionar com Freud, escreveu uma tese tentando desmascarar os processos religiosos da prima, reduzindo-os a sintomas histéricos. Ou seja, por conta de sua péssima relação com o pai, seja ele biológico ou simbólico. É interessante perceber que após seu relacionamento com Freud, Jung libertou-se de suas questões com a religião e dedicou muito tempo e esforço intelectual a respeito do assunto. Tanto que temos hoje um volume inteiro dedicado exclusivamente ao assunto em suas obras publicadas. Por outro lado, parece ter transformado, em consequência, o assunto da sexualidade em um campo minado pelo complexo paterno. Quando fala, ou é para desvalorizá-lo ou para atacar o pai Freud. Claro que isso foi mudando durante a vida de Jung, de forma que, provavelmente, o que o refreou a falar da sexualidade de forma completa, pode ter sido não querer levantar o assunto polêmico de sua vida pessoal. Afinal, para a sociedade, sua vida amorosa poderia ser, naquele momento da história, um motivo de descrédito de sua pessoa. Dessa forma, pode ser que Jung tenha tido muito cuidado em não publicar ou deixar transparecer aquilo que vivia tanto erótica como sexualmente. Assim sendo, não podia mostrar para o mundo o que tinha a dizer a respeito do assunto, pois isso poderia ser muito mal interpretado. Isso parece ficar bastante claro, especialmente no cuidado

que a família teve em manter certos assuntos, como o de Toni Wolff, como segredos durante muito tempo, temendo que a revelação de tais assuntos pudesse desvalorizar a figura de Jung. Por isso mesmo que Sonu Shamdasani em seu belíssimo artigo "Memories, dreams, omissions" tenta recuperar a verdade dos fatos, mostrando tanto a importância de Toni Wolff como a de outras figuras como, por exemplo, Maria Moltzer, com quem Jung também teve um envolvimento amoroso e que foi de vital importância para ele. Claro que essas são apenas conjecturas sobre o que pode ter ocorrido, possibilidades de interpretação dos fatos e não uma verdade absoluta.

Vamos retomar alguns assuntos tratados anteriormente. Jung teve uma relação complicada com seu pai pessoal. Ele tentou fazer com que seu pai ousasse seguir os desígnios de Deus, mas para ele segui-los era assunto coletivo, assunto de fé, ao passo que para Jung era um assunto pessoal, individual. Jung não conseguia respeitar e entender as escolhas de seu pai, portanto ficou com a imagem de um pai fraco e desinteressante. Ao conhecer Freud, um bom tempo após a morte de seu pai pessoal, Jung encanta-se com um homem corajoso, impetuoso e à frente de seu tempo. Um homem que tinha a coragem que ele sentiu faltar em seu pai. Freud enfrentou a tudo e a todos por conta de sua verdade pessoal. Isso parece ter tido um grande impacto em Jung, uma vez que Freud estudava aquilo que ele julgava interessante e da maior importância. Todo seu investimento libidinal que não encontrava alvo voltou-se para Freud e sua psicanálise. Jung fez um mergulho fundo nesse campo e tornou-se não apenas um psicanalista, mas o príncipe herdeiro de Freud. Um dos homens que mais trabalhou em prol da propagação e divulgação das ideias de Freud. Embora eles tenham se deparado com divergências, houve um momento em que essas diferenças se apagaram em virtude de seu amor mútuo. Vagarosamente, a questão que Jung tinha com seu pai pessoal migrou para Freud, pois este também era humano e tinha suas limitações. Freud apegava-se a suas verdades como que a dogmas, nisso Jung tinha razão em acusá-lo, basta ler a correspondência para perceber isso. Com essa migração de energia psíquica, desfizeram-se suas questões com a religião, com os assuntos ocultos que sempre, mesmo que de maneira imperceptível, interessaram a ele. Assim Jung passou a estudar a mitologia, a história da civilização e das religiões e foi afastando-se de Freud e sua teoria sexual.

Mas, aqui é que reside o grande problema, Ao afastar-se de Freud e de sua teoria, um rompimento quase catastrófico sucedeu entre eles. Como em toda grande paixão, ocorre uma "enantiódromia" e um grande ódio e uma grande mágoa tomaram o lugar do amor. Como na maioria das relações parentais, um não conseguia entender o outro. Pois um falava a

linguagem do Puer (Jung) e o outro se defendia nos grilhões das verdades já sabidas como um bom Sênix (Freud). Desse rompimento ficaram cicatrizes. Creio que as maiores cicatrizes que ficaram em Jung foram, de um lado sua obsessividade em provar a estreiteza da visão de Freud e do outro uma possível dificuldade em falar sobre sexualidade. Fica a impressão de que esse assunto passou a ser tratado como uma espécie de tabu. Mesmo que Jung, durante sua vida, tenha superado suas questões com Freud, o assunto sexualidade permaneceu quase inexplorado. Mesmo Jung tendo vivenciado coisas importantes neste campo em sua vida pessoal, ele acabou por não compartilhar essas vivências da mesma forma como o fez com outras importantes experiências que teve.

Se nos atentarmos a alguns detalhes interessantes em nós mesmos perceberemos ao que me refiro. Por exemplo, em nossa formação para nos tornarmos analistas "Junguianos", não houve sequer uma hora de discussão sobre a sexualidade humana. Ela sempre é discutida de forma secundária, ou como um sintoma, ou como uma defesa. Mas nunca como ela própria e seus infindáveis derivativos. Fui pesquisar em outras instituições para saber se alguma incluía em seu currículo aulas sobre sexualidade e, sem surpresa, constatei que nenhuma delas a possuía. Quando a sexualidade aparece nunca é para ser tratada como assunto principal, mas como uma manifestação simbólica de algo mais. Nada contra isso, entretanto sinto que falta uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Quando se fala sobre sexualidade, ela se encontra vinculada à mitologia, à religião, à doença mental, à perversão e a inúmeras outras manifestações do psiquismo. Também nada contra isso, mas antes de associarmos a sexualidade à outras coisas, parece-me necessário que tenhamos uma clara visão a respeito da mesma. Tenho a impressão de que nós Junguianos não temos essa clara visão, temos uma visão do senso comum. Aqueles que se aprofundaram no assunto, certamente não o fizeram dentro da comunidade. Para assuntos de ordem espiritual, nós somos os especialistas. Ao passo que para os assuntos ligados à sexualidade ficamos sem um espaço legitimamente Junguiano.

Vejam, não estou com isso atacando nosso escopo teórico ou desmerecendo sua validade. Mas, se queremos perder a nossa unilateralidade, devemos olhar para outros campos da vida psíquica humana. Ou, ao menos, devemos olhar para aquela que historicamente ficou relegada a um segundo plano. Nós herdamos a rixa entre nossos mestres. Nós da psicologia dita profunda, herdamos uma briga que quase se tornou arquetípica. Digo isso no sentido de que para ser psicanalista é necessário olhar para os Junguianos de través e vice versa. Nossos preconceitos fazem com que olhemos para os psicanalistas como se fossem topeiras de visão

curta. Claro que os profissionais mais experientes e tarimbados aprenderam a esconder esse preconceito, mas ao se conversar com alunos de psicologia simpatizantes das duas linhas podemos verificar o que afirmo. Já provei através de exemplos como Jung tentou durante grande parte de sua obra se afirmar diante do pai Freud, tentando mostrar o quanto a visão de seu antigo mestre era reduzida e monótona. Freud por sua vez deixou um documento escrito em 1914 a respeito da história da psicanálise, onde fica muito claro o lugar que ficou reservado para Jung, seu querido e amado “príncipe e herdeiro”.

Olhemos primeiramente para minha afirmação de que Jung passou grande parte de sua vida lutando com seu complexo paterno transferido para Freud. Para tanto selecionei duas passagens de sua obra, uma publicada em 1931 embora tenha sido uma palestra proferida em 1927, e outra redigida em 1961 e publicada em 1964. A primeira diz:

“Se me ponho agora a discutir o problema da relação entre psicologia analítica e cosmovisão, faço-o sob o ponto de vista que acabo de explicar, a saber: As descobertas da psicologia analítica acrescentam alguma coisa nova à nossa cosmovisão, ou não? Para tratar desta questão com proveito, precisamos primeiramente considerar a natureza da psicologia analítica. Com este termo designo uma corrente especial da Psicologia que trata principalmente dos chamados fenômenos psíquicos complexos, ao contrário da psicologia fisiológica ou experimental que procura reduzir os fenômenos complexos, o quanto possível, a seus elementos. O termo “analítico” provém do fato de que esta corrente da Psicologia se desenvolveu a partir da “psicanálise” originalmente formulada por Freud. Este último identifica a psicanálise com sua teoria do sexo e da repressão, fixando-a, assim, em um corpo doutrinário. Por esta razão evito a expressão “psicanálise”, quando discuto algo muito mais do que matérias de caráter meramente técnico... A idéia que norteia a psicologia interpretativa de Freud é o conhecidíssimo materialismo racionalista do final do século XIX. Deste materialismo não pode resultar uma concepção diferente do mundo e, conseqüentemente, também uma atitude diferente do homem em relação ao mundo...” (JUNG, 1931, par. 701-5)

E a segunda diz:

“Não podia compartilhar do interesse quase exclusivo de FREUD pela sexualidade. Certamente a sexualidade desempenha papel importante entre os fatores humanos, mas em muitos casos ela só ocupa o segundo lugar, depois da fome, instinto de poder, ambição, fanatismo, inveja, ódio, ou da paixão ardente do impulso criador e do espírito religioso.” (JUNG, 1961, par. 493)

Vamos agora ao presente que Freud deixou para seus seguidores, presente fruto da raiva e do ressentimento guardados na época do rompimento entre os dois. Freud escreveu este texto e calou-se a respeito de Jung para o resto de sua vida. Ignorou-o completamente. Por favor, não entendam o que afirmo como um julgamento a respeito de sua reação, afinal

nenhum dos dois soube lidar com a situação de uma forma que poderia ser julgada como criativa, pois se o tivessem feito não teríamos herdado suas mágoas. Freud escreve:

"... Essa posição que fora de início ocupada por mim, dado meu acervo de quinze anos de experiências, devia ser agora transferido para um homem mais jovem, que então, naturalmente ocuparia meu lugar após a minha morte. Esse homem só poderia ser C. G. Jung,... Jung tinha a seu favor dotes excepcionais, as contribuições que já prestara à psicanálise, sua posição independente e a impressão de firme energia que sua personalidade transmitia... Eu não tinha, na ocasião, a menor idéia de que apesar de todas essas vantagens a escolha era a mais infeliz possível, que eu havia escolhido uma pessoa incapaz de tolerar a autoridade de outra, mais incapaz ainda de exercê-la ele próprio, e cujas energias se voltavam inteiramente para a promoção de seus próprios interesses... O desapontamento que me causaram talvez tivesse sido evitado se eu tivesse prestado mais atenção às reações de pacientes sob tratamento analítico. Eu sabia muito bem, naturalmente, que qualquer pessoas, ao primeiro contato com as realidades desagradáveis da análise, pode reagir fugindo... Mas eu não esperava que alguém que houvesse alcançado certa profundidade na compreensão da análise pudesse renunciar a essa compreensão e perdê-la... tive que aprender que a mesmíssima coisa pode acontecer tanto com psicanalistas como com pacientes em análise... Não estou interessado na verdade que possa estar contida nas teorias que venho rejeitando, nem tentarei refutá-las... Jung, faz-se apelo ao direito histórico da juventude de romper os grilhões com os quais a tirania dos mais velhos e seus pontos de vista tacanhos procuram aprisioná-la... A modificação de Jung... afrouxa a conexão dos fenômenos com a vida instintiva; e além disso... é tão obscura, ininteligível e confusa a ponto de se tornar difícil assumir uma posição em relação a ela... É claro que sou perfeitamente capaz de admitir que cada um tem o direito de pensar e escrever o que quiser, mas não tem o direito de apresentá-lo como uma coisa que não é... [para Jung] o pai que é assassinado no mito de Édipo é o pai "interior", de quem nos devemos libertar a fim de nos tornarmos independentes... Dessa forma, criou-se um novo sistema ético-religioso, que, tal qual o sistema adleriano, estava destinado a reinterpretar, distorcer ou alijar os achados efetivos da análise... Não é difícil refutar com argumentos concretos as concepções errôneas de Jung sobre a psicanálise e os desvios dela. Toda análise conduzida de maneira adequada, e em particular toda análise de criança, fortalece as convicções as quais se fundamenta a teoria da psicanálise... Os homens são fortes enquanto representam uma idéia forte; enfraquecem-se quando se opõem a ela. A psicanálise sobreviverá a essa perda e a compensará com a conquista de novos partidários. Para concluir quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para o seu gosto. E possamos todos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas... Fevereiro de 1914." (FREUD, 1914)

Certamente quem nunca entrou em contato com a obra de Jung, e apenas leu o que Freud escreveu a respeito, deve ter uma impressão bastante distorcida a respeito do mesmo. Assim como aqueles que nunca entraram em contato com a obra de Freud, lendo apenas o que Jung escreveu a respeito da mesma, fica também, com uma imagem distorcida do mesmo. Essa

imagem distorcida, muito além de apenas ignorância, é fruto da restrita e distorcida memória do complexo. Os dois ficaram marcados para sempre em relação ao seu rompimento, uma cicatriz que até hoje, vez ou outra, ainda dói em seus seguidores.

Olhemos para outros fatos interessante da obra de Jung em relação ao assunto proibido da sexualidade. Fiz um pequeno levantamento para ter uma idéia se minha impressão batia com a realidade da obra de Jung. Peguei algumas palavras e fui procurar nos índices analíticos sua recorrência nos escritos de nosso mestre. Vejam que coisas interessantes acabei descobrindo: A palavras escolhidas foram FREUD; SEXUALIDADE (e seus derivados, p. ex. Sexual, Sexo, etc.); O cruzamento entre FREUD e SEXUALIDADE; e ESPÍRITO. Dentro do assunto sexualidade, até para ter uma idéia de que sexualidade ele fala, escolhi aleatoriamente algumas palavras e fui verificar se as encontrava. As palavras foram: ORGASMO; MASTURBAÇÃO (e seus derivativos, p. ex., onanismo etc.); PÊNIS; FALO; VAGINA; COITO; HOMOSSEXUALIDADE; GOZO; GENITAIS.

A obra publicada de Jung em português contém, em parágrafos numerados, um total de 14378. A palavra Freud apareceu em 798 parágrafos, segundo os índices analíticos, já a palavra sexualidade obteve aproximadamente metade disso com 390. O cruzamento entre os dois foi de 90 parágrafos. Para a palavra espírito encontrei uma ocorrência de 1055 parágrafos. Ou seja, a palavra espírito tem uma ocorrência 3 vezes maior do que a palavra sexualidade. Em porcentagem teríamos 2,71% de ocorrência de sexualidade contra 7,34% de espírito. É claro que esses números não dizem muito, mas tomei-os apenas como um exemplo, como aquela luz do painel que se ascende num carro que está prestes a quebrar. Quando entramos nas especificidades da sexualidade, com as palavras acima descritas, encontramos, por exemplo, que a palavra orgasmo ou gozo não aparecem nunca na obra inteira. FALO aparece em apenas 35 parágrafos e é a palavra com mais ocorrências de todas as pesquisadas, e é seguida de perto por HOMOSSEXUALIDADE com 29 parágrafos; GENITAIS com 25; MASTURBAÇÃO com 24; COITO com 18; PÊNIS com 14; VAGINA com 1.

Com tudo isso eu gostaria de frisar que considero a sexualidade humana um importantíssimo campo de estudos para os psicólogos. Dessa maneira, sinto a necessidade de construirmos um conhecimento, a partir da psicologia analítica, dessas manifestações psíquicas tão interessantes e ramificadas. Fico, então, com as palavras de Jung que diz:

"... Por isso também não creio que a discussão do problema sexual seja algo não sadio ou até mesmo degenerativo, mas vejo neste problema um sintoma do grande processo de revolução psicológica de

nosso tempo, tão rico em mudanças desse tipo. Acho mesmo que é melhor e mais sadio que se discuta com seriedade e profundidade esta tão importante questão para a vida e felicidade das pessoas..."
(JUNG, 1924, par. 214)

5. Considerações Finais

Caro leitor, retomemos então, a fim de compreendermos as questões aqui expostas, um resumo daquilo tudo que exploramos neste trabalho. Primeiramente, trabalhamos o apaixonamento entre Freud e Jung a fim de examinarmos a grande quantidade de projeções envolvidas nesse relacionamento. Vimos que eles foram muito apaixonados um pelo outro, com fartos exemplos extraídos de sua correspondência.

No segundo capítulo verificamos que esse apaixonamento não era propriamente erótico sexual, mas sim um apaixonamento entre pai e filho. Ficou demonstrado que Jung transferiu para Freud o pai que tanto desejou ter, mas que seu pai pessoal não pode ser. Freud, por sua vez, viu em Jung o filho genial que gostaria de ter tido, e que a vida não lhe

proporcionou. Essas duas necessidades combinadas resultaram num relacionamento bastante carregado de afetos, desejos e expectativas, tal qual qualquer relacionamento apaixonado. Esse tipo de relação, para transformar-se em amor, necessita de um grande trabalho psíquico de ambas as partes envolvidas, trabalho esse que envolve grandes doses de autoconhecimento, e também de muita humildade. Pudemos perceber que da primeira qualidade os dois possuíam grau avançado, ao menos para sua época, entretanto da segunda, ambos pouco a tinham desenvolvido.

Naturalmente que a distância que ajuda nos processos de projeção, também atrapalha nos momentos de crise. As realidades pessoais foram aparecendo vagarosamente graças à distância, ou seja, de um lado a necessidade de Jung em ser livre para pensar e perseguir suas intuições e verdades, e do outro a necessidade de Freud em se apegar a suas verdades que significaram para ele a sobrevivência de sua obra e do sentido de sua vida. Ambos não conseguiram conciliar suas necessidades pessoais e o relacionamento teve um fim trágico. Explorei as minúcias desse rompimento para demonstrar que, para os dois, essa quebra teve uma repercussão grande e duradoura. Tão duradoura que nós, seus "seguidores", acabamos por herdar essa questão que se originou entre eles.

Também quis demonstrar que o problema de Jung para falar de sexo tem menos a ver com questões suas pessoais em relação à sexualidade do que com suas questões de relacionamento com Freud. Também não podemos culpá-lo por falta de interesse ou mesmo de reflexão a respeito do assunto. Como vimos, Jung escreveu muito pouco a respeito da sexualidade. Alguns escritos são muito interessantes, mas, em sua maioria, foram pouco desenvolvidos. O que tentei deixar claro com esse trabalho é que Jung transferiu sua dificuldade com o pai terrível, que antes ficara projetada em seu pai pessoal e sua religiosidade, para seu pai intelectual Freud cercando, dessa forma, o assunto sexualidade como sendo uma posse sagrada desse último. Freud, por sua vez, deixa muito claro que sua preciosa teoria sexual não poderia ser violada por meio das modificações propostas por Jung. Assim, Jung foi explorar tudo aquilo que não tocasse nesse terreno sagrado do pai. É interessante perceber como a interdição paterna migrou da religião para a sexualidade, assim como o complexo paterno negativo migrou de seu pai pessoal para Freud.

Para Jung a elaboração de seu livro "Transformações e Símbolos da Libido" libertou-o para falar sobre a vida espiritual, religiosa e histórica do homem. De maneira parecida este

trabalho serve para mim como uma libertação, para que eu possa me embrenhar no estudo da sexualidade humana dentro do escopo da Psicologia Analítica.

Referências Bibliográficas

Freud, S. A história do movimento psicanalítico. Trad. de Themira de Oliveira Brito e Paulo Henriques Brito. In: Os pensadores, 39º V. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

Hannah, B. Jung: vida e obra - uma memória biográfica. Trad. de Alceu Fillmann. Porto Alegre: Artmed Editora; 2003.

Jung, CG. Memórias, sonhos, reflexões. Trad. de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1975.

Jung, CG. (1902) Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos. In: Jung, CG. Estudos psiquiátricos. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 2008. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. I)

Jung, CG. (1906 A) Prefácio. In: Jung, CG. Psicogênese das doenças mentais. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes; 1986. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. III)

Jung, CG. (1906 B) Associação, Sonho e Sintoma histérico. In: Jung, CG. Estudos Experimentais. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1997. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. II)

Jung, CG. (1909) A importância do pai no destino do indivíduo. In: Freud e a Psicanálise. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1990. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. IV)

Jung, CG. (1910) Comentários ao livro de Wittels: "Die sexuelle Not". In: Jung, CG. A Vida simbólica. Trad. Dr. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes; 2008. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. XVIII/1)

Jung, CG. (1911) As Duas Formas de Pensamento. In: Jung, CG. Símbolos da Transformação. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes. 1986. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. V)

Jung, CG. (1913) Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica. In: Jung, CG. Freud e a Psicanálise. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes. 1990. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. IV)

Jung, CG. (1914 A) Questões Atuais da Psicoterapia: Correspondência entre C. G. Jung e R. Loy. In: Freud e a Psicanálise. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1990. (Edição Brasileira das Obras Coligadas de Carl Gustav Jung, v. IV)

Jung, CG. (1914 B) A interpretação psicológica dos processos patológicos. In: Jung, CG. Psicogênese das doenças mentais. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes; 1986. (Edição Brasileira das Obras Coligadas de Carl Gustav Jung, v. III)

Jung, CG. (1916) A estrutura do Inconsciente. In: Jung, CG. O Eu e o Inconsciente. Trad. Dra. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes; 1994. (Edição Brasileira das Obras Coligadas de Carl Gustav Jung, v. VII/2)

Jung, CG. (1918) Sobre o inconsciente. In: Jung, CG Psicologia em transição. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1993. (Edição Brasileira das Obras Coligadas de Carl Gustav Jung, v. X)

Jung, CG. (1924) O problema amoroso do estudante. In: Jung, CG Psicologia em transição. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1993. (Edição Brasileira das Obras Coligadas de Carl Gustav Jung, v. X.)

Jung, CG. (1927 A) A mulher na Europa. In: Jung, CG Psicologia em transição. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1993. (Edição Brasileira das Obras Coligadas de Carl Gustav Jung, v. X)

Jung, CG. (1927 B) Alma e terra. In: Jung, CG Psicologia em transição. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1993. (Edição Brasileira das Obras Coligadas de Carl Gustav Jung, v. X)

Jung, CG. (1929) A divergência entre Freud e Jung. In: Freud e a Psicanálise. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes; 1990. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. IV)

Jung, CG. (1931) Psicologia Analítica e Cosmovisão. In: Jung, CG. A Natureza da Psique. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. VIII/2)

Jung, CG. (1961) Símbolos e interpretação dos sonhos. In: Jung, CG. A Vida simbólica. Trad. Dr. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes; 2008. (Edição Brasileira das Obras Coligidas de Carl Gustav Jung, v. XVIII/1)

Shamdasani, S. Memories, Dreams, Omissions. In: Spring: journal of archetype and culture, 1995.

McGuire, W. A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung. Trad. de Leonardo Fróes e Euduro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.